





ALUNOS E FUNCIONÁRIOS DA UNIDADE DE LARANJEIRAS, 2024.





ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA
"ELIEZER STEINBERG"

DO INSTITUTO ISRAELITA BRASILEIRO DE CULTURA E EDUCAÇÃO

RUA DAS LARANJEIRAS, 405
RIO DE JANEIRO



יידיש-בראזיליאנישע פאלק
"אליעזער שטיינבארג"

TURMA DO GINÁSIO (ATUAL FUND II) NA ESCADA DO PRÉDIO DE TIJOLINHOS, 1978.

ביים פאלקס - אינסטיטוט פאר קולטור און דער



CADERNE

1º GRAU	CURSO	ELIEZER

ESCOLA ISRAELITA
ELIEZER

RUA DAS LARANJEIRAS, 405
TEL. 245

À MEDIDA QUE A ESCOLA ELIEZER MAX celebra seus 70 anos de existência, refletimos sobre nossa missão de transcender a excelência acadêmica, moldando cidadãos preparados para o mundo e conscientes de suas responsabilidades pessoal, comunitária e social. Com uma abordagem enraizada em valores judaicos, acreditamos na autonomia do desenvolvimento intelectual e no conhecimento como ferramenta de transformação, ao mesmo tempo em que garantimos que nossas tradições e nossos valores sejam transmitidos de geração em geração.

Uma das frases notáveis do rabino Jonathan Sacks sobre educação é: “Educação não é apenas o que sabemos. É quem somos”. A educação vai muito além do acúmulo de conhecimento: ela molda nosso caráter e define nossa identidade.

Esta visão é fortalecida pela filosofia de aprendizado reflexivo, que encoraja o questionamento e a reflexão profunda. Aqui, no Eliezer, a jornada educacional é uma preparação para a vida, habilitando os alunos a não apenas enfrentar os desafios contemporâneos, mas também a contribuir de maneira significativa para a sociedade, em consonância com os ensinamentos judaicos.

E que venham os próximos 70 anos!

Daniel Orlean

Presidente da Diretoria de Pais

“A vida de um povo não para e sua cultura não pode ficar estagnada, tem que ser sempre renovada; um povo não pode viver apenas de sua cultura antiga, mesmo que tão rica como é a sua cultura antiga.”

O discurso que Lerer Tabak — um dos fundadores e primeiro diretor do Eliezer Steinbarg — proferiu em 1994, em virtude dos 40 anos da escola completos naquele ano, traduz a essência do que vai neste livro.

Conhecer a história da nossa escola é mais do que mergulhar no maravilhoso universo dos personagens que contribuíram para tornar esse sonho realidade. É também reverenciar as ideias que há sete décadas unem gerações de alunos, profissionais e voluntários e que servem de referência para nos guiar nos mares do futuro.

Este livro que entregamos agora tem a pretensão de deixar como legado os ideais de educação judaica da nossa escola, a visão de seus fundadores, a evolução da sua trajetória, bem como ser um registro do nosso projeto vivo e em movimento, sempre atento às demandas de um mundo em acelerada transformação.

Ao fazer 70 anos, tendo como referência esse precioso passado, o Eliezer Max ergue a cabeça e caminha adiante, contribuindo para garantir a perpetuação do povo judeu e o progresso da sociedade brasileira na qual estamos inseridos.

A história da Escola Eliezer Max é, acima de tudo, uma história de amor.

Bruno Gottlieb
Diretor Administrativo

O LIVRO QUE VOCÊ TEM EM MÃOS é fruto de um trabalho feito por muitas pessoas, assim como a história que ele conta. Emoldurados por epígrafes inspiradoras, tal como o poema de Yehuda Amichai e citações ao Pirkei Avot, os capítulos apresentam dados, imagens e depoimentos de pessoas ligadas à história da Escola Eliezer Max, que deixaram suas marcas nesse caminhar. E aqui, minha gente, é importante que se diga, é impossível não se emocionar!

São histórias que lembram figuras emblemáticas como o primeiro diretor, Lerer Tabak; a Dona Therezinha, secretária com uma memória e sabedoria inestimáveis; e também a Dona Dora, diretora que todos admiravam. Além da citação às pessoas, o livro nos apresenta relatos de sonhos, dificuldades, conflitos e dilemas enfrentados e superados, fazendo com que nos sintamos ainda mais orgulhosos de pertencer a esta comunidade no tempo presente.

Como membro do time profissional atual, posso dizer que a obra nos inspira a seguir buscando o permanente aprimoramento do trabalho, como forma de honrar o ideal e todo o esforço daqueles que vieram antes de nós.

Vida longa à nossa querida Escola Eliezer Max e ótima leitura a todos!

Thelma Polon
Diretora Pedagógica

SUMÁRIO

Introdução	11
1. A semente	15
2. Um laço novo	51
3. A casa	69
4. Da escola para o mundo	95
5. O futuro hoje	117
6. A história que fica	135
 Palavras finais por Marcelo Weisz Brassay	 150
 Anexos	 153
Presidentes da Diretoria de Pais	154
Presidentes da Diretoria do IIBCE	155
Direção Profissional	156
Agradecimentos	157
Créditos	158

פסח



eliezermax

1ª OLIMPÍADA INTERCOLEGIAL, HEBRAICA, 1970.

בית ספר א.ש.ס. נגב



INTRODUÇÃO

Este livro celebra os 70 anos do Eliezer Steinbarg, hoje Eliezer Max, resultado da fusão de duas das mais tradicionais instituições judaicas de ensino com sede no Rio de Janeiro. Em 2001, o Eliezer Steinbarg e o Max Nordau se associaram, compartilhando talentos e experiências. Uma nova jornada teve início ali e para o seu sucesso foram fundamentais as contribuições de lado a lado, bem como as bagagens históricas das duas escolas.

Em 2024, comemoram-se as sete décadas de fundação do Eliezer Steinbarg, cuja trajetória será detalhada aqui. Este aniversário motivou a edição do livro que você tem em mãos. A partir de um recorte temporal bem-marcado, que coincide com uma época de grande mudança no mundo, em termos sociais e econômicos, tecnológicos e ambientais, o livro fala de idealismo, valores judaicos, trabalho, compromisso comunitário e também de bons encontros que, ao longo de 70 anos, foram voltados, essencialmente, ao propósito de educar e formar pessoas.

O ponto de partida do livro tem por inspiração a letra Ayin, de valor 70 no alfabeto hebraico, e conhecida por remeter ao olho e ao olhar. Apoiados nesta referência, conjugam-se passado, presente e futuro, em um convite para abrir a janela do tempo e olhar uma paisagem única, que mostra o Eliezer e sua história. Até onde os olhos alcançam, há a visão clara de tudo que já foi feito combinada à promessa de novos avanços.

Nesta perspectiva, o livro documenta, revisita fatos importantes e reaviva lembranças que atestam a beleza do caminho, ao mesmo tempo em que homenageia várias gerações.

Este livro-celebração teve a produção iniciada no segundo semestre de 2023, apoiada, de início, nas informações levantadas por várias gerações de voluntários e profissionais em décadas passadas para o Projeto Memória, e consolidadas em um processo formal de pesquisa que o Eliezer Max conduz desde 2022.

Para que fosse mais abrangente, o conteúdo foi desenvolvido de modo a contemplar também diversas entrevistas. Elas foram realizadas ao longo de quase seis meses para o levantamento de relatos e a definição do desenho da narrativa, bem como do projeto gráfico do livro. A publicação está dividida em seis capítulos e permite uma viagem desde as origens da escola, terminando com um sobrevoo próximo a seu momento mais recente.

Resumidamente, é possível dizer que, de início, no Capítulo 1, é estabelecida uma visão retrospectiva. Fala-se da origem da escola e dos pioneiros que trabalharam por sua fundação, destacando seu compromisso de dar curso à transmissão de conhecimento e da cultura judaica por meio de uma escola comunitária que cresceu rapidamente e pela qual trabalharam várias gerações.

Em seguida, no segundo capítulo, o foco é a fusão com o Colégio Max Nordau, ocorrida em 2001, e os desdobramentos advindos daí. A narrativa avança pelo Capítulo 3, com informações sobre as instalações físicas da escola e as transformações ao longo dos anos. À medida que novas séries passaram a ser oferecidas, com simultânea modernização do projeto pedagógico e progressivo uso de tecnologia, cresceu a demanda por salas de aula e espaços auxiliares, como laboratórios e área esportiva. De que forma o Eliezer

acomodou o próprio crescimento? A resposta para essa questão envolve estratégia e visão de longo prazo, ao lado do compromisso com a gestão responsável do patrimônio.

O Capítulo 4 retrata a escola segundo a evolução do projeto pedagógico do Eliezer Max, incluindo, entre outros temas, as parcerias firmadas e os processos e planos de trabalho envolvidos no acolhimento dos talentos de cada aluno e na formação do pensamento crítico.

A seguir, caminhando para o final, o Capítulo 5 traz a voz das professoras que destacam a marca da sala de aula do Eliezer Max, abordando as transformações sem prejuízo dos valores que constituem a escola. É um trecho do livro que trata também dos passos mais recentes da escola para consolidar a cultura judaica como eixo central de trabalho, inclusive na estruturação do projeto pedagógico, segundo princípios humanistas e pluralistas e com amplo reconhecimento das diferenças. O fechamento, no Capítulo 6, é feito com a reunião de depoimentos da comunidade Eliezer Max.

Em todas as etapas de preparação do livro, foi fato recorrente esbarrar com a emoção de quem tem algum tipo de relação com a escola, assim como foi unânime, entre todos esses interlocutores, o cuidado de creditar a longevidade e o sucesso do Eliezer ao seu projeto de construção conjunta, comunitária.

Sempre que um entrevistado trouxe seu testemunho, falou por ele e por muitos de seus contemporâneos. Muitas vezes, foi além: falou também por seus pais, por seus avós, para enaltecer a informação mais precisa, com atenção à necessidade de sempre celebrar a dedicação a esse desafiador projeto de promover o extraordinário de cada um.

Mesmo diante da impossibilidade de colher os depoimentos de todos os que fizeram a história destes 70 anos, de citar todos os nomes de quem passou pela escola, este livro é um instrumento que, ambiciosamente, registra um agradecimento e deixa gravada a importância de toda e cada pessoa que colaborou para fazer acontecer o Eliezer Steinbarg e, desde 2001, o Eliezer Max.



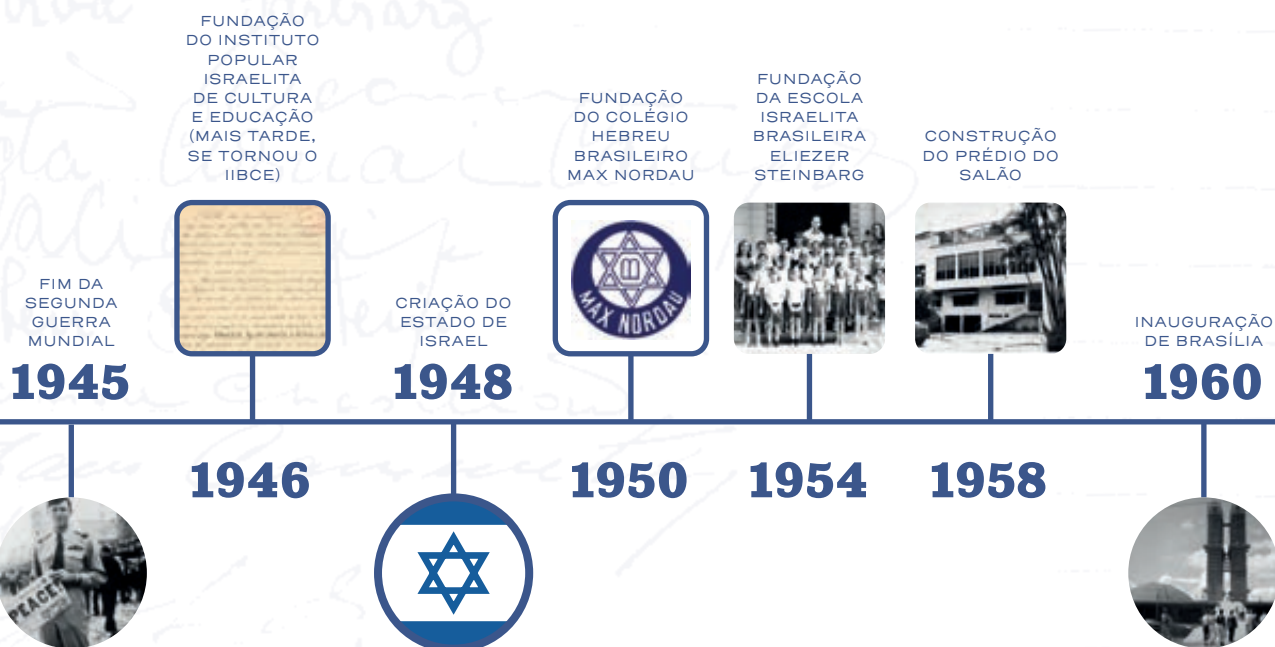
PRIMEIRO DIRETOR ESCOLA SCHOLEM ALEICHEM, FUNDADA EM 1928, ELIEZER STEINBARG POSA COM OS MEMBROS DO PRIMEIRO CONSELHO DO COLÉGIO. DA ESQUERDA PARA DIREITA: (SENTADOS) ISAAC KOIFFMAN, ABRAHAM BLANK, ELIEZER STEINBARG, TULI LERNER (PRIMEIRO PRESIDENTE DO CONSELHO), NATAN ZAKS; (EM PÉ, PRIMEIRA FILEIRA) M. KRITS, A. NUDELMAN, N. STEINWARTZ, A. CIORNAI, S. GUELMAN; (EM PÉ, SEGUNDA FILEIRA) M. MOSCHCOVITCH, M. FUCKS, R. ROSENAL E M. ROZENBRACH.

A SEMENTE

Moshé recebeu a Torá no Sinai e a transmitiu a Yehoshua; Yehoshua aos Anciãos; os Anciãos aos Profetas; e os Profetas transmitiram-na aos Homens da Grande Assembleia. Estes [os Homens da Grande Assembleia] disseram três ditos: Sejam prudentes no julgamento; formem muitos discípulos; e ergam uma cerca para a Torá.

Pirkei Avot 1:1

(Maimônides — Filósofo, cientista, médico e líder comunitário do século XII.)



Um delicado enredo unindo fatos e personagens, encontros e narrativas, marca a trajetória de uma das mais tradicionais escolas judaicas do Rio de Janeiro. Em 2024, todos esses elementos são somados nas festividades dos 70 anos do Eliezer Steinbarg e aquilo que é memória torna-se também farol para o futuro.

A tradição judaica de compartilhar conhecimento — a princípio, sob uma perspectiva religiosa, mas, em termos objetivos, indo muito além dela — ganha um desenho particular na escola. Ali, aprimora-se, cresce. Ao longo dos anos, este caminho de transmissão de saber é cumprido pelo Eliezer com grande responsabilidade e compromisso. Ora em tempos mais serenos, outras vezes sob um cenário de incerteza e turbulência. Mas sempre procurando preservar o propósito humanista, gregário e de valorização de talentos tão caro a seus fundadores, entre eles Pejsach Tabak, cuja incrível história de vida puxa o fio desta outra história de sete décadas que começa a ser (re)contada aqui.

Antes de chegar ao momento da fundação do Eliezer, vale embarcar em uma viagem no tempo. Assim, será possível ampliar a compreensão



ELIEZER STEINBARG, SENTADO AO CENTRO, COM UM GRUPO DE ATIVISTAS EM ENCONTRO NO RIO DE JANEIRO, EM 1929. MUITOS DELES PARTICIPARAM, ANOS DEPOIS, DA FUNDAÇÃO DA ESCOLA ELIEZER STEINBARG.

sobre fatos que mobilizaram a comunidade judaica no Rio — em meio à complexidade de suas relações na primeira metade do século XX, quando se impôs o duro contexto das guerras que marcariam para sempre a humanidade — e pavimentaram o caminho que levou ao surgimento da escola.

“O telefone da minha casa tocou e era alguém do Scholem Aleichem avisando que o meu pai tinha sido impedido de entrar na escola. Depois de muita confusão, os próprios alunos fizeram com que ele conseguisse entrar. Àquela altura, havia uma ala muito radical, que dominava a escola e da qual meu pai discordava. Seus integrantes estavam criando aquela situação toda. Eu tinha uns 10 anos. Lembro-me de chegar ao Scholem com minha mãe e ver meu pai rodeado de alunos, chorando, sem acreditar que tinham feito tudo aquilo com ele, depois de tanto tempo de dedicação à escola. Acredito que ali, depois daquele trauma, foi o momento de fundação do Eliezer Steinbarg.”

No começo dos anos 1950, como conta Israel Tabak — filho de Pejsach ou simplesmente Lerer (professor em iídiche) Tabak —, havia um clima de divergência entre os integrantes da comunidade judaica que faziam parte da escola denominada Scholem



DOIS AMIGOS NO RIO



A CRIANÇA SENTADA À ESQUERDA DE ELIEZER STEINBARG É DAVID LERNER,
FILHO DE TULI LERNER, UM DOS FUNDADORES DA ESCOLA.

Consta que Tuli Lerner foi um dos grandes responsáveis pela mudança de Pejsach Tabak para o Brasil, construindo com ele não apenas uma amizade, mas uma parceria de trabalho que marcaria a história da educação judaica no país.

Tuli chegou ao país antes da Primeira Guerra Mundial. Inicialmente se estabeleceu em Salvador, na Bahia, e depois se mudou para o Rio de Janeiro. Personagem fundamental na concepção da comunidade judaica na então capital do Brasil, ele esteve entre os fundadores e foi o primeiro presidente da escola Scholem Aleichem, onde, graças aos seus esforços, o poeta e fabulista Eliezer Steinbarg atuou como diretor, de 1928 a 1930.

Mais adiante, Tuli recebeu Pejsach Tabak em terras cariocas. A motivação do professor para escolher o Rio não é de todo clara, mas encontra justificativa nos relatos da família Lerner, quando são reportados os esforços de seu patriarca e do amigo Tabak em favor da educação e da constituição de instituições sólidas para acolher a comunidade judaica.

A neta de Tuli, Ruth Lerner, aluna da primeira turma da escola, em 1954, que tem filhos que foram alunos do Eliezer e netos que ainda estão na instituição, lembra do avô e da convivência com Lerer Tabak. “Ele era uma pessoa fascinante!”, disse ela, relembrando sua alfabetização em português e em iídiche, naquela que foi uma das primeiras turmas da escola de Laranjeiras, o Eliezer Steinbarg.

Aleichem. Ela tinha sido criada em 1928 por imigrantes judeus que, após a Primeira Guerra Mundial, desembarcaram no Rio de Janeiro em busca de oportunidades e de paz.

Boa parte desse grupo partilhava não apenas uma convicção política, de viés predominantemente comunista, mas também o desejo de ter os filhos em uma escola judaica não religiosa, seguindo modelos que já eram adotados com sucesso na Europa. Eram, em sua maioria, ativistas, idealistas e empreendedores que, juntos, deram contorno prático a este projeto escolar, de formação ampla, contando com a parceria de Eliezer Steinbarg, fabulista da Bessarábia, autor de livros didáticos de iídiche e hebraico, que lecionaria e dirigiria a escola.

Neste período dos primeiros anos de funcionamento do Scholem, o jovem Pejsach Tabak, que viria a ter uma atuação marcante na escola, começava, segundo relato da sua filha mais velha, Lea, “a fase mais importante de sua formação”. Do outro lado do mundo, ele estava em Vilna, na época sob controle da Polônia (a cidade foi dominada por vários países, hoje pertence à Lituânia). “Era o centro mais importante da cultura judaica na Polônia, da cultura religiosa talmúdica, bem como da cultura e da educação judaica moderna em iídiche e em hebraico, com uma vasta rede de escolas modernas”, descreve Lea em relato escrito e compartilhado para a redação deste livro.

Ali, Pejsach Tabak ingressava no seminário para professores. “Lá estudei por cinco anos, a fim de me preparar para ser educador. Não só para lecionar, transmitir conhecimento, mas para formar gerações no espírito humanista. Jovens judeus conscientes, dedicados ao seu povo, com vontade de participar na vida judaica em todos os seus aspectos”, contou o próprio Pejsach Tabak, em depoimento recuperado pela filha para um artigo sobre o pai.

Aluno dedicado, o futuro professor se formou e logo foi destacado para trabalhar em Lublin, cidade polonesa efervescente sob a ótica cultural. Mas, com o avanço do antissemitismo em toda a Europa, ele tomou a decisão — um tanto intempestiva, de acordo com o relato de seus familiares — de deixar seu país rumo ao Brasil. Em setembro de 1934, Pejsach Tabak chegou ao Rio, inteiramente imbuído do plano de dedicar-se à cultura e à educação judaica no Brasil.

O começo de uma nova história no Rio de Janeiro

Na então capital do país, Rio de Janeiro, recentemente transformada pela reforma urbanística conduzida por Pereira Passos, no início do século XX, ele foi recebido por Sara, que era ligada ao grupo do Scholem. Ela logo viria a ser sua esposa. A dupla se uniu em matrimônio poucos meses depois do primeiro encontro, mantendo uma união longa, de quase 60 anos. Por meio de Sara, vieram os contatos com o grupo que liderava as atividades na escola. O Scholem não passava por uma boa fase, estava praticamente fechado. Pejsach Tabak se engajou rapidamente com o grupo, dispondo-se a trabalhar para reverter a situação difícil da escola.

Em pouco tempo, de acordo com Lea Tabak, o quadro já era outro. Em fevereiro de 1935, a escola contava com “30 crianças matriculadas, distribuídas pelo Jardim de Infância e três séries primárias”, mas a receita, ainda reduzida, cobria os custos gerais, e não o salário de seu pai, que acumulava as funções de professor e diretor. Em nome do seu ideal, do propósito de educar, o Lerer abriu mão da remuneração e, para compensar, foi permitido que ele morasse na escola com a esposa. Ali, tiveram a primeira filha, Lea. “Somente alguns anos mais tarde, com o nascimento de meu irmão Israel, fomos morar em um pequeno apartamento alugado”, relembra a primogênita.

Todo o esforço parecia recompensado: o número de alunos crescia e o clima inspirava segurança institucional, resultando na consolidação da fama do Scholem como uma escola de alta qualidade. Além do cumprimento da grade curricular, sob a liderança de Tabak, passaram a ser empreendidas atividades extras, de caráter cultural, como forma de ampliar o horizonte de conhecimento dos alunos e de suas famílias.

“Uma das importantes realizações (...) foi o Yiddish kurs, um curso de iídiche e cultura judaica para as crianças que haviam terminado o curso completo na escola, que se restringia ao Primário”, observa Lea.

Ela destaca que, naquela altura, o caráter da escola estava bem definido: “moderna em sua metodologia educacional, laica e humanitária em seu espírito”. Uma escola que “procurava, através das disciplinas judaicas, folclore e festas tradicionais, cultivar

nos alunos amor ao povo judeu e à cultura judaica, e, ao mesmo tempo, o amor ao Brasil, ao povo brasileiro e sua cultura”.

Encorajado pelo êxito obtido até ali, quando o Scholem já contava pelo menos duas centenas de alunos, Pejsach contribuiu — ao lado de amigos e pioneiros, integrantes da comunidade judaica — para a fundação do Instituto Popular Israelita de Cultura (informalmente chamado Casa do Povo). Com sede na própria escola, a instituição seria mais tarde renomeada como Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação (IIBCE). Tuli Lerner e Isaac Koiffman assumiram a presidência e a vice-presidência, respectivamente.

O objetivo central do Instituto era ampliar a oferta de atividades, cobrindo o que a escola, por limitações físicas e por sua natureza essencial, estava impossibilitada de oferecer. A meta era ser um ponto de apoio para a comunidade judaica baseada no Rio e trabalhar por um engajamento ainda maior de seus membros — com esporte e entretenimento — em um contínuo de aperfeiçoamento da trilha de educação — com programas mais diversos, que incluíam a formação para professores, por exemplo.

Os ventos, no entanto, não se mantiveram exatamente estáveis. Como conta Israel Tabak, o início dos anos 1950 coincidiu com um racha no grupo que compunha o Scholem e o próprio Instituto. Fruto de divergências ideológicas em relação ao totalitarismo protagonizado por Stalin, na antiga União Soviética, o cisma gerou um impacto considerável, levando Lerer Tabak a se afastar da escola e do Instituto. Desgostoso, ele se mudou em 1951 com a família para Israel, um Estado então recém-criado (1948).



ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA ELIEZER STEINBARG

A escolha do nome da escola foi uma homenagem ao professor Eliezer Steinbarg, personagem central nos primeiros anos de funcionamento do Scholem Aleichem, que, com sua competência e postura criativa, marcou uma geração. Conhecido por seus livros didáticos de iídiche e hebraico, era versado em literatura e filosofia. Escreveu uma série de fábulas, que foram reunidas em uma coletânea lançada na Europa, com grande sucesso. Faleceu em 1932. A principal guardiã de seu legado era a The Eliezer Steinbarg Jewish Cultural Society, em Chernivtsi, na Ucrânia, que trabalhava para preservar a história e a cultura iídiche europeia. Funcionou de 1988 até o início dos anos 2000.

Porém, a promessa de dias melhores não se cumpriu no Oriente Médio. Pejsach Tabak não se adaptou a Israel, talvez em função de o hebraico ser adotado como idioma comum a toda a nação, sobrepondo-se ao iídiche. Este último era especialidade do Lerer e considerado proscrito localmente como “coisa do passado”. Apesar de dominar o hebraico, seu alvo de estudo sempre tinha sido o iídiche, na educação, na literatura, no estudo das artes, no trabalho em escolas, o que o deixava em descompasso com a realidade local.

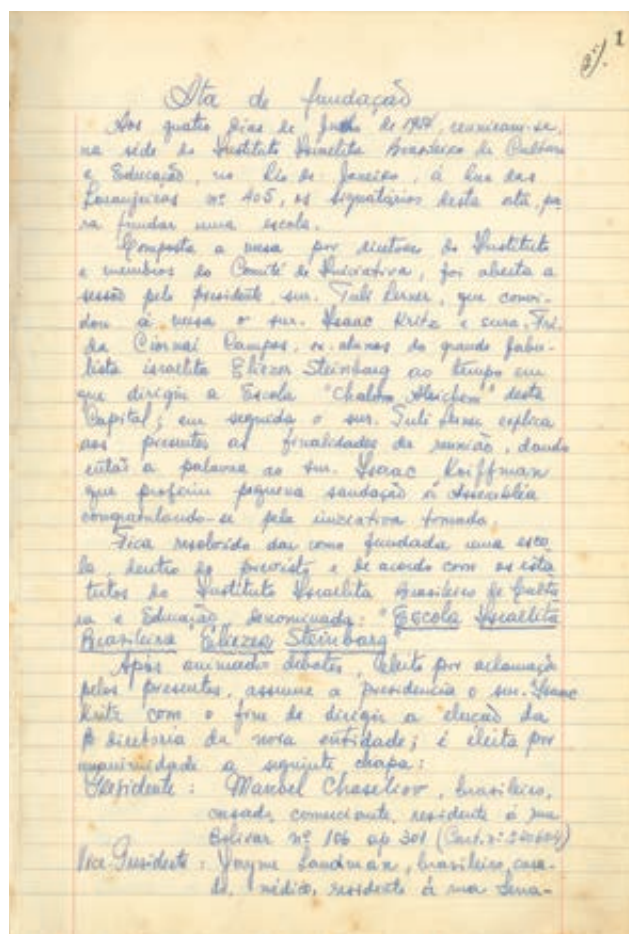
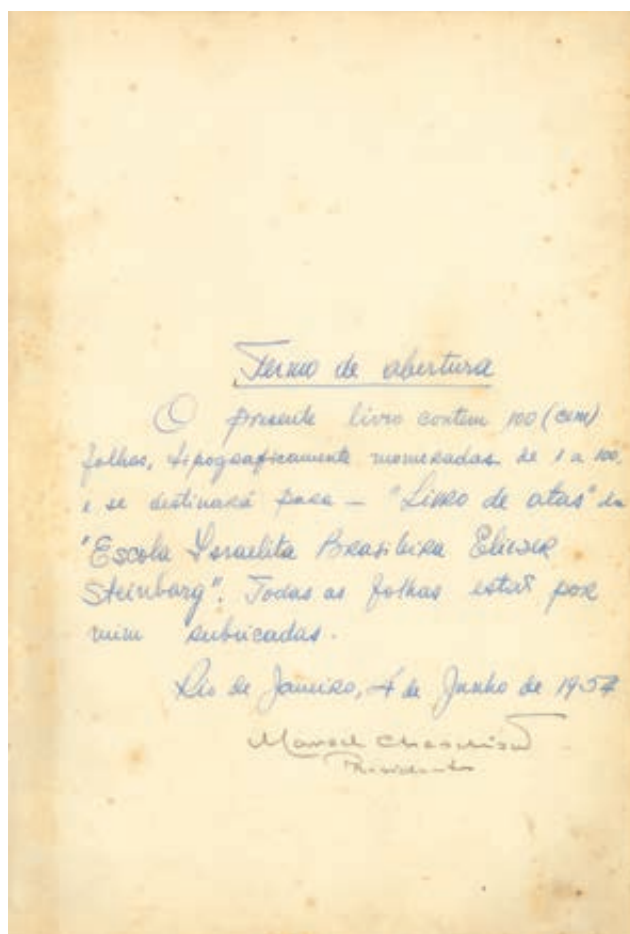
Diante do revés, os planos mudaram. Um ano depois, o professor estava de volta ao Rio. Manteve-se afastado do Scholem, mas ainda ligado ao Instituto. “A palavra que ele mais prezava e que também o definia bem é idealista”, garante Israel. Era hora, então, de praticá-la uma vez mais e arregaçar as mangas para colocar um novo projeto de pé.

Uma novidade no bairro das Laranjeiras

O Eliezer Steinbarg surge em junho de 1954, definindo um marco histórico da educação judaica no país e recebendo como primeiros estudantes muitos dos filhos e netos de ex-alunos do Scholem e de lideranças do Instituto. Ali estava mais uma prova do absoluto compromisso da comunidade judaica com a educação, a preservação de tradições e de sua cultura. A escola é fundada juntamente com o Coral Israelita Brasileiro e, tal como ele, ficou subordinada ao Instituto.

A escola nasce da convicção de Tabak e de seus amigos no projeto de uma instituição laica, pluralista e humanista. “Mas já com uma novidade: a fundação do Eliezer, que se dá longe do extremismo, inclui a consideração histórica da importância da criação do Estado de Israel”, contou o filho de Tabak, explicando como o pai valorizou tal aspecto, fazendo questão de entremeá-lo positivamente em toda a pedagogia da escola. “O que acontecia em Israel era importante no dia a dia da escola e foi ficando cada vez mais.”

Em função desse cenário, na perspectiva histórica, o Eliezer Steinbarg surge com traços diferentes do Scholem Aleichem. Ao se lembrar das noites insones que antecederam a fundação da escola, do esforço diuturno do pai para engajar amigos e ativistas no projeto, com telefonemas que atravessavam a madrugada, Israel Tabak observou: “Eu



TERMO DE ABERTURA E ATA DE FUNDAÇÃO DA "ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA ELIEZER STEINBERG" EM 4 DE JUNHO DE 1954.

não diria que meu pai fez a escola [sozinho], mas acredito que sem ele talvez a escola demorasse mais para nascer”.

O Eliezer Steinberg começou a funcionar com 34 alunos, distribuídos em turmas do que se costumava chamar na época de Jardim de Infância e Pré-Primário (ambas do ciclo que é denominado atualmente Educação Infantil). Ao longo dos anos, este total de alunos variou bastante, e a escola assistiu, com orgulho, o despontar de muitos que frequentavam suas salas de aula, que passaram a se destacar como figuras públicas de relevância nacional e internacional, nos campos da política, da ciência, da tecnologia e das artes.

Naquele período inicial de funcionamento do Eliezer Steinberg, tudo se tornava um acontecimento. A chegada de uma mesa de pingue-pongue era motivo de grande comemoração. Mais adiante, o funcionamento pleno de uma quadra aberta com arquibancada



LERER TABAK, PRIMEIRO DIRETOR, E AS DUAS TURMAS QUE INAUGURARAM A ESCOLA EM 1954: JARDIM DE INFÂNCIA E PRÉ-PRIMÁRIO.

(no período de aulas, dedicada ao esporte; e, à noite, aberta para apresentações artísticas) era razão suficiente para celebrar ainda mais a conquista que se consolidava.

Baseado na Rua das Laranjeiras, 405, Zona Sul do Rio de Janeiro — local onde o Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação já funcionava, isto é, no prédio que havia sido adquirido com recursos obtidos a partir da venda de um terreno do IIBCE na Tijuca (Rua Haddock Lobo, 303) —, o Eliezer ganhou corpo rapidamente.

Dor Vergueiro nº 40 ap 301, (Cart. nº 85.273 do
Instituto de Política Técnica do E. do Rio)
1º Secretário - Senda Cionnai, brasileiro, casado
Engº Químico, residente à Av. Copacabana
lateral 1292 ap 1206 (Cart. Nº 107



1957: ESCOLA CRESCENDO.

Uma escola aberta e progressista

Por meio da escola, fluía o curso de um projeto de educação desenhado a muitas mãos, com um traço de brilho e originalidade, no sentido da associação do aspecto mais formal curricular à formação multidisciplinar, aberta e progressista, com especial apreço às artes.

Em termos objetivos, a manutenção estrutural do projeto — tão caro a Tabak e aos outros fundadores — nunca foi tarefa fácil. Cada passo envolveu uma série de campanhas, de pedidos de apoio, além de mobilizações diversas, refletindo a natureza da escola comunitária, sem fins lucrativos, que mira na excelência todos os dias, mas não perde de vista os desafios relativos ao próprio sustento.



EM ALTO E BOM SOM

O Coral Israelita Brasileiro foi criado em 1954, no mesmo ano da fundação da Escola Israelita Brasileira Eliezer Steinbarg, ambos mantidos pelo IIBCE. Rapidamente, adquiriu corpo e importância, firmando-se como um instrumento ímpar para a promoção da cultura judaica. O Coral teve como primeiro regente o maestro Itzara Fater (ou apenas I. Fater, como era conhecido), que conduziu dezenas de ensaios semanais, dos quais participavam inicialmente 26 cantores.

A partir de 1957 e por um bom tempo, o comando passou para o então jovem maestro Henrique Morelenbaum — mais adiante ele se tornaria também pai de alunos do Eliezer —, que, entre outras mudanças, imprimiu tons de brasilidade ao repertório do Coral. As audições aconteciam na sede do Instituto, que era compartilhada com o Coral e o Eliezer.

Eram tempos em que o Eliezer já tinha uma escolinha de artes organizada por mães, e contava, no quadro de docentes, com a professora Cecília Conde, considerada uma das mais talentosas e importantes educadoras musicais do país. Até hoje lembrada por seus feitos no Eliezer, escola para a qual dedicou um olhar especial, estimulada pelo entusiasmo de Lerer Tabak e sua equipe, a professora teve o apoio do maestro Morelenbaum para seguir trabalhando com os alunos em um coro infantil que ela mesma já tinha organizado.

Morelenbaum fez adaptações de canções como Yehuda Macabi, para que os corais adulto e infantil pudessem se apresentar juntos, como aconteceu algumas vezes no Theatro Municipal do Rio. Ele contava que o único registro feito no mundo de “Mandú-Çarará”, de Heitor Villa-Lobos, foi gravado pela Orquestra Sinfônica Brasileira com o Coral Israelita Brasileiro e o Coral de alunos da Escola Eliezer Steinbarg.

Em mais de 50 anos de atividades, o Coral Israelita Brasileiro contou com integrantes focados na sua projeção, o que fez com que ele se destacasse como um dos principais do gênero no Rio de Janeiro. Seu repertório era composto por um catálogo de mais de 300 títulos, no qual músicas típicas judaicas — em iídiche, hebraico e ladino — conviviam em perfeita harmonia com canções clássicas e folclóricas, brasileiras e estrangeiras.

Maestros e músicos de renome, como Isaac Karabtchevsky e Henrique Nirenberg, além de regentes, como Eleazar de Carvalho, Heitor Argolo, Joaquim Assis, Carlos Acselrad, Eduardo Morelenbaum, Jaques Morelenbaum, León Halegua, Fernando Ariani, Roberto Duarte, Israel Menezes e Nelson Márcio Nirenberg, estiveram à frente ou contribuíram para as atividades do Coral, ajudando a desenhar, com suas experiências profissionais, uma das mais notáveis vivências de arte por uma comunidade unida também por um instituto e uma escola.

O Coral chegou a ter mais de 120 vozes e não restringiu suas apresentações ao Rio, onde fez audições memoráveis. No Brasil, esteve também em São Paulo, Porto Alegre, Juiz de Fora, São Lourenço. No exterior, participou, em Israel, do festival internacional de corais. Por mais de uma vez, acompanhou a Sinfônica Brasileira, a Sinfônica Nacional, a Sinfônica de Porto Alegre e a Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

A partir dos anos 1990, foi organizado em uma estrutura mais enxuta, sob a coordenação do maestro Abraão Rumchinsky, seguindo ativo até os dias de hoje.





APRESENTAÇÃO DO CORAL ISRAELITA BRASILEIRO NO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1970.



APRESENTAÇÃO DO CORAL JUVENIL DA ESCOLA ELIEZER MAX NA SALA CECÍLIA MEIRELES, JUNHO DE 2004.



TURMA DE JARDIM DE INFÂNCIA EM ATIVIDADE ESCOLAR, 1958.

Os pais de alunos, seguindo o modelo proposto por Tabak e parceiros, mantiveram-se, desde o início, como verdadeiros “proprietários” da escola. Organizados em uma instância denominada Diretoria de Pais, eram supervisionados pelo agente mantenedor, o Instituto. Ao longo dos anos, como vai ser possível conferir aqui, essa governança foi aprimorada, com o intuito de favorecer a administração equilibrada e o crescimento sustentável da escola em médio e longo prazos.

Nos anos subsequentes à fundação do Eliezer, estava impressa uma rotina que alternava trabalho e mais trabalho no cotidiano de quem vivia a escola, com o privilégio da convivência sempre intensa no espaço da sede de Laranjeiras, no fluxo de formação de laços duradouros. Aos dias longos, de dedicação máxima ao projeto, correspondiam conquistas importantes.



TURMA DE ADMISSÃO DO ELIEZER STEINBARG, 1963.

Passados quatro anos, em 1959, a escola já contava com 321 alunos e preparava-se para oferecer o Curso de Admissão, obrigatório para entrada no antigo Ginásio (atual Ensino Fundamental II). A informação que consta no *Almanaque* comemorativo dos 50 anos do Eliezer (Sandra Niskier Flanzer, 2006) é ampliada na sequência: “Em 1969, pela primeira vez, duas turmas de Primário chegavam à 5ª série, quando não apenas turmas de Jardim de Infância e Primário, mas também de Ginásio eram oferecidas pela instituição”. O total de alunos batia, então, a casa dos 600 matriculados.

No Brasil, abria-se uma temporada de anos difíceis, com a instalação da ditadura. A partir de 1968, com a edição do AI-5, e ao longo da maior parte da década de 1970, a tensão foi a tônica no país, com cerceamento amplo de liberdades e direitos civis. Apesar de a tensão do período estar inevitavelmente refletida na escola, somada às preocupa-

ções com a instabilidade vivida naquela altura por Israel (com a Guerra dos Seis Dias, em 1967, e, mais tarde, a Guerra do Iom Kipur, em 1973), os avanços do Eliezer continuaram.



LERER TABAK E PROFESSORAS NA DÉCADA DE 1960.

Em sintonia com a história

Movimentos culturais importantes e históricos — como a Bossa Nova e a Tropicália — floresciam no Brasil, na contramão desse duro quadro, com a arte abrindo espaços que a mão pesada do regime insistia em fechar. De certo modo, essa resistência também estava na escola, com a união da comunidade e a manutenção de uma trajetória de amadurecimento, sempre com muita criatividade e disposição para investimento no novo. Foi nesta época em que surgiram os “clubinhos” de teatro, fotografia, artesanato, cerâmica e música. Eram oficinas de arte que faziam parte da programação do ginasial.

Em testemunho ao *Almanaque* do Eliezer, Dora Fraifeld, antiga diretora-geral da escola, profissional querida por várias gerações, falecida em agosto de 2021, fez um registro que detalhou bem esse momento: “Comecei a trabalhar no Eliezer em 1969, como professora de português do curso ginásial. Lerer Tabak era o diretor-geral de Ensino Judaico e cada segmento — Jardim de Infância, Primário e Ginásio — tinha também um diretor responsável. Esses segmentos eram acompanhados de perto pela Comissão Pedagógica, constituída basicamente por mães, cujas atividades profissionais se relacionavam com a Educação”.

Com pouco tempo de casa, Dora recebeu o convite para assumir a vice-direção do Ginásio (5^a a 8^a séries, que começaram a ser oferecidas pelo Eliezer em 1966), tendo que se familiarizar rapidamente com a nova rotina, diferente daquela que encarava nas salas de aula. “Uma das expectativas era a de que o curso ginásial oferecesse oficinas de artes para os alunos, duas vezes por semana, no turno da tarde. Foi quando criamos os famosos ‘clubinhos’ (...). Os alunos escolhiam uma atividade por



A ESSÊNCIA DA DIRETORIA DE PAIS

A Diretoria de Pais (ou Diretório de Pais, na forma mais antiga) é eleita pelos próprios pais de alunos do Eliezer a cada dois anos. A função essencial desta instância é apoiar os profissionais que administram a escola e cuidar para que sejam mantidos os valores e objetivos da comunidade de pais, de acordo com o espírito dos fundadores. Os integrantes da Diretoria de Pais atuam em regime de voluntariado, contribuindo nos diversos setores da escola.

Tal envolvimento beneficia não apenas a própria instituição, mas especialmente as crianças e os jovens, com exemplos de participação comunitária e demonstração de respeito à educação. Ao longo dos anos, centenas de pais — engenheiros, empresários, médicos, economistas, advogados, jornalistas, designers, professores, entre outras profissões — passaram pela Diretoria, podendo acompanhar, sob um ponto de vista privilegiado, o dia a dia da escola escolhida para os filhos. Por outro lado, para seu benefício e sorte, a escola pôde contar com a colaboração desses profissionais multidisciplinares e altamente qualificados para, sob apoio especializado, com compromisso e responsabilidade, avançar de forma consistente na construção de um projeto colaborativo de educação.



FEIRA DO LIVRO, SETEMBRO DE 1976.



AULA DE ARTES, 1978.

semestre (...). Não era opcional e a atividade fazia parte da grade curricular. As oficinas tiveram muito sucesso.” (*Almanaque*, Sandra Niskier Flanzer, 2006).

Há registros também da grande movimentação dos alunos em torno das Olimpíadas Intercolégiais. A escola colecionou uma série de excelentes resultados nas competições, chegando a um pentacampeonato no evento. “Não me lembro de se, em 1970 ou 1971, decidimos mudar a cor cinza do uniforme dos alunos pela cor vinho para saias, calças e shorts. Inauguramos o novo uniforme justamente no desfile de abertura [de uma edição] da Olimpíada”, contou Dora.

Graças à boa memória da ex-diretora Dora Fraifeld, foi possível acompanhar em seu relato, na entrevista para o *Almanaque* dos 50 anos, muitas outras atualizações que a escola foi trazendo para o dia a dia. Algumas foram adotadas de modo compulsório, outras implementadas a título de modernização e aperfeiçoamento.

A reforma do ensino, por exemplo, que alterou a estrutura e o currículo da Educação Básica no Brasil, em 1971, encaixou-se no grupo das obrigatórias.



DIRETORIA DE PAIS: O TIME DE VOLUNTÁRIOS



Ao longo dos 70 anos, um enorme grupo de voluntários representados nestas fotos se dedicou ao ativismo na escola, liderados pelo grupo de presidentes da Diretoria de Pais: Manoel Chaseliov, Pedro Kullock, Bertholdo Pirim, Jorge Jurkiewicz, Fábio Becker, Adolfo Chvaicer, Salomão Goldenstein, José Kaufman, Chaim Szwertszarf, Iancel Ghelman, Fortuné Maurice Perpignan, Jo Dweck, Mário Manela, Israel Paskin, Helio Szwertszarf, Raul Gottlieb, Marcio Reznik e Michel Ventura. Na sequência, houve uma presidência compartilhada por Helio Schechtman, Isaac Jarlicht e Jacques Musafir. Este formato foi repetido no mandato seguinte, mas apenas com Helio e Jacques. Na gestão imediata, houve o retorno à figura de um único presidente, com os mandatos de Rubem Ferman, que foi seguido por Fabio Beildeck, e este último sucedido por Daniel Orlean (o atual presidente).



O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO



ENTRADA DO ELIEZER NO DESFILE DE ABERTURA DA OLIMPÍADA INTERCOLEGIAL NA HEBRAICA RIO, 1975.

Com nove modalidades esportivas em disputa — futebol de salão, vôlei, basquete, queimada, judô, natação, tênis de mesa, ginástica rítmica e xadrez —, a Olimpíada Intercolegial, da qual participavam apenas escolas judaicas cariocas, movimentou o Rio a partir do final dos anos 1960. O Eliezer participou de diversas edições do evento esportivo, prestigiando-o com uma grande delegação e fazendo sucesso de ponta a ponta: desde o desfile dos seus alunos-atletas até a celebração dos resultados.

Por anos seguidos, muitos troféus e medalhas foram conquistados, com a boa fama da escola correndo a cidade! As competições eram disputadas em três categorias e, para garantir que tudo saísse bem, a escola constituiu uma comissão especial de pais e professores que se mantinham atentos na preparação e na participação dos craques do Eliezer. Ainda hoje, o desempenho dos atletas da casa é lembrado, com destaque para a emoção da grande festa de encerramento e a série de homenagens realizadas no Ginásio da Sociedade Cultural, Esportiva e Recreativa Hebraica.

O esporte, cabe ressaltar, sempre foi muito valorizado pelo Eliezer, tendo um peso importante na formação integral dos alunos. Isso sempre se refletiu na atenção dada aos espaços voltados para a prática esportiva, em especial o Campão — que mora no coração dos alunos e é lembrança recorrente daqueles que um dia já estiveram nas salas de aula da escola e ali passaram momentos memoráveis —, e na condução de iniciativas, como a realização da própria Olimpíada. Ela acontece de forma alternada, ora dentro do Eliezer, ora em espaços externos, não pertencentes à escola.

Em outra frente, pensando ainda nesta vertente esportiva, há um engajamento recorrente do Eliezer nos Jogos Macabeus ou Macabíadas, promovidos pela Confederação Brasileira Macabi (CBM), via sua seção carioca, a Macabi Rio. O nome do evento é inspirado no grupo de judeus Macabeus, conhecidos por sua coragem em ter resistido à dominação de povos que queriam impor limites à prática de religião judaica. Mas, provavelmente, também guarda alguma associação com os Jogos Olímpicos. Ao longo dos anos, as Macabíadas se firmaram como o campeonato intercolegial mais importante, em termos de mobilização de equipes e das escolas judaicas, mantendo-se, até hoje, como um evento muito relevante e aguardado por seus participantes.



ALUNOS COMEMORAM UMA VITÓRIA NA MACABÍADA NACIONAL EM SÃO PAULO, 2022.



MACABÍADA NACIONAL EM CURITIBA, 27 A 30 DE JUNHO DE 1985.



UM DIA NA ESCOLA, ORGANIZADO PELA DIRETORIA DE PAIS, 1977.



REGINA AVERBUG NA COMEMORAÇÃO DE SHAVUOT, 1976.

Com a medida adotada pelo governo militar, foram instituídos o Primeiro Grau, que incluía os antigos Primário e Ginásio, e o Segundo Grau, em três anos, configurando o que informalmente era conhecido como Científico. A partir desta reforma de ensino, a Diretoria de Pais do Eliezer decidiu contratar um diretor-geral. E não é difícil perceber que, ali, iniciava-se algo como uma preparação para que a escola pudesse abrir turmas de Segundo Grau.

A primeira diretora-geral foi Sol Garson Passi, que permaneceu até 1975, quando foi substituída por Regina Averbug, que ficaria quase uma década no cargo. Conhecida pela postura afetuosa e sempre adiante do próprio tempo, Regina procurou imprimir uma visão de escola integrada em si mesma, praticando modelo de gestão arrojado, ativo, com muitos projetos e atividades externas. Ela proporcionou ao Eliezer um período próspero,

quanto ao zelo pela educação e pela formação de habilidades, sempre ouvindo a Diretoria de Pais e apostando na evolução do projeto da escola. Com a sua saída, em 1984, Dora foi convidada a assumir a direção-geral, tendo Shirlei Kohl no cargo de vice-diretora pedagógica.

Dora Fraifeld conviveu com várias Diretorias de Pais, todas muito empenhadas no crescimento do Eliezer. Além das responsabilidades inerentes às várias funções dos ativistas, a Diretoria de Pais organizava celebrações, como os “Domingões” (ação que, em alguns momentos, foi denominada “Um dia na Escola”), pelo menos duas vezes por ano, com atividades esportivas, brincadeiras e churrasco. Durante um tempo, também ganhou fôlego o projeto “Pra quê?”, com palestras e mesas-redondas, sobre assuntos gerais de interesse de pais e alunos. As ações para levantamento de fundos para a escola eram uma constância, mesmo sem estarem sob uma estrutura formal. Neste cenário, entre as iniciativas de maior sucesso, que marcaram época e foram conduzidas pela Diretoria de Pais, estavam os famosos “Leilões de Paredes”.



O SURGIMENTO DE UMA MARCA



ELIEZER STEINBARG

Quem tem um time, quer bandeira, quer uniforme, quer fazer brilhar seu escudo, sua marca na Olimpíada Intercolegial, o Eliezer achou que não podia mais ficar sem um símbolo que o representasse. Até ali, a escola tinha apenas uma logomarca improvisada, simples. Foi quando surgiu a ideia de promover uma ação com amigos da escola, com o corpo docente e o corpo diretor para a escolha da marca. O trabalho vitorioso, entre os vários que foram apresentados, foi assinado por Paulo Geiger e trazia uma menorá estilizada em primeiro plano, formada pelas letras E.S. O autor, um carioca de pouco mais de 30 anos na época, era formado em Desenho Industrial, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e estava no início de uma carreira de sucesso, que mais tarde incluiria trabalhos de referência como editor-executivo de enciclopédias e dicionários e como tradutor para o português de autores israelenses premiados, como Amos Oz e Yuval Noah Harari.



DOU-LHE UMA, DOU-LHE DUAS...

Diante do desafio de realizar obras de melhoria imprescindíveis para o Eliezer, no momento em que eram abertas turmas do antigo Ginásio, surgiu, entre os pais e amigos da escola, a ideia de realizar um leilão de obras de arte, mais especificamente de quadros. Assim, seria possível angariar fundos e seguir em frente com as mudanças na estrutura física da escola.



LEILÃO DE PAREDES: EVENTO ORGANIZADO POR VOLUNTÁRIOS NO SALÃO.

Muitos integrantes da comunidade de pais começaram a se mobilizar inicialmente para formatar a dinâmica do evento e, em seguida, para conseguir as peças que seriam comercializadas diretamente ou leiloadas, nos casos de haver mais de um interessado na mesma obra. Daí o nome que marcou o evento: “Leilão de Paredes”.

Esta segunda parte foi realizada na base do contato direto com artistas brasileiros já conhecidos e com trabalhos premiados. Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Augusto Rodriguez, Bianco, Carlos Scliar, José Paulo Moreira da Fonseca, Rubens Gerchman, Sigaud e Teruz, entre muitos outros escultores e pintores, estiveram envolvidos nesta empreitada. Mobilizados pela causa da escola, doaram obras ou cederam em consignação, ficando, neste último caso, com apenas uma parte do valor total da venda e cedendo a outra parte para o Eliezer.

Alguns *marchands* também se associaram ao movimento, orientando os pais sobre a melhor forma de expor e realizar as vendas. As obras reunidas foram expostas no grande salão da escola, então adaptado — com painéis e esquema especial de circulação — para funcionar, em um final de semana, como uma galeria de arte. A mostra foi aberta, no sábado à noite, para visitantes (convocados boca a boca, mas também sensibilizados por anúncios publicados na grande imprensa) e, no domingo, para a própria comunidade da escola. Ali, muitos pais de alunos do Eliezer adquiriram suas primeiras obras de arte. A iniciativa foi um sucesso e repetida por mais alguns anos naquele período da década de 1970.

Antes do salto rumo à década de 1980, é preciso uma pausa para pontuar fatos importantes, como o desembarque de um ícone desta história tão intensa. Lerer Tabak sai do Eliezer em 1974, depois de 20 anos de dedicação integral à escola.

Segundo Shirlei Kohl, que entrou no corpo docente pelas mãos do mestre, ele foi uma figura única que, de forma inquestionável, gravou uma marca, constituiu um legado, oferecendo uma visão inovadora de educação para a comunidade judaica. “Era um senhor muito bem apessoado, falava português com um leve sotaque. Era carismático, entusiasmado.”

Convidada por Tabak para, temporariamente, dar aulas de iídiche até se formar na faculdade de Letras-Literatura, ela lecionou o idioma em classes do infantil, mas também ensinou história judaica para as crianças um pouco mais velhas. Sua primeira turma foi de alunos que concluíram o Ginásio em 1970. “Já no primeiro contato, a maneira como Lerer Tabak apresentava a escola me deixou atônita”, afirma a ex-diretora, referindo-se ao vigor com que o mestre pioneiro falava do Eliezer. “Eu só conseguia pensar: quero trabalhar nessa escola.”

Para Shirlei, hoje já aposentada, a sala de aula foi seu melhor lugar. “Escolhi essa escola para ser a minha escola”, disse, refutando qualquer tom possessivo na afirmação, mas explicando que o fato de ter sido boa professora, boa educadora, deveu-se, em boa parte, aos ensinamentos recebidos ali, naquele prédio da Rua das Laranjeiras. “O Eliezer sempre foi uma escola estudiosa”, emenda. Desde sempre, definiu-se como uma instituição preocupada com a formação do professor e oferecia muitas oportunidades de aperfeiçoamento, por meio de cursos, seminários e incentivos à especialização.

signação, a(s) obra(s) abaixo mencionada(s), que constarão do acervo do Leilão de Arte da ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA ELIEZER STEINBERG, situada à R a das Laranjeiras nº 405.

	<u>NOME(S) DA(S) OBRA(S)</u>	<u>DIMENSÕES</u>	<u>VALOR MÍNIMO DE VENDA</u>
1)	Manufatura	21 x 27	60000,00 *
2)			
3)			
4)			
5)			

I - CONDIÇÕES

1) Caso a obra seja adquirida no Leilão, o artista receberá o valor



SHIRLEI KOHL E DORA FRAIFELD NA FESTA DE COMEMORAÇÃO DOS 45 ANOS DA ESCOLA.

Uma dupla que marcou época

Ao falar de sua trajetória na escola, Shirlei fez questão de dedicar boa parte de seu depoimento a Dora. Destacando a amizade da dupla e a parceria de trabalho que se estendeu por 25 anos, afirmou: “Ela era adorável, generosa e tinha o melhor abraço que pode existir! Nossas salas ficavam de frente uma para a outra e estavam com as portas sempre abertas. Não me lembro de um único desentendimento com ela, não por mérito meu, mas dela, com certeza”.

Poucos sabem, mas Dora entrou na escola para cobrir a licença maternidade daquela que seria sua futura companheira de jornada à frente da direção do Eliezer. “Eu tinha me afastado para o nascimento da minha filha, Rosana”, disse Shirlei. Tendo como ponto de partida o contrato como professora, Dora assumiu muitas funções ao longo dos anos até chegar à direção-geral. Permaneceu na escola até os 70 anos, quando se aposentou e fez uma passagem de bastão natural para Shirlei.



ESTUDOS PARA PROFESSORES NA BIBLIOTECA.

Em posições de grande responsabilidade, as duas compartilharam passagens marcantes da história do Eliezer, acompanharam e contribuíram para o fortalecimento institucional da escola. Na entrevista para este livro, Shirlei observou que, logo após a saída de Lerer Tabak, o Eliezer iniciou uma mudança gradual e importante que, entre outras medidas, envolveu a inclusão do hebraico na grade curricular, em paralelo ao ensino do iídiche.

Esse movimento teve a participação decisiva de Ieuda Ciornai. Neto de um dos fundadores do Scholem, carioca entusiasmado, ele se engajou amplamente no grupo que criou o Eliezer Steinbarg. Pluralista, usava a história judaica como caminho para estimular outras formas de conhecimento. Ieuda era conhecido como “professor dos professores” e trouxe inúmeras contribuições ao Eliezer, defendendo sempre a necessidade de “viver o judaísmo com alegria”. No início dos anos 1960, havia fundado o Curso Complementar de Matérias Judaicas, que oferecia aulas no fim da tarde para alunos que eram, em sua maioria, egressos da escola.



PRIMEIRA EDIÇÃO DO *LAPÍD*, JORNAL DA ESCOLA QUE CIRCULOU DE 1976 ATÉ 2000.

Com a saída de Lerer Tabak, em 1974, Ieuda assumiu a coordenação do ensino judaico e estabeleceu uma nova visão sobre este tema, apoiada na ênfase do ensino de hebraico. Destacando a importância do idioma e também de Israel como o centro da vida judaica, incrementou essa diretriz na escola, conferindo maior peso à participação do hebraico no currículo escolar. Com muitos anos dedicados ao Eliezer, Ieuda foi um dos mentores do *Lapid*, o jornalzinho que circulava com informações sobre os destaques da escola e que se tornou uma importante fonte de documentação dos passos cumpridos por Eliezer.

Na segunda metade dos anos 1970, quando o país vivia o início do movimento de abertura política (governos Geisel, de 1974 a 1979, e Figueiredo, de 1979 a 1985), que culminaria com a promulgação da Constituição de 1988, os dias no Rio passavam na cadência das primeiras marolas da onda *disco*, seguindo uma febre que vigorava em quase todo o mundo.

Novos temas em pauta

No Eliezer, os assuntos do momento eram o Segundo Grau, que estava prestes a abrir turmas — o que se confirmou em 1976 — e a compra da casa situada no número 401, da Rua das Laranjeiras, que viria a permitir a ampliação do espaço da escola, abrigando justamente o Científico. Ali, o Eliezer se estruturava em bases sólidas para cumprir o papel de formar alunos desde a primeira infância até a saída para a universidade.

Marcos Lahtermaher, pai de ex-alunas e avô de alunas que frequentam o Eliezer neste momento da celebração dos 70 anos da escola, comentou sobre a efervescência daquela época, com exigência de trabalho duro e dedicado. Ex-presidente do Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação e atual membro do Conselho Deliberativo da entidade, casado com uma colega do Scholem Aleichem, escola que frequentou por vários anos, ele apontou a própria disposição e a de muitos de seus contemporâneos como um ingrediente central na receita de promoção dos avanços que o Eliezer viveu naquela altura e que se confirmaram fundamentais para o fortalecimento como instituição de ensino.

A longevidade da escola, para Marcos, pode ser explicada pela estrutura física bem-cuidada, de alto nível e pela proposta pedagógica, estrategicamente desenhada. Mas existe outro aspecto da maior importância que contribui para a permanência dessa bela história protagonizada pelo Eliezer. “Há uma palavra em hebraico — *hemshech* — que significa continuidade. Nós temos praticado isso, construindo uma história de trabalho



1977: REGINA AVERBUG E IEUDA CIORNAI RECEBEM A VISITA DE MOSHE ERELL, EMBAIXADOR DE ISRAEL NO BRASIL.



CRIANÇAS DO INFANTIL NA PORTA DA CASA NÚMERO 401, ADQUIRIDA EM 1976. FOTO DE 1983.

comunitário e de dedicação à escola”, disse emocionado, brincando que não é por mero acaso que o Eliezer chega aos 70 anos.

Ao elencar diversos integrantes deste grupo de “trabalhadores”, Marcos citou nomes, relembrando velhos amigos, e frisou que pais, filhos e netos têm se sucedido em um ciclo virtuoso de abraço à causa do Eliezer nesses 70 anos, oferecendo voluntariamente o próprio tempo e somando expertises em benefício da manutenção do sonho dos pioneiros, em favor de uma sociedade melhor.

Objetivos desafiadores e ambiciosos a qualquer tempo, diga-se de passagem, mas ainda mais complexos de serem encarados no Brasil dos anos 1980. À tentativa de restauração política, após a ditadura, foi somada uma montanha-russa econômica, marcada pela inflação fora de controle. Planos econômicos não evitaram a estagnação do crescimento do país e a grave repercussão social desse quadro, com desemprego em alta,

entre outras mazelas. O aperto monetário geral e a falta de previsibilidade representavam dificuldades para gerir qualquer negócio no Brasil. Com o Eliezer não foi diferente.

Ainda assim, a escola se manteve organizada para avançar, atenta às melhorias estruturais e aos primeiros passos na direção do uso de tecnologia. A cena carioca ganhava novos ares com o brilho do Circo Voador instalado no Arpoador, no verão de 1982, e o surgimento de bandas, como o Barão Vermelho e a Blitz, naquele mesmo ano. A arte se sobrepunha a certo caos vigente no país e definia mudanças — de comportamento, nas formas de consumo e no estilo de vida — que se ampliariam ao longo das décadas seguintes.

No Rio da época, a moda era mais neon do que pastel. Cada vez mais associada às ruas, desconstruía velhos padrões e estabelecia novidades que ganhavam projeção no verão. O Eliezer passou a adotar o jeans como parte do uniforme, ao mesmo tempo em que vivia tempos da reestruturação do laboratório de ciências, assim como a sala de audiovisual.

ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA ELIEZER STEINBARG

FICHA DE MATRÍCULA

Rua das Laranjeiras, 401 a 405 - Rio de Janeiro - RJ
RECONHECIDA PELO GOVERNO DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Nome	
Sexo	
Naturalidade	Rio de Janeiro - RJ
Nome do Pai	
Naturalidade	Rio de Janeiro
Documento de Identidade	
Nome da Mãe	
Naturalidade	Rio de Janeiro
Documento de Identidade	
Nome do Tutor	
Naturalidade	
Documento de Identidade	
Local de Trabalho do pai ou responsável	
Local de trabalho da Mãe	
Endereço da residência dos Pais	
Tels:	
Data das informações prestadas	
Assinatura do informante	
Assinatura do Secretário que preencher a ficha	



FROTA PRÓPRIA DE ÔNIBUS.

Os ônibus, da frota própria da escola, ganharam pintura nova, com a ajuda dos funcionários. Em 1985, ano em que Rio tomou as manchetes nacionais e internacionais com a primeira edição do Rock in Rio, saiu o registro da escola como entidade de utilidade pública. Em 1988, foi criado o programa de pais representantes de turma e realizada uma grande campanha para doação de computadores para o Eliezer. Ainda houve uma série de reformas: banheiros e salas de aula, por exemplo, passaram por melhorias, mas a intervenção mais comemorada foi aquela realizada no Campão.

7ª SÉRIE	71	±1	*	56	88	*	96	-	73	76	71	-	70	-	*					APR
DURÁRIA	200	1:0	-	120	80	-	80	-	120	80	200	-	120	-	-					-
Nome do Estabelecimento ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA ELIEZER STEINBARG MAX NORDAU - Rio de Janeiro – RJ ANO 2008																				
9º ANO	75	E4	-	72	75	*	85	-	74	72	74	-	70	-	*					APR
DURÁRIA	200	1:0	-	120	80	-	80	-	120	80	200	-	120	-	-					.
Nome do Estabelecimento ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA ELIEZER STEINBARG MAX NORDAU - Rio de Janeiro – RJ ANO 2009																				

* = Sempre presente



AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CAMPÃO, 1999.

Referência de liderança e trabalho voluntário

Helio Szwertszarf, que presidiu a Diretoria de Pais de 1988 a 1994 e ocupa a presidência do IIBCE há quase 30 anos, reconhecido como referência na instituição e exemplo de dedicação voluntária à comunidade judaica do Rio de Janeiro, tem fama de ser o mais assíduo frequentador do Campão. Ali, ele comparece semanalmente para jogar vôlei. Em testemunho para este livro, Helio contou que, na infância, com a mudança de sua família da Tijuca para o Flamengo, o Eliezer passou a ser a escola mais próxima e mais afinada com os princípios da família.

Como ele, o pai, Chaim Szwertszarf, foi presidente da Diretoria de Pais. A mãe, Rosinha, integrou a comissão que, por muito tempo, apoiou a Diretoria Profissional da escola na área pedagógica. A irmã foi aluna do Eliezer. Com esse histórico, ele descon-



QUEM É QUEM

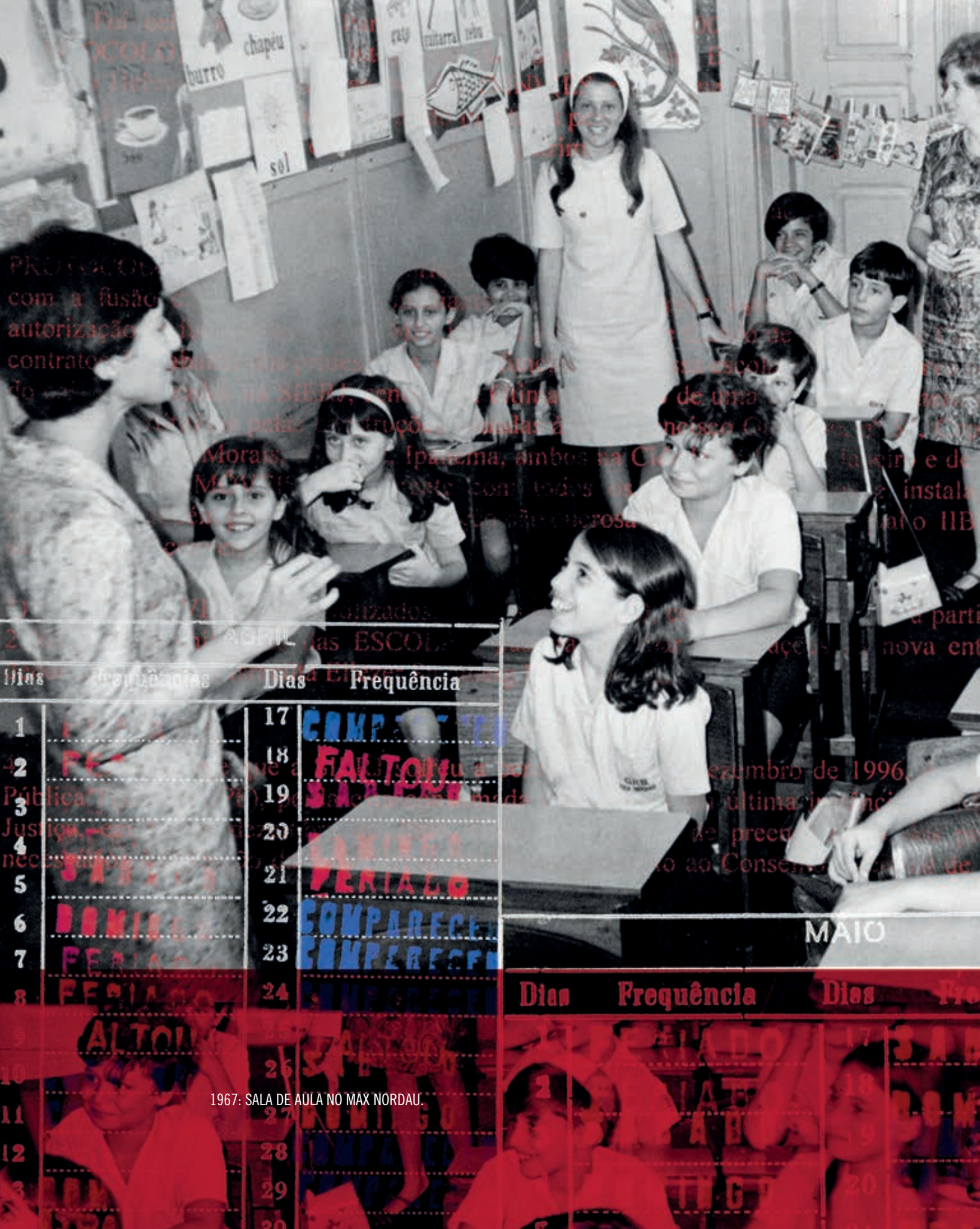
Atualmente, o Eliezer Max tem seu funcionamento regido por duas instâncias: o Conselho Deliberativo do Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação, com 15 integrantes, presidido por Helio Szwertszarf, e a Diretoria de Pais (oficialmente denominada Diretoria Executiva de Ativistas), presidida por Daniel Orlean. A segunda é subordinada à primeira. E, nos dois casos, os CPFs de seus membros integrantes ficam associados ao CNPJ do IIBCE e não à escola. Esta não tem CNPJ e é mantida pelo Instituto.

A composição obrigatória da Diretoria de Pais, por determinação do estatuto vigente, é reduzida. Porém, a escola tem como característica a ampla abertura à participação de todos os pais que queiram apoiá-la. Neste contexto, a Diretoria de Pais tem um núcleo principal, que toma decisões e interage com a Diretoria Profissional, mas, como ocorre nos últimos anos, também conta com grande número de pais que se voluntariam para integrá-la informalmente, por meio de comissões, engajando-se no suporte às atividades do Eliezer.

versou ao dizer que nunca soube bem as razões pelas quais chegou às funções de liderança no Eliezer. “Certa noite, vi que havia alguma confusão em uma reunião da Diretoria de Pais. Entrei para ver se podia ajudar e nunca mais saí”, brincou.

Dedicado, reservado, sintonizado com a necessidade de manter melhorias constantes no ambiente escolar, entusiasta dos processos de informatização do Eliezer, ele foi um dos principais pilares de sustentação da instituição em anos de grande tensão e dificuldade. “O Helio precisou dar seu aval pessoal, juntamente com o Jaime Spielberg, respondendo com os próprios bens, ou melhor, colocando-os como garantia para o atendimento de compromissos da escola”, explicou Marcos Lahtermaher, que esteve ao lado do amigo Helio na entrevista para este livro.

Por muitos anos, a responsabilidade (civil e fiscal) pela instituição mantenedora do Eliezer — o Instituto, portanto — recaía integralmente sobre seu presidente. A Direção da escola e os componentes da Diretoria de Pais tocavam o dia a dia sem ter este tipo de preocupação. Foi somente depois de uma profunda



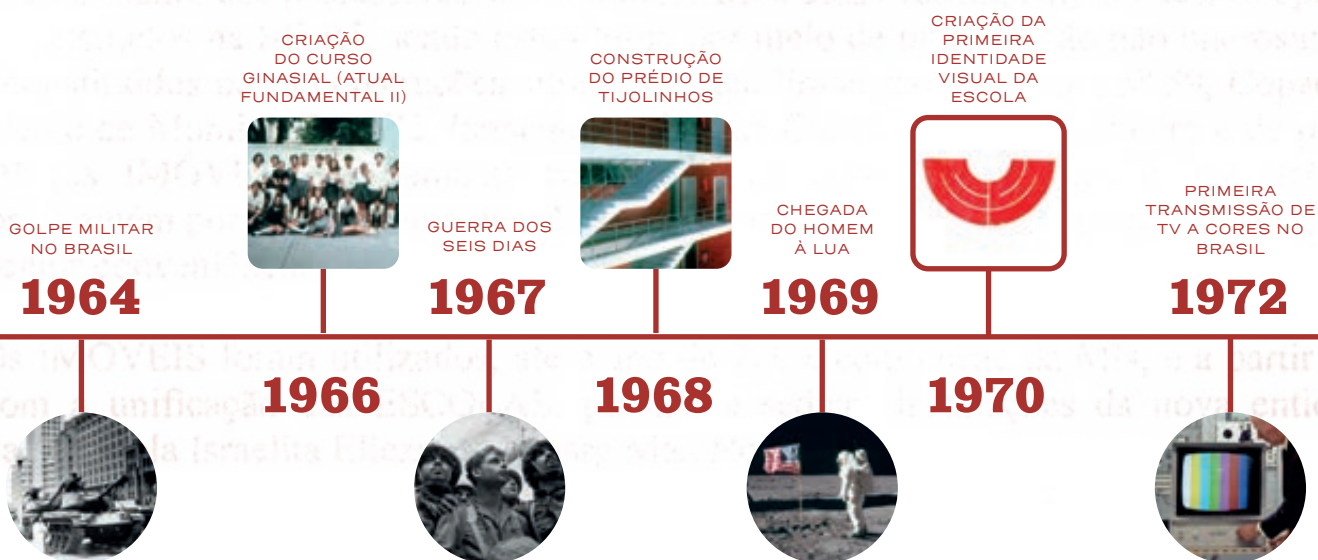
1967: SALA DE AULA NO MAX NORDAU.

UM LAÇO NOVO

“(…) O que aconteceu em seguida foi extraordinário, Natan lançou as letras de papel para cima, mas, em vez de caírem no chão, elas simplesmente ficaram ali pairando no ar, e então começaram a se juntar formando frases, e as frases formaram orações, as mais comoventes e inspiradoras que alguém poderia imaginar.”

(Autor não mencionado.)

Texto publicado em *Contos judaicos*, Editora Martins Fontes.)



1. Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação (doravante simplesmente designado IIBCE), sociedade com sede na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, à Rua das Laranjeiras nº 401 a 405 – Laranjeiras, inscrita no CNPJ sob o nº 33.651.704/0001-83, neste ato devidamente representada na forma do seu estatuto social;

2. Sociedade Israelita de Educação no Rio de Janeiro (doravante simplesmente designada SIERJ), sociedade com sede na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, à Rua Francisco Otaviano nº 59 – Copacabana, inscrita no CNPJ sob o nº 33.460.000/0001-66, neste ato devidamente representada na forma do seu estatuto social;

3. Sociedade Educacional Hebreu Brasileira Max Nordau (doravante simplesmente designada SEHB), sociedade com sede na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, à Rua Francisco Otaviano nº 59 – Copacabana, inscrita no CNPJ sob o nº 33.917.485/0001-31, neste ato devidamente representada na forma do seu estatuto social.

CONSIDERANDO QUE:

1) Foi celebrado em 05 de dezembro de 1996, em 1996, um Protocolo de Intenções (o PROTOCOLO) entre a Escola Israelita Brasileira Eliezer Steinberg (ES) e o Colégio Hebreu Brasileiro Max Nordau (CHBN), denominadas as ESCOLAS, relativas às suas atuações e

2) Sendo que a fusão institucional das duas instituições ocorreu em 2001, em um arranjo que, antes de oferecer benefícios, impôs entraves e testou ânimos.

As informações sobre este momento crucial na história das duas instituições são inicialmente tratadas com alguma tensão para, só bem depois, prevalecer o alívio de uma jornada bem-sucedida. Assim aconteceu na maioria dos relatos daqueles que viveram a história de perto.

Marcio Reznik, presidente da Diretoria de Pais no momento da fusão, declarou em entrevista ao *Lapíd*, pouco antes da formalização do processo de união das duas escolas, que a ideia de as reunir havia surgido “a partir da necessidade de fortalecer ainda mais o ensino judaico [da comunidade carioca] como um todo”. Mencionando o número expressivo e o potencial das equipes e dos alunos do Eliezer Steinberg e do Max Nordau, afirmou: “A ideia surgiu a partir do ano de 2001, com a união das duas escolas, formando a nova entidade, hoje denominada Escola Israelita Eliezer Steinberg Max Nordau”.

4) Constatando que a SIERJ possui a utilidade pública reconhecida em 05 de dezembro de 1996, de sua Utilidade Pública Federal (UPF), pela sua confirmação em última instância do Ministério da



COMISSÃO DE MÃES EM 1950, ANO DE FUNDAÇÃO DO MAX NORDAU.

Nordau, ele reiterou que o objetivo primeiro era trabalhar e trazer, para a “nova” instituição, a criança judia que não estava matriculada em uma escola judaica.

Formalmente, a fusão foi liderada pelo Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação (IIBCE) e tinha por principal objetivo acomodar as duas marcas — Eliezer Steinbarg e Max Nordau — em um novo e moderno projeto. “De início, a situação foi complicada, com grandes desafios para a gestão da nossa Diretoria de Pais e para a escola como um todo”, explicou Michel Ventura, que foi aluno do Max Nordau, da Pré-Escola até o Curso de Admissão.

Até hoje, ele — que sucedeu a Marcio Reznik na presidência da Diretoria de Pais — mantém um grupo com amigos do Max e não tem dúvida de que sua origem escolar foi muito útil em um momento crítico, quando a fusão saiu do papel e se tornou um fato com o qual alunos e famílias do Eliezer Steinbarg e do Max Nordau, bem como as equipes das duas escolas, precisaram lidar na prática.



MAX NORDAU: UMA HISTÓRIA DE AMOR À EDUCAÇÃO



TURMA DA 3ª SÉRIE DO MAX NORDAU EM 1955.

Poucos anos antes de o Eliezer ser fundado, foi criado o Colégio Hebreu Brasileiro Max Nordau. Com atividades iniciadas em 1950, surgiu como fruto do trabalho de um grupo de imigrantes judeus que buscava uma escola próxima de suas residências — em Copacabana e Ipanema — para os filhos estudarem.

O nome da instituição foi escolhido em homenagem a um dos cofundadores da Organização Sionista Mundial. Max Nordau (1849-1923) era médico, filósofo e escritor, nascido em Pest, atual Budapeste, na Hungria.

A escola carioca, que ganhou seu nome, teve sua primeira sede instalada na Rua Farne de Amoedo e iniciou atividades com 12 crianças matriculadas. Com o crescimento do número de alunos, o Max Nordau foi transferido para um imóvel maior, na Rua Francisco Otaviano, comprado com recursos auferidos em campanhas lideradas pelos dirigentes e integrantes da comunidade escolar. Mais adiante, foi adquirida outra sede, na Rua Prudente de Moraes, em Ipanema. Desta vez, como forma de assegurar suporte para pagamento da nova propriedade, a escola optou por cobrar, no momento da matrícula dos alunos, uma taxa-auxílio para a construção do prédio. O pagamento era feito apenas pelas famílias que tinham disponibilidade financeira para tanto.

Desde suas origens, o Max Nordau se definiu como uma escola tradicionalista, sionista e com forte olhar para Israel, criada com o objetivo de formar crianças e adolescentes na construção do conhecimento global. A escola, garantindo a transmissão da cultura e dos valores judaicos, dava continuidade à tradição judaica voltada à educação, respeitando os direitos humanos e as liberdades fundamentais.

Desde a sua fundação, a escola administrava uma sinagoga, para atender e unir as famílias de seus alunos. Segundo Bernardo Griner, que presidiu a Diretoria de Pais do Max Nordau, a administração da instituição de ensino e da sinagoga (que funcionava no CIB) se dava simultaneamente, dentro da mesma estrutura, com o apoio de um grupo de pais e avós dos alunos e dos antigos dirigentes da escola, entre os quais estavam Leo Zanderer, Isaac Gleiser, Abraão Golbarg, José Felberg, Bur Binder, Helio Scherman, Manoel Bermarcas e Leon Cadelman.

“A minha ligação com o Max Nordau foi, sem dúvida, um fator atenuante das tensões, naquele momento em que era preciso ter alguém para quebrar resistências.” Duas escolas de culturas não exatamente afins estavam passando por uma mudança drástica e, como observou Michel, quem migrava para uma “casa nova” era a comunidade do Max Nordau. Por isso, a relevância de ser ele a pessoa à frente da Diretoria de Pais naquela altura.

Michel liderou a Diretoria de Pais do Eliezer Max de 2002 a 2006, precisando administrar não apenas a fase inicial da fusão, mas também todo o estresse da adoção do turno integral. “Foi devastador para a Direção-Geral e a Direção Pedagógica do Eliezer. Muito complicado lidar com tanta mudança ao mesmo tempo.”

Ao trazer mais informações para descrever aqueles dias, Ricardo Gorodovits, vice de Michel Ventura na Diretoria de Pais por quatro anos, destacou que os fi-

lhos se formaram no Eliezer, mas iniciaram a trajetória escolar no Max Nordau. “A gente percebia que as coisas não iam bem, apesar de haver um olhar para o futuro, um plano de continuidade, orientado por um projeto chamado ‘Max Nordau, ano 2000’. A verdade é que, bem antes da fusão, já se pensava em soluções [de melhoria] para a escola. Vários caminhos foram cogitados até que a fusão ocorresse. Havia problemas de ordem financeira e evasão de alunos. E, na aproximação com o Eliezer, foi vislumbrada uma possibilidade



HINO DO MAX NORDAU

ESCRITO POR MORÁ SARINHA LEWKOWICZ

Felizes cantemos

O hino entoemos

A escola

Nosso segundo lar

Aos mestres e colegas

A nossa saudação

De paz, amor, liberdade

Um sorriso, uma canção

Avante colegas, avante

Estudemos bastante

Tenhamos hoje confiança no saber

Para amanhã nosso Brasil enaltecer

Shalom shalom, companheiro

Estudante brasileiro

Nossa escola

Tem o nome imortal

Max Nordau

Max Nordau

Max Nordau



ESTRATÉGIA PARA UNIR FORÇAS

Como pano de fundo para a fusão entre as escolas Eliezer Steinbarg e Max Nordau, é preciso considerar que já havia ocorrido a incorporação do Scholem Aleichem pelo Liessin pouco tempo antes. No Brasil, assim como na Argentina, algumas escolas judaicas vinham formalizando associações com o propósito de fortalecerem-se mutuamente e assegurarem a continuidade do ensino judaico de qualidade.

Como relatou Fortuné Maurice Perpignan, ex-presidente da Diretoria de Pais (1974-1980) e um apaixonado declarado pela escola, em relato documentado no *Almanaque* dos 50 anos, algumas conversas entre o Eliezer Steinbarg e o Max Nordau, tendo a fusão como pauta, chegaram a ocorrer na década de 1980. Mas não progrediram. Os entendimentos foram retomados em 2000 e, um ano depois, a fusão foi oficializada, com a integração de profissionais e alunos das duas “casas”. Mais adiante, um processo semelhante ao que ocorreu com as duas escolas foi vivido pelo Talmud Torah e pelo Barilan, ambos localizados também no Rio.

maior de sobrevivência da escola”, ponderou Ricardo, que chegou a ser membro da Diretoria de Pais no Max Nordau.

Como a família da esposa tinha longa trajetória de envolvimento com o Eliezer, por parte dos pais (Minúcia e José Kaufman — sendo ele, empresário, fundamental na construção do prédio de tijolinhos) e dos avós, estes últimos muito próximos dos pioneiros da escola, Ricardo Gorodovits repetiu no Eliezer o engajamento que já tinha experimentado no Max Nordau, com participação no trabalho voluntário em favor da escola, via Diretoria de Pais.

O cenário da fusão

Para compreender o momento da fusão, é preciso observar que, em 2001, com quase cinco décadas de atividades, o Eliezer dispunha de uma cultura já consolidada, perceptível pela comunidade judaica e também por outras escolas. Isso era decorrente de uma visão própria de atuação comunitária, firme em seus posicionamentos em termos pedagógicos e no que se referia ao ensino da cultura judaica. Neste contexto, o Eliezer Steinbarg se empenhou para que



ALEGRIA DOS ALUNOS NO MAX NORDAU, 1973.

a fusão com o Max Nordau fosse efetivada, evitando que houvesse a predominância de apenas uma linha de pensamento entre as escolas judaicas do Rio, eventualmente associadas em um único e grande bloco.

No momento da fusão, em 2001, as equipes das duas escolas somavam em torno de 300 profissionais, configurando um quadro de pessoal inchado e não exatamente funcional. O Eliezer contava com 780 alunos, enquanto o Max Nordau chegava com pouco mais de 300. Além do desafio relacionado à lida com o grupo de aproximadamente 1,1 mil alunos, havia a alta complexidade do gerenciamento de três sedes com uma diretoria única, que se desdobrava na gestão, fazendo rodízio entre Laranjeiras e as antigas unidades do Max Nordau, na Prudente de Moraes, em Ipanema, e na Francisco Otaviano, em Copacabana.



PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Para completar o quadro de instabilidade, instalou-se uma crise de identidade, com estranhamento entre as comunidades do Eliezer e do Max Nordau. Cada uma a seu modo manifestava uma dificuldade de compreensão sobre os caminhos que levariam as diferentes culturas de trabalho vigentes nas duas escolas à convergência em torno daquele novo formato.

Em termos objetivos, as discordâncias se davam em pelo menos três frentes: visão de cultura judaica a ser praticada em sala de aula, como ensiná-la e a partir de qual foco de trabalho; visão de estrutura pedagógica e sua mecânica operacional; e modus operandi de relacionamento da Diretoria de Pais com o time profissional da escola, uma vez que havia uma diferença bem-marcada na forma como as duas escolas conduziam tal interação. O embate se estendeu por um longo período, prolongando tensões e deixando no ar uma pergunta sobre o Eliezer Max: “Afinal, quem somos? Que escola é esta?”.

Contemporânea de Michel e Ricardo na Diretoria de Pais, Adriana Saul Zebulun, ex-aluna do Eliezer Steinbarg, confirmou que acomodar os ânimos no



FESTA DO FOLCLORE NO MAX NORDAU — SEDE DA PRUDENTE DE MORAIS, 1974.

pós-fusão foi tarefa árdua. “O caráter do Eliezer sempre foi agregador”, disse ela, emendando que, nem assim, com toda a boa vontade para acomodar interesses e demandas, os dias eram fáceis.

Acompanhando por meio dos filhos, então alunos da escola, as muitas mudanças que ali aconteciam e seus desdobramentos diretos, Adriana decidiu entender melhor a dinâmica da história. Para isso, entrou para a Diretoria de Pais (2004), encontrando inicialmente um espaço para colaboração voluntária com a escola. Mais adiante (2006 a 2009), ela viria a ocupar uma posição formal de trabalho no Eliezer Max à frente da Diretoria Administrativa.



NOVOS UNIFORMES APÓS A FUSÃO, ELIEZER MAX, 2001.

A fusão continuava a ter desdobramentos complexos, gerando uma sobrecarga para a estrutura física da sede de Laranjeiras, que passou a precisar de adaptações cada vez mais frequentes. Os ajustes físico-estruturais no prédio consumiam boa parte das reservas do Eliezer Max. Diversas obras precisaram ser feitas, com o movimento de saída de recursos sendo muito mais assíduo do que o de entrada, o que acendeu ali um sinal amarelo em relação à saúde financeira da instituição.

O Eliezer estava próximo de chegar ao cinquentenário. Apesar do período conturbado, optou-se pela realização da comemoração dos 50 anos. Campanhas e ações foram organizadas para apoiar o financiamento do evento, cujo diferencial, além do formato de show — com apresentação feita no Canecão, uma das maiores casas de espetáculo do Rio ao longo de muitos anos —, era a natureza inclusiva, que contou com a participação de mais de 50 voluntários para a realização do espetáculo. Das mais diversas maneiras, buscou-se viabilizar a participação ampla de todos os alunos e respectivas famílias.



CENAS DO ESPETÁCULO EM COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS DO ELIEZER MAX, 2004.



Políticas de inclusão e governança ganhavam a cena. “Acreditávamos muito na adoção de um modelo de gestão mais profissional, com a consultoria de especialistas. Um modelo que envolvesse, entre outras ações, a construção de um orçamento preciso, detalhado o bastante para balizar as decisões da Direção da escola. Ao defender este ponto, muitos anos atrás, deixamos um legado positivo. Foi uma semente plantada naqueles anos que rendeu belíssimos frutos mais adiante”, frisou Ricardo Gorodovits.

Ele e Michel Ventura, concluído o período na liderança da Diretoria de Pais, deixaram suas funções, afastando-se do dia a dia da escola no fim de 2006, ano em que Adriana Zebulun assumiu a Diretoria Administrativa. Sua dupla de trabalho mais assídua passou a ser Shirlei Kohl, diretora-geral do Eliezer Max à época. “Uma mestra de vida.”

Foco na solução de problemas

Adriana e Shirlei se empenharam para que houvesse um entendimento completo das respectivas áreas de atuação. Desta forma, aprimoraram a visão sobre a escola, alinharam prioridades e ganharam consistência em ações emergenciais de organização da casa. Em termos práticos, por qualquer ângulo que se observasse o quadro geral da escola, isso representou sacrifícios e decisões difíceis, com demissões de integrantes da equipe marcando o início de uma longa e árdua jornada de saneamento de contas e recuperação da imagem institucional.

No momento de máxima acumulação de entraves, surgiram soluções aparentemente promissoras, de efeito rápido. Em teoria, elas poderiam representar o corte imediato dos problemas. Mas o Eliezer se manteve pragmático, íntegro e fiel ao ideal de seus fundadores, sem abrir-se a ofertas de apoio que pudessem comprometer sua autonomia e seu perfil progressista e plural.

Engessado pela crise, com níveis crescentes de evasão de alunos, o Eliezer Max vivia um declínio acelerado, com substancial encurtamento de caixa. Não havia capacidade de investimento, o que travava qualquer tentativa de avanço. Sem recursos, a consolidação de resultados pedagógicos ou de comunicação não era possível.



Eliezer Steinbarg Max Nordau

Ano 1 - nº 1 - Fevereiro-Maio/2001

EDITORIAL

Este é o primeiro ano de vida da ESCOLA ELIEZER STEINBARG - MAX NORDAU. Como uma criança, estamos iniciando uma história que, esperamos, seja como diz o poeta: "comprida história que não acaba mais".

São muitas as aquisições que temos que fazer neste primeiro ano de vida. Dizem que ele é fundamental para a vida futura.

Vamos viver esse primeiro ano, descobrindo que podemos ter expressão própria, que nossas conquistas vão oscilar: ora avançamos, ora recuamos - e isso é bom, faz parte do crescimento.

Como uma criança, um dia engatinhamos, no outro andamos, no outro emitimos sons, no outro já falamos. As mudanças acontecem com muita rapidez. E essa rapidez é por vezes assustadora.

Por isso precisamos cuidar dessa criança, para que ela cresça forte, segura; para que ela construa sua identidade a partir da nossa crença de que ela é capaz, de que ela pode.

Sabemos que não é fácil crescer. Não é fácil lidar com o novo. Não é fácil fazer mudanças.

Nós, educadores, estamos sempre nos reinventando em nosso ofício. Gostamos de desafios. Pertencemos a uma contraria que tem a acreditar que vale a pena inovar, que é possível enfrentar as dificuldades se é para crescer.

Escola é lugar de ensinar e de aprender. É a nova escola ELIEZER STEINBARG - MAX NORDAU vai nos ensinar a aprender...

Que fusão pode ser confusão, mas também criação, invenção.

Que nem sempre temos as condições ideais, mas apenas as possíveis, e é no âmbito do possível que se pode avançar.

Que adaptar-se ao novo não é abandonar o velho, mesmo porque não há novo que não se engendre no velho.

Que enfrentar o desconhecido não é rejeitar o já conhecido, mas integrar velho e novo, igual e diferente, passado e presente, presente e futuro.

Que o novo, o diferente não é mais nem menos, é apenas outro.

Que viver com nossas diferenças nos torna mais generosos, tolerantes e responsáveis.

A nova escola ELIEZER STEINBARG - MAX NORDAU já está nos ensinando a olhar lá adiante, com muita imaginação e confiança, e ver que estamos construindo uma escola que tem personalidade, crenças e convicções - uma escola com corpo e alma.

A Direção

Estamos participando de um momento histórico por conta da fusão de duas grandes escolas da comunidade ELIEZER STEINBARG e MAX NORDAU. Isso nos enche de alegria e nos dá, também, mais responsabilidade.

É um ano cheio de novidades e desafios. É a fusão, que nos permite viver uma escola com três sedes diferentes, gerando a junção de profissionais e alunos que possuem muitas semelhanças, mas que têm também diferenças a aprender a conviver com as diferenças e construir uma nova identidade é o nosso maior desafio.

Outro grande desafio é a implementação de séries com horário integral. Isto é uma novidade que mexe com os professores e com as famílias por conta da mudança de horário.

Com a ajuda de diversos doadores, a Escola fez vários investimentos, tanto no espaço físico quanto em equipamentos, visando oferecer mais qualidade e conforto, tanto para o aluno quanto para o profissional.

No entanto, sabemos que de nada adianta salas confortáveis e equipamento de última geração se não tivermos profissionais qualificados, que formam a parte mais importante na concretização do padrão de excelência que buscamos. Afinal, essa valorização sempre foi um compromisso da escola. Com eles que contamos para que nossos filhos sejam formados, não apenas escolarizados, mas como cidadãos com postura ética e moral diante dos desafios da vida.

Mário Rezak - Presidente

INFORMATIVO

BOLETIM INFORMATIVO Nº1, DE FEVEREIRO-MAIO DE 2001,
O NOVO JORNAL DA ESCOLA ELIEZER STEINBARG MAX NORDAU.

Já se sabia que uma grande virada poderia ser viabilizada com a venda da propriedade da Francisco Otaviano, uma das antigas sedes do Max Nordau. Mas essa questão era tratada com muito cuidado. O grupo oriundo da escola recebia essa alternativa praticamente como um insulto e era muito refratário a este caminho.



NOVAS LEITURAS PARA A TRADIÇÃO



ROSH HASHANÁ, 2016.



PURIM, 2022.



PESSACH, 2022.

Um dos aspectos que mais diferenciam o Eliezer Max é o trabalho com a cultura judaica. Nesta missão, prevalece na escola uma visão mais humanista, que é menos relacionada às práticas religiosas, mas que não prescinde de associação aos valores judaicos mais ancestrais. Os vínculos com a cultura judaica são fortalecidos em atividades que vão além da sala de aula. Por meio de festas e outras iniciativas, como as Rodas de Conversa, ora organizadas só para alunos, ora com a presença das famílias, a escola promove oportunidades de vivência da tradição, recorrendo a elementos que ajudam a ampliar a capacidade de identificação de todos os grupos com a cultura judaica. Assim, é possível manter uma atmosfera única, de valorização da tradição à luz do tempo presente e da realidade da escola em movimento.



CHANUCÁ, 2023



PESSACH, 1977.



SUCOT, 2023.



SHAVUOT, 1976



EQUIPE DE GESTÃO PEDAGÓGICA, 2004.

O grupo do antigo Eliezer Steinbarg, por sua vez, enxergava ali uma solução, mas com sucesso muito condicionado ao esforço de progressiva redução da dificuldade de caixa. Ou seja, viável apenas com a escola estruturada financeiramente, em uma perspectiva autossustentável de longo prazo. E mais: tendo absoluta clareza sobre a aplicação de recursos, até em respeito às antigas gerações de judeus que, tanto pelo lado do Max Nordau como do próprio Eliezer, haviam trabalhado duramente e mobilizado empenho e sacrifícios para a construção de patrimônio para as escolas.

A venda do imóvel da Rua Francisco Otaviano acabaria acontecendo, em um processo com lances incríveis, que serão tratados mais adiante. Resilientes quanto ao tempo que ainda levaria até este desfecho, os dirigentes da escola seguiram incansáveis rumo às modernizações. Foi um período em que houve uma bem-sucedida captação de recursos para a biblioteca e a sala de matemática. Nesse momento, uma grande campanha de comunicação lançou o Generossoma Altruístis, o vírus do bem do Eliezer — criado pelo pai de aluno André de Botton. Essa grande campanha resultou em captação de verba para os es-

paços: Cinemax, biblioteca, laboratório de ciências do Fund I e o CAT — Centro de Artes e Tecnologia —, sala de artes e sala de matemática, sala de música (esta não realizada). Todos esses espaços foram projetados pro bono por Jairo de Sender. Porém, as melhorias aconteciam pontualmente, uma vez que não havia uma rotina estruturada de gerenciamento de doações, como acontece hoje, formalmente, por meio da Rede de Ex-Alunos e com a garantia de benefícios regulares e mais amplos para a escola. Ainda assim, mesmo sem muito método, pouco a pouco foram consolidadas mudanças consistentes para o Eliezer Max.

Em relação ao ensino, propriamente, o foco em redação cresceu ano após ano, por conta, principalmente, do peso desse quesito no vestibular. A oferta de atividades extracurriculares foi ampliada. Houve também uma importante mudança no eixo de trabalho com a cultura judaica, concretizada por meio de parceria com o Instituto Hillel. A instituição, surgida nos Estados Unidos e levada a outros lugares do mundo, é conhecida por oferecer um suporte em ambientes universitários, tornando mais atraente, para os jovens, o aprendizado relacionado à cultura judaica. Com este suporte especializado, foi enfatizado o fato de o judaísmo da escola assumir um caráter mais cultural, formativo, crítico e humanista.

Ainda na direção do aperfeiçoamento do projeto pedagógico do Eliezer Max, foram consolidados avanços no âmbito do projeto Hora'a Mutemet (em português, Ensino Adaptado). Originalmente desenvolvido e pioneiramente aplicado em Israel nos anos 1970, o projeto estava associado a práticas que valorizavam as habilidades individuais do aluno, com respeito às diferenças e favorecimento da autonomia de crianças e jovens. Fora de Israel, tinha sido implementado na Argentina, no fim dos anos 1990, como solução para a modernização das escolas judaicas locais. Foi, por seu valor e sucesso, objeto de pesquisa de vários especialistas em educação.

Às vésperas dos anos 2000, o projeto Hora'a Mutemet chegou ao Brasil, e foi adotado pelo Eliezer Steinbarg e pelo Max Nordau, em apoio aos respectivos planos pedagógicos. Sob este ponto de vista, no momento da fusão institucional, em 2001, as escolas estavam alinhadas em torno do Hora'a Mutemet e também do propósito de multiplicar as ações voltadas para o aperfeiçoamento de professores e coordenadores, com cursos e outros programas de formação.



Observações:

Sempre presente

no ano de 2009 a falta de material de trabalho, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conforme Lei

12732/2008

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2011

SECRETARIA

Therézinha Vieira Almeida de Jesus
Secretária

Shirlei Kehl
Diretora

Shirlei Kehl
Diretora

USO SECRETO

TURMA DO JARDIM DE INFÂNCIA, PARQUINHO INFANTIL, 1981.

A CASA

בְּרוּךְ אַתָּה יי, אֱלֹהֵינוּ מֶלֶךְ הָעוֹלָם, אֲשֶׁר
קִדְּשָׁנוּ בְּמִצְוֹתָיו וְצִוָּנוּ לִקְבֹּעַ מְזוּזָה

*Baruch Atá Adonai, Eloheinu melech
haolam, asher kidshanu bemitsvotav
vetsivanu likboa mezuzá.*

“Abençoado seja Tu, Adonai nosso
Deus, Rei do universo, que nos
santificaste com Teus mandamentos e
nos ordenaste afixar a mezuzá.”

Deuteronômio 6: 1-9

1 Estes, pois, são os mandamentos (...) ⁵ Amarás, pois,
o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma,
e de todas as tuas forças/ ⁶ E estas palavras, que hoje te
ordeno, estarão no teu coração/ ⁷ E as ensinarás a teus filhos
e delas falarás assentado em tua casa (...) ⁹ E as escreverás
nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.

1973



1976



1979



1983/1984



1986



1989



COMPRA DA CASA
Nº 401 E INÍCIO DO
SEGUNDO GRAU

COMEMORAÇÃO
DOS 25 ANOS
DA ESCOLA

UNIFORMES:
DO VINHO AO AMARELO/AZUL
E BRANCO/AZUL

QUEDA DO
MURO DE
BERLIM

SÉRIE	ANO	ESTABELECIMENTO
CA		
1.ª		
2.ª		
3.ª		
4.ª		

O espaço escolar sempre foi compreendido pela comunidade Eliezer Max como uma casa. Ao longo dos anos, tal entendimento se ampliou em razão da consolidação do valor da escola como construção conjunta. Mas adquiriu mais peso também pelo fato de a escola manifestar em sua natureza humanista, agregadora e múltipla, a capacidade para praticar uma receita única, diferenciada por somar afetos com uma formação de excelência, compromissada com um legado real. Quem fala do Eliezer, fala essencialmente de casa.

Em pelo menos três ocasiões, o quesito casa — ou patrimônio, em uma leitura mais formal — foi um marco, um verdadeiro divisor de águas

Em pelo menos três ocasiões, o quesito casa — ou patrimônio, em uma leitura mais formal — foi um marco, um verdadeiro divisor de águas para a instituição. A primeira dessas ocasiões remonta aos anos 1950 e tem, claro, relação com a compra da sede situada na Rua das Laranjeiras, 405, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

A aquisição foi feita em 1953, com o propósito de garantir um endereço próprio para o Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação (IIBCE), instituição mantenedora da escola, e a execução de seus objetivos culturais e educacionais. Quando veio a fundação do Eliezer, um ano



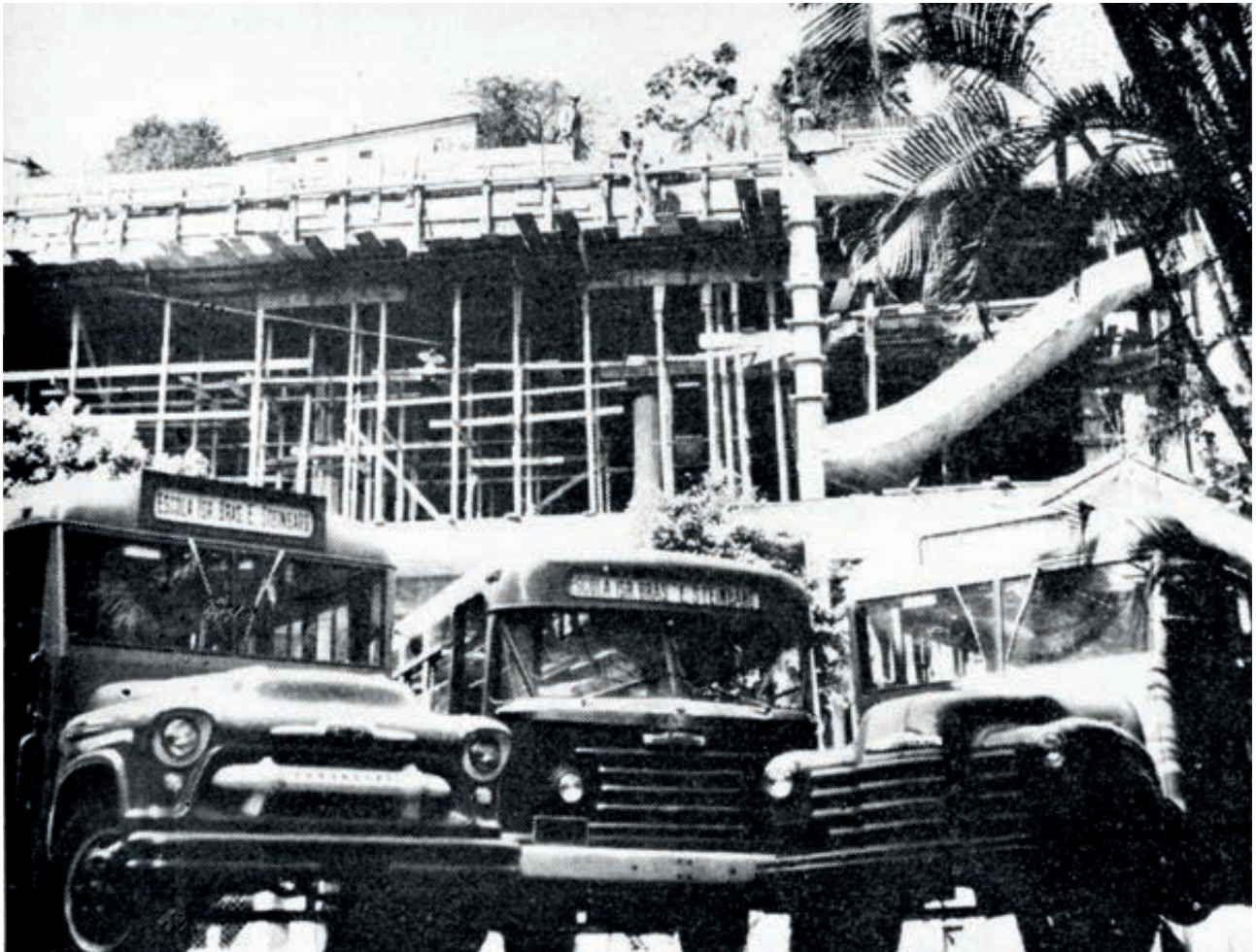
O FAMOSO PRÉDIO DE TIJOLINHOS LOGO APÓS SUA CONSTRUÇÃO, 1969.

mais tarde, o espaço passou a ser compartilhado com a escola, adquirindo rapidamente nova atmosfera, graças à presença dos primeiros alunos.

O segundo marco se constituiu em duas etapas: com o arrendamento, em 1968, do terreno dos fundos da casa vizinha ao Eliezer, situada no número 401 da Rua da Laranjeiras, e, em 1976, com a compra desta mesma casa.

O terceiro momento crucial, definidor, na prática, de um novo destino para a escola, foi a venda, em 2013, da casa da Rua Francisco Otaviano, uma das antigas sedes do Max Nordau (eram duas, a outra era a da Prudente de Moraes).

Cada um desses marcos foi cercado por uma coleção de histórias e por lances de emoção e sorte, que envolveram pessoas não só imbuídas de muita responsabilidade, mas também atentas ao compromisso com uma visão de longo prazo para a escola. Como resultado, o que se viu foi a oportunidade real garantida ao Eliezer Max de crescer e chegar, em excelente forma, aos 70 anos.



PRIMEIRA FROTA DE ÔNIBUS PRÓPRIA E CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO BRANCO, COM SALAS DE AULA, SALÃO E QUADRA ABERTA NA COBERTURA (ATUAL CAMPÃO), 1958.

Desde o ano da fundação da escola — 1954 —, foram incansáveis as empreitadas para garantir melhorias estruturais. A maioria foi realizada graças aos recursos arrecadados em campanhas e doações feitas por famílias da comunidade judaica. Nos primeiros anos do Eliezer, o foco em relação à infraestrutura foi dirigido ao estabelecimento do melhor ambiente escolar possível, começando pela organização das salas de aula.

Com os recursos apurados com a venda do terreno do Instituto, na Tijuca, foram viabilizados avanços inaugurais, favorecidos também pelo benefício adicional de o Eliezer ter obtido a isenção do imposto de transmissão relativo à aquisição do imóvel de Laranjeiras.

Essas informações estão reunidas no *Almanaque* dos 50 anos do Eliezer. Pelo que indicam os fatos mencionados na publicação, além de haver recursos para intensificar as melhorias estruturais na escola — com a construção do prédio “branco” situado nos fundos do terreno da escola (onde seriam instalados o Salão, novas salas de aula e a quadra descoberta no terraço), em obra capitaneada por Israel Averbug e Jacob Steinberg —, naquele momento foi possível dispor de um valor para saldar as parcelas referentes à compra do prédio de número 405.

A entrada nos anos 1960 trouxe novidades e planos de abertura de novas séries. Em 1966, passaram a ser oferecidas as primeiras vagas em turmas do antigo ginásial. Apesar de, em um primeiro momento, a quantidade de alunos ser reduzida, os planos para o Eliezer Steinberg eram ambiciosos e seu cumprimento, com a qualidade desejada, dependia de um fator central: espaço. Foi quando surgiu a ideia de fazer o arrendamento de parte do terreno vizinho, integrante da casa localizada no 401 da Rua das Laranjeiras.



PROJETO DE OSCAR NIEMEYER

O Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação (IIBCE), fundado em 1946, em Assembleia Geral no Colégio Scholem Aleichem, quase teve sua sede instalada na Tijuca, na Rua Haddock Lobo. Um terreno chegou a ser comprado no bairro, com recursos doados pela comunidade judaica. Ali, o então jovem Oscar Niemeyer reuniu-se com as lideranças do IIBCE, produzindo em seguida um projeto para a construção daquela que seria chamada de Casa do Povo. Em 1953, surgiu a oportunidade de compra do imóvel de Laranjeiras e o processo anterior foi desmobilizado. Os desenhos de Niemeyer, arquiteto que pouco tempo depois ganharia projeção global com a inauguração de Brasília, infelizmente não foram preservados.



Fazendo negócio com os vizinhos

Na verdade, o plano original era a compra do imóvel situado neste endereço, mas, diante da recusa dos proprietários, alternativamente buscou-se a solução do arrendamento. Uma das secretárias que mais tempo permaneceu no Eliezer Steinbarg, conhecida por todos como Dona Therezinha (Widal Almeida de Jesus), falecida em abril de 2021, lembrou-se de alguns anos antes, de vários lances dessa história. Em depoimento para o *Almanaque* do Eliezer, ela contou que certo dia foi convidada a participar de visita à casa vizinha, de propriedade de Dona Olga e seus irmãos. A ideia, segundo ela, era levar uma proposta de compra do imóvel feita pela Diretoria de Pais.

“Dona Olga categoricamente respondia que não estava interessada em vender a casa, sua residência e de seus irmãos. Foi quando tive a ideia de propor (...) o arrendamento de parte dos fundos do terreno. Seria um bom negócio, tanto para a escola, que poderia construir o prédio com as salas de aula que necessitava, como para os vizinhos, que teriam uma renda para viver. (...) ela ficou de pensar



PERFIL DE DONA THEREZINHA NO JORNAL *LAPÍD* EM 1994.

Estudos Sociais					Ciências	
É. Sociais	Geografia	História	M. e Cívica	O. S. P. B.	Matemática	Ciências e Progr. de Saúde

no caso. Saímos [da visita] sem nenhuma esperança. E qual não foi nossa surpresa quando, dias depois, recebemos um telefonema do advogado de Dona Olga, chamando, em seu escritório, um representante do Eliezer para acertar detalhes sobre a proposta de arrendamento (...).”

O processo do aluguel seguiu com sucesso, e o novo prédio — o famoso prédio de tijolinhos, com projeto e obra assinados por José Kaufman, inaugurado nos 15 anos do Eliezer, em 1969 — foi construído para acomodar mais salas de aula e, nos pilotis, a cantina melhorada. Tudo isso após uma grande campanha de arrecadação.

Como pano de fundo destes passos aparentemente corriqueiros estava um posicionamento bastante visionário e corajoso — para não dizer arriscado — por parte da escola. E por dois motivos: uma das cláusulas do contrato de aluguel dizia que, no caso de uma eventual venda da casa de Dona Olga e seus irmãos a terceiros, isto é, havendo uma venda cujo comprador não fosse o Eliezer, qualquer construção feita, além do próprio terreno, claro, reverteria para o (novo) proprietário.



A CASA 401 EM 1977, UM ANO DEPOIS DA COMPRA.



PRÉDIO DO INFANTIL E SEU PARQUINHO, COM PRÉDIO DO SALÃO AO FUNDO.

Somada a esta questão, o segundo fator de risco envolvia a Prefeitura do Rio de Janeiro, que tinha um projeto para a construção de uma via paralela à Rua das Laranjeiras. No escopo deste projeto, as premissas de planejamento viário definiam que a nova rua passaria nos fundos da casa de número 401, coincidindo exatamente com o local escolhido para a construção do novo prédio.

O assunto parecia estar bem encaminhado pelo município, a ponto de a Prefeitura estabelecer negociação com o Eliezer e só liberar a licença para construção do prédio com uma garantia: se a via paralela saísse do papel, o poder público só ofereceria indenização para o terreno desapropriado, isentando-se de cobrir qualquer valor referente à construção feita ali.

Mesmo diante dessas condições, a Diretoria do Eliezer optou por seguir em frente, confiante nas bases do projeto da escola e em seu potencial de crescimento.

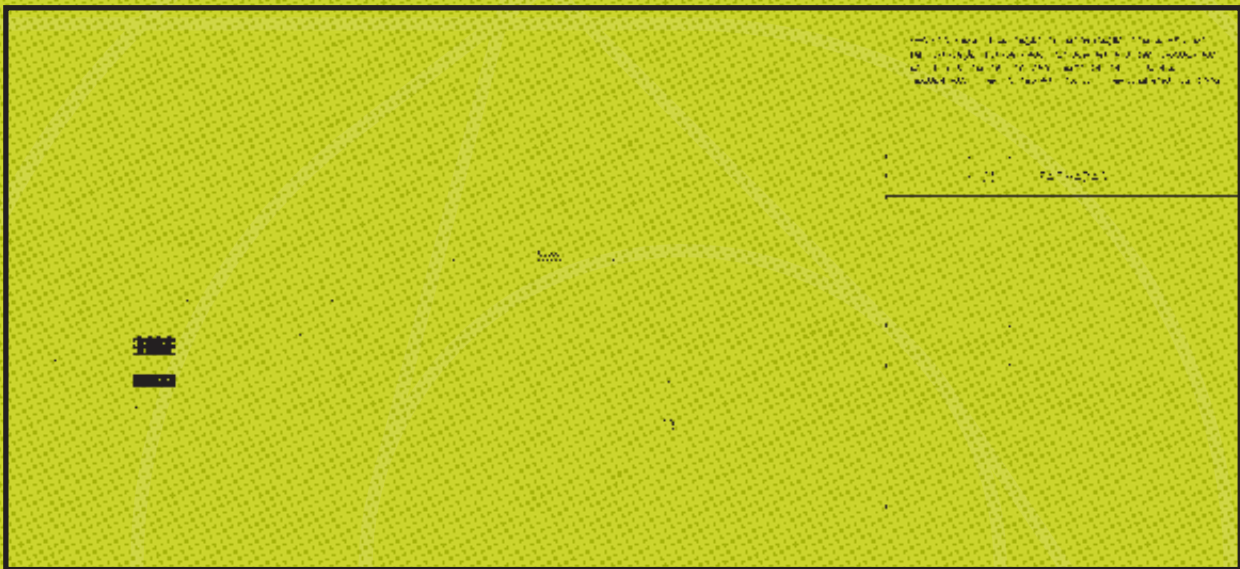
Novela com final feliz

A segunda e última parte desta novela com final feliz em torno do imóvel da Rua das Laranjeiras, 401, só se desenrolaria oito anos mais tarde, em 1976, agora com lances ainda mais incríveis, envolvendo fundo musical e várias xícaras de chá. Marcos Lahtermaher, membro do Conselho Deliberativo do Instituto, lembrou que, na época em que a Diretoria de Pais era presidida pelo amigo de mais de 40 anos, Maurice Perpignan,

Definição de conceitos: De acordo com a Lei 5692 e o Regimento Interno da Escola, a avaliação do aproveitamento escolar será feita mediante conceitos finais expressos pelas letras A, B, C, E e E, considerando-se: conceitos A, B e C - promoção à série seguinte conceitos D e E - permanência na série, admitindo-se estudos de Recuperação e a dependência na 7.ª e 8.ª Séries.			
CA - 4.ª SÉRIE			
SÉRIE	ANO	ESTABELECIMENTO	CONCEITO FINAL
04	1976	48-6 ESCOLAR	
05			
16			



VÁRIAS ONDAS DE REFORMAS E OBRAS



FACHADAS DOS NÚMEROS 401 E 405 (DESENHO PARA PROJETO DE ARQUITETURA).

Do fim dos anos 1970 até o início dos 2000, quando houve a fusão do Eliezer com o Max Nordau, foram significativas as frentes de reforma e adaptação do espaço escolar. Entre as principais mudanças, destacaram-se, nos anos 1980, a reforma do laboratório de ciências e a abertura da sala do audiovisual, com recursos captados via doações das famílias integrantes da comunidade Eliezer Steinbarg. Na primeira metade dos anos 1990, veio a abertura do laboratório de informática (Sala Rogério Steinbarg) e a reforma do Campão, do salão e dos banheiros.

Na segunda metade da década, as modernizações foram intensificadas com a instalação de novos brinquedos no parquinho do infantil; a abertura do novo prédio da administração; a remodelação da sala de artes; a inauguração da nova cantina, fechando com a entrega de duas novas salas para o 2º grau e de uma nova sala de hebraico para o Pré-Escolar.

Na sequência, antes da chegada do ano 2000, foi construído um anexo ao prédio de tijolinhos, com pilotis e mais dois andares, uma intervenção que viabilizou a abertura de mais duas salas de aula.



PRÉDIO CENTRAL, 1995.

a comunidade da escola, certo dia, foi surpreendida pela notícia de que a casa — isso mesmo, a do terreno arrendado! — estava à venda.

O Eliezer, como inquilino do terreno, tinha a preferência de compra e, por isso, foi o primeiro a saber da novidade. Dona Olga havia falecido. E, de comum acordo, a irmã e o irmão estavam prontos para fazer negócio e passar o imóvel adiante. “Fui encarregado de administrar esse processo todo e comecei por ir à casa vizinha, para me apresentar à família”, contou Marcos.

Emocionado com as lembranças, ele comentou que, depois do primeiro contato, as visitas à dupla de irmãos passaram a ser semanais e sempre acompanhadas de rodadas de chá. A ideia era ganhar tempo até que fosse possível viabilizar a compra. Campanhas de arrecadação e outras iniciativas semelhantes, isoladamente, não seriam suficientes



PRÉDIO DO SALÃO, SEM A COBERTURA DO ATUAL CAMPÃO, NO FINAL DA DÉCADA DE 1950.

AB		Frequências	
1		FERIADO	
2		FERIADO	
3		FERIADO	
4		FERIADO	
5		DOMINGO	
6		DOMINGO	
7		FERIADO	
8		FERIADO	
9		FALTOU	
10		COMPARECEU	
11		COMPARECEU	
12		FALTOU	
13		DOMINGO	
14		FALTOU	
15		COMPARECEU	
16		COMPARECEU	

para atender a urgência do negócio. Era uma corrida contra o relógio, contra corretores e potenciais interessados na casa.

“Uma noite houve uma conversa memorável. Na tentativa de baixar o preço, comecei a dizer que a casa era muito grande, que exigia uma manutenção absurda, que Laranjeiras viraria um inferno depois da obra da Prefeitura, com a abertura da via paralela à Rua das Laranjeiras. Não satisfeito, ainda acrescentei que havia a perturbação do coro da escola, que ensaiava toda segunda-feira. Neste momento, eles reagiram dizendo que eu estava totalmente enganado. Eles ansiavam pela chegada das segundas porque adoravam o coro, que definiam como um bálsamo. Este argumento foi uma bola fora!”

Divertindo-se com essas memórias, Marcos creditou o desenrolar bem-sucedido desse enredo ao apoio divino. Quando a situação parecia totalmente sem saída, foi nomeado para a direção da Caixa Econômica Federal (CEF) um dos seus antigos colegas de faculdade e da Marinha. Graças a este contato, a solução chegou para o Eliezer. Enquadrada no Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social (FAS), programa da CEF à época que abrangia vários tipos de financiamento, a escola fez jus a um contrato de teor bem favorável, construído ao longo de quase um mês de negociações.

“Chegamos finalmente a um contrato que era excepcional para a escola, com juros subsidiados. Pagávamos 40% da correção monetária, em um financiamento de 20 anos, com parcelas decrescentes. Era uma responsabilidade tremenda assinar um contrato tão longo. Mas tivemos muito apoio, inclusive, claro, de todo o pessoal do Instituto, lembro principalmente do Tobias Kaczelnik, que disse ‘vamos dar um jeito de pagar, podemos assinar porque nenhuma instituição judaica deixa de cumprir aquilo que assina’.”

Para tempos de juros altíssimos e correção monetária implacável, era um feito e tanto, devidamente comemorado com um grande churrasco, no momento da derrubada do muro que separava os terrenos da escola e da casa recém-adquirida. O Eliezer passava a ter um campus ampliado e próprio, convivendo, a partir de então, com sucessivas rodadas de obras que, pouco a pouco, foram transformando fisicamente a escola.

Diante do horizonte próximo de fusão com o Max Nordau, uma onda de reformas alcançou Laranjeiras. Foram construídas dez novas salas de aula e dois laboratórios —



CONSTRUÇÃO DAS PASSARELAS NAS OBRAS PARA A FUSÃO, NA VIRADA DE 2000 PARA 2001.

de ciências e de física — no prédio atrás da Secretaria. Na mesma empreitada, foi feita a ligação, por meio de passarelas, deste prédio com o edifício onde se encontra a atual biblioteca. A cantina foi novamente remodelada e o salão da escola adaptado para funcionar como refeitório.

Novo teste de resistência

Com a fusão entre o Eliezer Steinbarg e o Max Nordau, em 2001, tudo o que havia sido estabelecido até então, sob o ponto de vista físico-estrutural da sede de Laranjeiras, foi impactado por uma nova dinâmica de funcionamento, assumida pela escola em tem-

po recorde. Mais alunos, mais pais, mais professores, mais funcionários de modo geral. Um transbordamento de novos cenários em todos os sentidos, potencializado pela adoção do horário integral.

Foi quando começou a surgir no horizonte o terceiro marco — e talvez o mais relevante — relacionado à questão do patrimônio ou da casa que, neste ponto da história, já atendia pelo nome de Eliezer Max.

Os anos que se seguiram à fusão foram desafiadores em relação à busca pelo equilíbrio geral da escola. Iniciativas pontuais contribuíram para amenizar o caminho, na direção do acerto dos ponteiros institucionais e da restauração financeira. Este foi o caso de uma grande campanha, unindo a Diretoria de Pais, a Diretoria Pedagógica e um grupo de pais voluntários, que permitiu a arrecadação de recursos para novos espaços — Cinemax, Biblioteca, Laboratório de Ciências do Fundamental I, Sala de Artes, Laboratórios de Informática e de Matemática, além da Sala de Leitura. Com esta medida, a escola contornava o questionamento das famílias que se mostravam insatisfeitas com o espaço físico oferecido aos alunos. Mas isso não resolvia o quadro por completo.

Rubem Ferman e Fabio Beildeck, ambos com um histórico de permanência na presidência da Diretoria de Pais por mais de um mandato, estiveram juntos na entrevista para este livro e recordaram alguns dos principais esforços empreendidos a partir de 2011, visando à estabilidade da escola.





BIBLIOTECA ANNA ASTRACHAN, 2019.

Logo de início, Rubem fez questão de observar que, na infância e adolescência, não havia tido contato com o Eliezer ou o Max Nordau. Sua relação com as escolas se deu no momento de fazer a escolha de colégio para as filhas. Diferentemente, Fabio tinha estudado no Eliezer e se casou com uma ex-aluna do Max Nordau, tendo ainda familiares, como o pai, por exemplo, muito ligados à comunidade de Laranjeiras e aos descendentes dos pioneiros do Eliezer, onde seus filhos foram matriculados.

Parecia improvável que uma dupla assim — com origens tão diversas e filhos em idades não muito próximas — viesse a assumir a liderança da Diretoria de Pais — primeiro, Rubem como presidente e Fabio como diretor financeiro, depois os dois como presidente e vice, respectivamente. Juntos, eles encararam a situação complexa vigente naquele



RETRIBUIÇÃO À ESCOLA É UMA “BÊNÇÃO”

A definição da arquitetura financeira e do aparato legal para a constituição do fundo patrimonial contou com olhar atento e dedicado de Luiz Orenstein, ex-aluno do Eliezer e pai de dois ex-alunos da escola.

“A retribuição à escola ainda é uma coisa que não acontece no Brasil. Particularmente na nossa comunidade, muito se apoia. Ainda assim, a gente não vê com frequência esse reflexo de retribuir à escola aquilo que é fundamental para a vida de cada um de nós, que é a nossa base. Você observa que os pais têm muito orgulho de mandar os filhos para as universidades norte-americanas, que existem por causa das doações e fundos de *endowment*. Ao mesmo tempo em que querem usufruir disso, esquecem a ligação com a própria escola. Depois que eu saí do Eliezer, sempre estudei em instituições públicas. Minha gratidão primeira é ao Eliezer. E a gente — eu e minha família — deu muita sorte por ter esse entendimento de que retribuir para a escola é uma bênção. Não é filantropia, é realização.”

Luiz contou que foi com esse espírito de realização que, ao lado de advogados especializados, trabalhou por mais de dois anos na constituição do fundo patrimonial, podendo, depois, também contribuir para que ele crescesse.

Ainda pouco comuns no Brasil, os fundos de *endowment* (do inglês, *endowment funds*) são muito usados em instituições culturais e de ensino no exterior, como as grandes universidades norte-americanas. De natureza permanente, são constituídos principalmente por doações e são essenciais na administração e na perpetuação de patrimônio.

“Esse fundo é um acontecimento exemplar no país. É de longe o fundo mais bem constituído. As pessoas não têm ideia da quantidade de instituições que nos procuram em busca de informações sobre esse instrumento, para tentar fazer uma coisa parecida. É uma história bacana sob todos os ângulos”, frisou.

Tão animada quanto Luiz, sua esposa, Sheila Najberg, que é ex-aluna do Max Nordau, definiu o apoio oferecido ao Eliezer Max, onde seus dois filhos estudaram, como um projeto familiar. “Eles [os filhos] se engajaram, mas, às vezes, se mostravam um pouco céticos sobre os resultados que seriam alcançados. Agora, a recuperação e o progresso da escola, com todos os seus avanços, estão aí e são motivos de um enorme orgulho para nós. Eles puderam ver que a mudança foi possível.”

Enquanto Luiz se dedicou à questão do fundo, Sheila se disponibilizou para, ao lado da equipe da escola, apoiar o encaminhamento de projetos de melhorias físicas do Eliezer Max. Ouvir o casal é confirmar como são preciosas as marcas deixadas pela escola na vida de cada um e como podem reverter em trabalho amoroso e dedicado.



ATIVIDADE SOBRE FOLCLORE NA UNIDADE DA FRANCISCO OTAVIANO, 2011.

período e imprimiram suas personalidades na gestão de um grande desafio, que só se resolveria em definitivo com a venda do imóvel da Rua Francisco Otaviano.

“Formamos um time guerreiro. Era uma luta de sobrevivência”, afirmou Fabio, celebrando o fato de hoje o Eliezer Max estar a anos-luz de distância daquela mesma instituição que, em um paralelo com uma das mais ricas narrativas da tradição judaica, precisou cumprir algo como “sua própria travessia do deserto”, para poder ressurgir vigorosa mais à frente.

Economista, Fabio trabalha voluntariamente pela escola há quase 15 anos ininterruptamente. No depoimento para o livro, Rubem enalteceu a parceria do amigo e destacou que, para chegar à presidência da Diretoria de Pais, teve em Fabio um apoio decisivo.

Apesar de integrar a Diretoria de Pais, Rubem se mantinha, de acordo com sua própria definição, como um “ilustre desconhecido” para a maioria dos veteranos, isto é, para

os integrantes do Instituto mantenedor da escola. Até ali, a gestão do Eliezer se mantinha atrelada à presença e à força de um grupo mais ligado aos fundadores. A escalada das dificuldades da escola chegou ao ponto de abalar essa dinâmica, com inúmeros ruídos na relação entre o Instituto e a Diretoria de Pais. À época, Rubem surgiu como uma figura pragmática, de pulso firme e, junto com Fabio, que tinha um histórico de ligação com o Eliezer e os veteranos, assumiu, no fim de 2011, o desafio de reestruturar a escola.

A imediata adoção de medidas radicais foi inevitável. Entre elas, o pedido de antecipação de mensalidades feito a 30 famílias da escola, a fim de obter receita para o pagamento de despesas básicas; o fechamento das sedes das ruas Francisco Otaviano e Prudente de Moraes (usadas pelo Max Nordau); e a concentração de atividades exclusivamente em Laranjeiras.

Emergencialmente outras medidas de saneamento financeiro foram tomadas, o que favoreceu a gradativa construção de um clima de confiança, motivando, então, a autorização, por parte dos dirigentes do Instituto, de venda do imóvel da Francisco Otaviano.

Muitos dos entrevistados, que gentilmente contribuíram com depoimentos para este livro, foram unânimes ao falar da importância deste momento, acrescentando ainda reconhecimento a Jaime Celso Bogorotty, construtor e especialista do mercado imobiliário, pela condução de um negócio altamente exitoso, que foi fechado em 2013 e permitiu ao Eliezer uma experiência de completa reestruturação.

“O processo [da venda] foi longo, com muito tempo sem aparecer interessados. Quando surgiram, valores muito baixos eram oferecidos. Mas, como o Celso é do ramo, ele tinha fé [que uma boa oportunidade viria]. Aqui no Brasil você depende se o público está ‘comprante’ ou não. Se fosse hoje, aquela venda certamente não teria sido feita. Ele teve a força de segurar [a propriedade] e não vender por qualquer tostão. É uma história bacana, você ter um patrimônio e saber tirar o máximo dele.” A declaração de Debora Bogorotty, casada com Jaime Celso Bogorotty, refletiu bem o que foi aquele período de expectativa em torno das negociações envolvendo a casa.



EM DIA COM A GOVERNANÇA

Entender a estrutura de governança do Eliezer Max é compreender melhor os mecanismos de funcionamento da escola e comprovar sua fidelidade aos valores de seus fundadores. Ao mesmo tempo, é percebê-la como fruto de uma construção coletiva, que tem por pilares o diálogo e a cooperação.

Atualmente, a escola tem duas diretorias profissionais — uma pedagógica e outra administrativa —, que se desdobram na gestão das unidades de Laranjeiras e Ipanema, esta última a sede mais recente do Eliezer e totalmente dedicada à Educação Infantil. A Direção Pedagógica responde por tudo o que envolve a sala de aula. Ou seja, pela equipe — coordenadores, professores, psicólogos — e pela operação direta das turmas da Educação Infantil, do Fundamental I e II e do Ensino Médio. A Direção Administrativa, por sua vez, é responsável pelo apoio à Direção Pedagógica, em bases estruturais, com atuação nas áreas de comunicação, financeiro, RH, captação de alunos, segurança, patrimônio, conservação, manutenção, nutrição, TI, atividades complementares e Rede de Ex-Alunos. Ambas se reportam à Diretoria de Pais, que faz a gestão da escola em conjunto com a Direção Profissional.

Por ser uma escola comunitária, sem fins lucrativos, o Eliezer tem nos pais de alunos a figura de “sócios-acionistas”. São eles que, a cada dois anos, elegem, em assembleia, a Diretoria de Pais, composta por voluntários cujos filhos estão matriculados na escola, para um mandato de dois anos, que pode ser renovado por outros dois anos. Nesta diretoria, os principais cargos são presidente, vice-presidente e diretor financeiro, além das lideranças das comissões para temas como obras, eventos e cultura, entre outros.

Acima da Diretoria de Pais, fica o Conselho da instituição mantenedora, que é o Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação (IIBCE). O objetivo deste colegiado é garantir a perenidade da escola. Como instância institucional máxima, o Conselho não se envolve na parte executiva ou de relações da escola. A exemplo do que acontece com grandes corporações, é um administrador estatutário, digamos, que se encarrega de aprovar contas e balanços, na perspectiva de preservar a escola e assegurar seus níveis de atividade com qualidade no longo prazo.

O Instituto é composto por lideranças que têm vínculo histórico com a escola ou com o próprio IIBCE, por meio de seus familiares, como praticantes do *idishkeit*, sentimento de ternura pelas próprias raízes. São, em sua maioria, ex-alunos, pais de ex-alunos e ex-presidentes da Diretoria de Pais. A composição do Conselho do Instituto é limitada a 15 pessoas, entre as quais se incluem três pais de alunos atuais do Eliezer Max. Este trio é eleito na mesma assembleia que define os integrantes da Diretoria de Pais.



Tempo de virada

Para Fabio Beildeck, a escola saiu de uma demorada “tempestade perfeita” (2008-2011), resultado de uma combinação de problemas que acabaram impondo sua força a despeito de o Eliezer ter um histórico de gestões muito lúcidas e responsáveis, para viver uma virada espetacular, que muitos duvidaram que pudesse ocorrer.

Esta virada teve ponto de partida em 2013 e, na visão de Fabio, aconteceu em três etapas. A primeira delas impulsionada pela venda do imóvel e a consequente capitalização da escola. Isso permitiu que o Eliezer encontrasse o equilíbrio financeiro e o fortalecimento institucional para renovar a equipe, incluindo a contratação de uma nova diretora pedagógica, a educadora Thelma Polon.



USO DE CHROMEBOOKS EM SALA DE AULA, 2021.



ESPAÇO MAKER, INAUGURADO EM 2018.

Constitui-se, assim, uma oportunidade para o redesenho do projeto pedagógico da escola, no que se referia ao conteúdo, à equipe, ao relacionamento com pais, em uma visão de credibilidade, de resultado e de consistência. “É quando a gente respira e fala: agora vamos olhar para frente”, frisou Fabio.

Uma segunda etapa, como ele explicou, envolveu a modernização da governança, tanto pelo lado da redefinição de responsabilidades de diretorias, com a atualização do estatuto da escola, como pela determinação de regras para o gerenciamento e o uso dos recursos auferidos com a venda da casa da Francisco Otaviano, à luz da criação de um fundo patrimonial.

“Caminhamos para a implementação de um plano de modernizações, a fim de contemplar a melhoria do ensino de inglês, a renovação do projeto pedagógico e investi-

mentos em tecnologia, além da abertura do Espaço Maker. A ideia era colocar a escola novamente na vanguarda do ensino e recuperar a credibilidade da instituição.”

Afeto e trabalho

Os amigos Paulo Lerner Froimtchuk e Victor Dweck, ambos ex-alunos, frequentadores das salas de aula do Eliezer desde o Infantil até à última série do Ensino Médio, no período entre o início dos anos 1980 e o fim dos anos 1990, contribuíram para a construção do novo estatuto como membros do Conselho Deliberativo do Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação.

Representantes de uma novíssima geração participante desta instância apoiaram — com suas bagagens afetivas e técnicas, isto é, unindo o apreço pela escola com suas expertises profissionais — uma etapa estratégica, na qual uma série de modernizações estatutárias foram formalizadas, dando nova roupagem institucional ao Eliezer Max. Quem escuta o relato dos dois tem logo a percepção do quanto essa tarefa exigiu trabalho e muita negociação.

Vindos de experiências anteriores de apoio e trabalho pela escola, antes mesmo de serem pais e terem os filhos no Eliezer, os dois chegavam ainda mais maduros para apoiar as transformações sobre as quais estaria apoiado o novo ciclo virtuoso do Eliezer Max.

No período mais crítico, a dupla tinha tentado emplacar o projeto Alumni, em versão customizada para a escola das Laranjeiras. Conhecido em muitas instituições por fomentar a reunião de ex-alunos em uma grande rede de apoio à escola, em retribuição pela formação recebida, este tipo de iniciativa auxilia instituições de ensino em todo o mundo, tanto com voluntariado quanto com recursos financeiros.

“Este projeto passou a ser viável somente a partir de 2016”, explicou Paulo. Como o Alumni não pôde avançar, ele e Victor propuseram então a vinda de um consultor que, entre outras medidas, ajudou a mapear valores e as principais forças da escola, já sinalizando a necessidade de ajustar a governança. Este trabalho, na opinião de Victor, definiu “um ponto de inflexão” para a escola.



UNIDADE DE IPANEMA, DEDICADA À EDUCAÇÃO INFANTIL, 2016.

Os dois acompanharam os desdobramentos de superação da crise. “Eu estava morando em São Francisco quando o Helio Szwertszarf me ligou, muito comovido, contando sobre a venda da casa da Francisco Otaviano”, disse Paulo. Ao lado de emoções fortes, ambos sabiam que estava garantida a entrada de recursos para o Eliezer Max, que ajudariam a acelerar os ajustes no estatuto e a constituição do fundo patrimonial.

“O fundo de *endowment* da escola é uma referência. Por seu desenho e, principalmente, pela governança que existe sobre a tomada de decisão em relação aos recursos”, pontuou Victor. Bisneto de David Lerner, um dos fundadores do Eliezer, Paulo emendou dizendo: “Imagino meu bisavô, que veio da Bessarábia, oriundo de uma família simples, vendo a escola hoje e como ela está preparada para o futuro, mantendo esses valores bem administrados”.

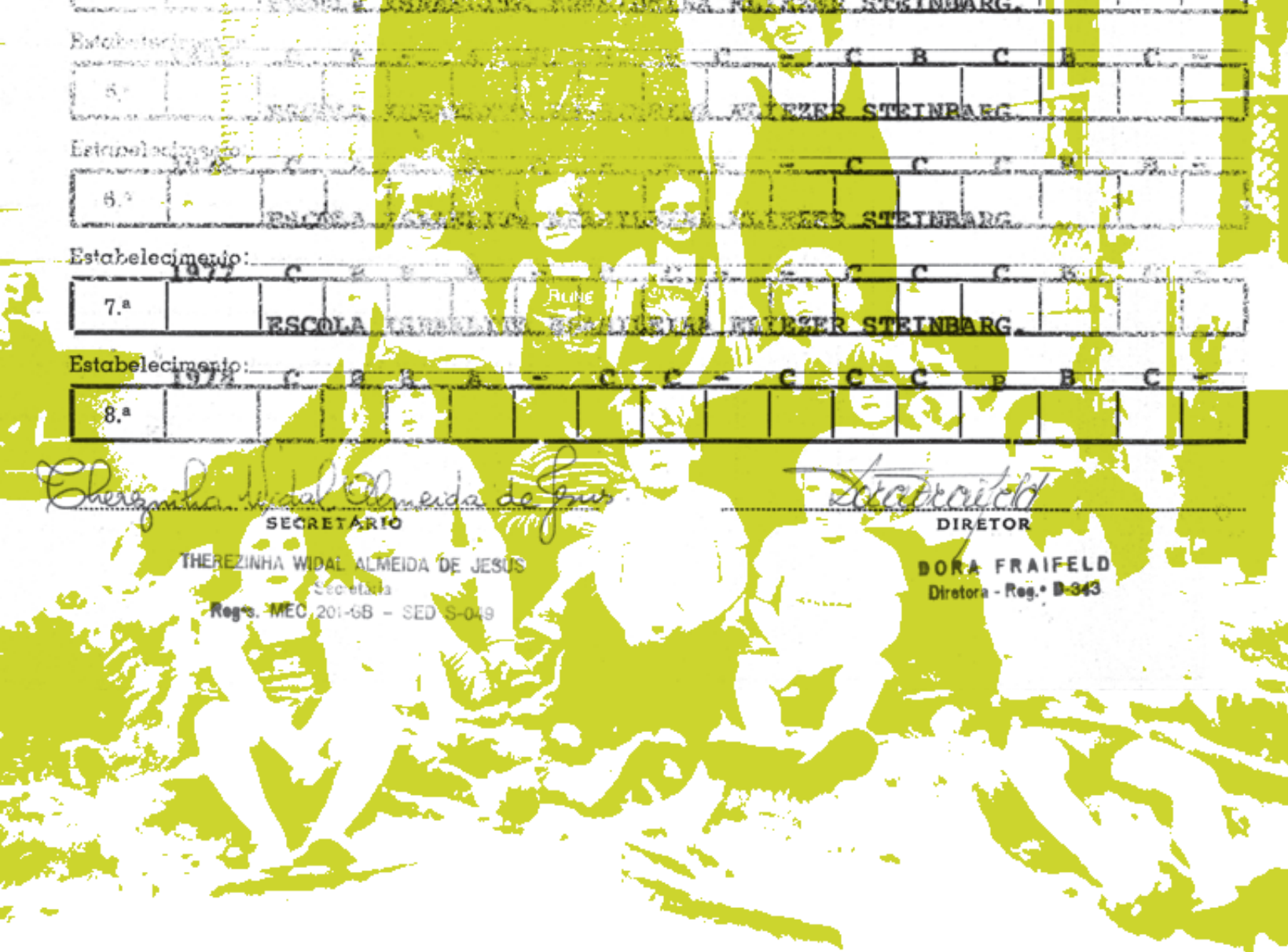
Com instrumentos de gestão e controle bem afinados, a escola, algum tempo depois, se viu madura para considerar a abertura de uma nova unidade, dedicada à Educação



CRIANÇAS EM ATIVIDADE NA UNIDADE DE IPANEMA NA RUA SADDOCK DE SÁ, 2019.

Infantil. Foi quando ocorreu a compra de uma casa na Rua Almirante Saddock de Sá, em Ipanema. Um ano depois, o Eliezer Max atingiu a capacidade máxima de atendimento no local — cerca de 100 alunos —, podendo celebrar o sucesso deste passo.

A escola passou, então, a desfrutar da evolução em uma espiral positiva, mas, como destacou Fabio, ainda com cautela, uma vez que foram pelo menos cinco anos de trabalho duro até que a curva de crescimento do número de alunos fosse restaurada. Como ele explicou, o Eliezer já tinha atingido o equilíbrio em 2017. A escola estava financeiramente saudável, mas ainda patinava em um nível desafiador quanto ao número de alunos. No entanto, a partir de 2018, o contingente voltou a subir, chegando a 600 alunos em 2023.



Finalmente, a terceira etapa da virada veio já comprometida com o alto nível de profissionalização da equipe do Eliezer Max, tendo relação com o projeto de planejamento e gestão de marca ou, usando a terminologia do marketing, no projeto de *rebranding*. Como um mecanismo vivo de promoção da instituição, ele visa o fortalecimento da identidade da escola na direção de sua melhor e maior percepção por parte da sociedade como um todo. Mais do que nunca, o conceito de casa — e as muitas inspirações relacionadas às construções familiares e conjuntas, mas que respeitam talentos e habilidades individuais — está em pauta. Prepare-se para vê-la mais de perto!



HISTÓRICO ESCOLAR (verso) de KAREN MANN

TURMA DO ANTIGO C.A. (ATUAL 1º ANO) NO PARQUINHO, 1981.

DA ESCOLA PARA O MUNDO

“Uma vez eu me sentei nos degraus ao lado do portão na Torre de David, coloquei as duas cestas pesadas ao meu lado. Estava lá um grupo de turistas ao redor do guia e servi de ponto de referência. ‘Vocês veem esse homem com as cestas? Um pouco à direita da cabeça dele há um arco da época romana. Um pouco à direita da cabeça dele.’ Mas ele se move, ele se move! Eu disse em meu coração: A redenção virá somente se disserem a eles: Vocês veem lá o arco da época romana? Não importa: mas ao lado dele, um pouco à esquerda e abaixo dele, senta-se um homem que comprou frutas e verduras para a sua casa.”

Yehuda Amichai

(Terra e paz: Antologia poética

Bazar do Tempo, 2018. Trad. Moacir Amâncio.)

NASCIMENTO
DA WORLD
WIDE WEB
(WWW)

1991



40 ANOS:
FESTA NO
HOTEL
SHERATON



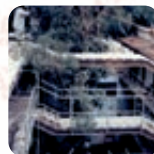
1994

O REAL COMEÇA A
CIRCULAR COMO
MOEDA OFICIAL

1994



CONSTRUÇÃO DE
NOVAS SALAS
DE AULA E DE
PASSARELAS ENTRE
OS EDIFÍCIOS



2001

NASCE O ELIEZER
MAX: FUSÃO
ENTRE AS
ESCOLAS ELIEZER
STEINBARG E MAX
NORDAU



2001

ATENTADOS
DO 11 DE
SETEMBRO
NOS
ESTADOS
UNIDOS

2001



A postura vanguardista e a atenção ao protagonismo do aluno em seu processo de aprendizado, a valorização de talentos, bem como o apreço pelas práticas criativas e inovadoras compõem a essência do Eliezer Max e têm funcionado como passaporte para uma evolução proveitosa da sua missão educacional ao longo de 70 anos.

Se, nos primórdios da escola, houve algum romantismo na concretização do ideário de formação e transmissão de conhecimento, mais recentemente, o que se vê é um compromisso com níveis muito elevados de excelência e profissionalismo. Porém, sem perder a ternura.

A trajetória de 70 anos do Eliezer Max coincide com tempos de enorme transformação da humanidade, essencialmente embalados pela revolução geopolítica e tecnológica. Muitos dos marcos contemporâneos — da fundação do Estado de Israel à pandemia de covid-19, passando pelo desenvolvimento da internet e pela mudança significativa do meio social — têm sido vividos intensamente também em uma perspectiva interna da escola, confirmando atenção e abertura para a natureza mutante do tempo e da sociedade.



ENCONTRO, EM 2020, DE ATUAIS E EX-INTEGRANTES DA DIRETORIA PROFISSIONAL. DA ESQUERDA PARA DIREITA: MONIQUE GHELMAN BITTER, SHIRLEI KOHL, BRUNO GOTTLIEB, THELMA POLON, ADRIANA SAUL ZEBULUN, SONIA GHEVENTER E RUTH HELENA DWECK.

Mesmo quando se viu diante de grandes entraves estruturais e pedagógicos, a escola manteve-se como mediadora da melhor compreensão de todas essas novidades, atuando sobre as formas de construção do conhecimento. Desta maneira, os alunos sempre puderam encontrar terreno firme para crescer.

São sete décadas de dedicação à educação, sem renunciar ao investimento em ferramentas e práticas capazes de preparar e atualizar os alunos para estarem mais instrumentalizados, a fim de lidar com o que se passa internamente, no processo de aprendizado e nas externalidades que o acompanham. Sem, no entanto, perder de vista o preparo para lidar com a realidade que pulsa além dos muros do Eliezer, dentro da visão de formar pessoas que possam estar seguras para uma atuação no mundo.

Ex-aluno, o engenheiro Victor Dweck comentou, em entrevista para este livro, que, além do olhar moderno para o conteúdo pedagógico, a escola sempre foi muito enfática no reconhecimento do valor dos estudantes, permitindo a formação de indivíduos seguros na forma de expressar suas ideias. “O Eliezer contribuiu muito para que, hoje, eu possa desempenhar minha profissão com segurança, propondo ideias criativas com tranquilidade e firmeza. Esta bagagem que, no meu caso, está associada com a experiência com o trabalho voluntário no movimento juvenil sionista, faz com que a gente chegue com um diferencial muito grande no mercado de trabalho.”

Paulo Lerner, também engenheiro e ex-aluno, frequentou o Eliezer no mesmo período que Victor, nos anos 1980 e 1990, e trouxe uma visão semelhante à do amigo, dizendo que foi preparado para manter a autoestima em alta e atuar confortavelmente em seu meio profissional. Especializado em startups e tecnologia, com trabalhos de liderança comercial neste segmento, Paulo observou que, no seu ecossistema profissional, o erro é bem-vindo. “Quando a gente trabalha com startups, erra muito e vê nisso um fator positivo, de aprendizado. Vivemos em um mundo complexo, que requer um número cada vez maior de habilidades para testar, corrigir e evoluir. Em um ambiente como o do Eliezer Max, você é bem formado e também acolhido e respeitado pelo que é. Isso traz segurança para assumir riscos e tentar caminhos diferentes sem medo de errar. Esta é a principal razão da escolha do Eliezer para os meus filhos.”

Fã declarada do Eliezer, Monique Ghelman Bitter, ex-aluna e atual gestora de Relacionamento da escola, teve sua capacidade de resiliência testada muitas vezes e isso ocorreu no próprio ambiente escolar. Tudo começou com uma fase de trabalho voluntário para apoiar a escola na primeira década dos anos 2000. O que seria um período sabático de uma profissional que exercia funções no setor de telecomunicações passou a ser um voluntariado para ajudar a escola em seu processo de equilíbrio pós-fusão. E o voluntariado transformou-se em trabalho formal.

Monique foi convidada para assumir o cargo de diretora administrativa do Eliezer Max, sucedendo Ruth Helena Dweck. Quando aceitou o desafio, em 2012, a meta era ficar na função por dois anos, mas o destino — ou terão sido os ventos afetuosos da

escola? — ditou rumos diferentes e ela está perto de completar 12 anos de trabalho no Eliezer, tendo, inclusive, já mudado de função.

Atualmente, ela tem entre suas responsabilidades o papel estratégico de captação de novos alunos. Por fazer atendimento às famílias interessadas em matricular os filhos na escola, Monique pode destacar com naturalidade a importância do Eliezer na sua vida pessoal e profissional.

“No encontro com famílias que buscam a escola, falo com o coração, como ex-aluna, com um sentimento verdadeiro de pertencimento a esta casa. Falo também com a razão, dispondo de conteúdo e de propriedade para explicar cada projeto que temos hoje, afinal participei da construção do novo momento do Eliezer. E, finalmente, falo como mãe, com a experiência vivida com meus filhos na escola. Quando trago famílias para conhecer o Eliezer, gosto de recebê-las na hora do recreio para que vejam o brilho no olhar das crianças. Este é o melhor retrato que



OS DESAFIOS DA PANDEMIA

O processo de transformação digital e adoção intensiva de ferramentas de tecnologia, encaminhado com maior ênfase e regularidade, entre 2017 e 2019, foi essencial para que o Eliezer respondesse rapidamente aos desafios de continuidade das atividades escolares durante a pandemia. Graças ao investimento em modernização de sua base tecnológica, a escola conseguiu oferecer soluções que, considerando a rotina acadêmica, tornaram menos traumático o processo de adaptação ao isolamento social. Tal postura teve reconhecimento em matéria da revista *Época*, em fevereiro de 2021. Na publicação, o Eliezer é mencionado como uma das escolas cariocas que melhor enfrentaram o desafio da educação remota.

Diante da declaração do estado de pandemia do novo coronavírus pela Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2020, e das medidas anunciadas pelo governo federal uma semana depois, que já sinalizavam a decretação de quarentena, a escola entrou em estado de alerta e mobilizou sua equipe para a atuação no formato online. Medidas práticas, como o levantamento da necessidade de computadores pelas famílias e pelos professores (para empréstimo de chromebooks) e a distribuição dos materiais que permaneciam na escola, contribuíram para que houvesse a menor descontinuidade possível das atividades escolares. Um mix de soluções digitais, apoiado principalmente na plataforma Google, foi organizado, e o canal de comunicação com as famílias foi intensificado, por meio de um aplicativo. Assim, foi possível alcançar o sucesso nas medidas voltadas ao atendimento dos alunos e ao apoio a suas famílias.



AMIGOS DA TECNOLOGIA



ALUNOS UTILIZANDO OS CHROMEBOOKS EM SALA DE AULA, 2016.

Adotado no Eliezer em 2015, o projeto Google Apps para Educação — uma solução consolidada pelo gigante da tecnologia, na primeira década dos anos 2000 — mudou rotinas e imprimiu novo ritmo a muitas atividades do Eliezer Max. De início, foi feita a migração da plataforma de e-mails e o acesso às ferramentas pelas áreas administrativa e de gestão. Em seguida, houve a inclusão dos professores e alunos no sistema, com avanços no uso de recursos da plataforma para a área pedagógica. Pouco a pouco, construiu-se uma cultura de trabalho colaborativo via internet, com projetos e documentos acessíveis em qualquer tempo e lugar.

O Eliezer Max foi uma das primeiras escolas do Rio a mergulhar em um projeto estruturado de capacitação de professores para fluência digital no ambiente de ensino. Para isso, adotou uma solução de tecnologia educacional segura, robusta e de amplo alcance, cumprindo uma jornada que teve o apoio da For Education, parceiro oficial da Google Educação no Brasil e referência no mercado por sua liderança em experiências de transformação da sala de aula, tanto em escolas particulares quanto públicas.

O sucesso do projeto levou a novas etapas de digitalização, como a que ocorreu em 2016, com a chegada de 40 Chromebooks — notebooks robustos e de baixo custo que rodam o sistema operacional Chrome e são otimizados para o trabalho online. Os equipamentos foram adquiridos com os recursos vindos de uma campanha de doações, que teve generosa contribuição de famílias e amigos do Eliezer Max. Depois de serem testados pelas equipes de Tecnologia Educacional e de TI da escola, os Chromebooks chegaram aos alunos que, a cada acesso, encontram um ambiente com ferramentas personalizadas, segundo faixa etária e temas de estudo. A adoção deste tipo de recurso acelerou a transformação digital da sala de aula, favorecendo a autonomia e autoria do aluno e ainda estimulando o trabalho colaborativo e a troca de conhecimento entre os jovens.



PARTE DO CORPO DOCENTE, 2016.

podemos apresentar. Se a criança não está feliz, seu processo de aprendizado fica comprometido. Aqui, há prazer em aprender.”

A paulistana Thelma Polon, diretora pedagógica da escola há mais de uma década, se lembra com carinho das primeiras informações que teve sobre o Eliezer, logo após a sua transferência para o Rio. A mudança se deu por razões profissionais, no início dos anos 2000. Naquele ponto da sua própria história, dedicada a outros projetos educacionais desenvolvidos por instituições cariocas, Thelma não poderia supor que, algum tempo depois, estaria tão envolvida e exercendo tão variadas responsabilidades na escola das Laranjeiras.

Como uma maestrina, que atua em estreita colaboração com toda a equipe da escola, Thelma lidera os movimentos que fazem pulsar o coração do Eliezer, rumo à missão mais essencial da instituição: formar pessoas. A Direção Pedagógica, atualmente sob sua

batuta, se responsabiliza, em colaboração com a equipe de coordenadores de segmentos, coordenações especializadas, coordenadores adjuntos e psicólogos/psicopedagogos, por todo o trabalho relacionado à sala de aula e à vivência do espaço escolar, para que tudo isso se dê num clima de acolhimento e respeito às diferenças, com atendimento às necessidades dos alunos, professores e familiares, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Articulação ativa

É por meio da Direção Pedagógica que o Eliezer Max articula saberes, competências e mantém um clima de colaboração entre todos os envolvidos na tarefa educativa visando produzir uma educação de excelência. Tudo isso cumprindo as exigências de elaboração, implementação e atualização permanente do Projeto Político-Pedagógico (PPP), nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96).

“Mal pisei na cidade e recebi a incumbência de analisar diversos projetos de instituições privadas de ensino que iriam compor o programa de um grande evento de educação realizado no Rio. Não era uma época de uso habitual de computador, não se recebia nada por internet ou e-mail. Os projetos das escolas chegavam via correio, na forma impressa, uma papelada danada, envelopões com um material riquíssimo. No processo de seleção dos projetos, às vezes eu me deparava com trabalhos sem muita expressão, mas, na maioria das vezes, me via diante de algo muito interessante, com projetos de alta qualidade. Quando parava para olhar a procedência, eu me dava conta que vinham de uma tal escola Eliezer Steinbarg. Criei ali uma admiração, um carinho, uma afinidade imediata.”

Thelma lembrou que, logo na sequência deste encontro carioca de educação, foi criado o Grupo Escolas Rio, reunindo instituições privadas para debater expectativas em torno da reforma curricular, no contexto da LDB 9394/96. O Brasil vivia tempos de uma ampla reforma curricular proposta pelo governo federal, no embalo do lançamento do Plano Real, reforma econômica famosa por estabelecer o controle inflacionário no país.

ALL

SÉRIE

TURMA

Foi neste cenário de debate e mudança que Thelma conheceu pessoalmente as diretoras do Eliezer à época, Shirlei Kohl e Dora Fraifeld. As duas eram assíduas frequentadoras do grupo de discussão que se reunia mensalmente para entender os cenários daquele momento, estudar possibilidades de trabalho e de investimentos conjuntos para a formação de educadores. “Acabei me identificando com a história daquela escola. Uma escola com densidade histórica, vanguarda pedagógica. Tive notícias do investimento que o Eliezer tinha feito, levando grupos de educadores a Israel para conhecerem pedagogias ativas. Falava-se muito do Hora’a Mutemet. Tudo aquilo era muito instigante!”, declarou a diretora.

O que parecia extremamente inovador aos olhos externos era prática constante no Eliezer. Ou seja, o interesse por programas, métodos e parcerias que resultassem em uma visão mais moderna, inclusiva e avançada da educação e da lida com as habilidades de crianças e jovens, não saía da ordem do dia. Ao contrário, mantinha-se em pauta desde os primórdios da escola.



NOVAS FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO JUDAICA NO BRASIL

Em 2014, o Eliezer promoveu um importantíssimo simpósio internacional intitulado “Novas fronteiras da educação judaica no Brasil”. Organizado pela Coordenação de Cultura Judaica, em parceria estreita com a Diretoria de País da escola, na gestão de Celso Garbarz — consultor paulista que orientou a escola em questões sobre cultura judaica e que, depois, chegou a assumir a Direção-Geral por um breve período —, e da equipe de especialistas do Biná, o evento reuniu, para um debate inédito, lideranças do Brasil e do exterior, representando as mais diversas correntes da educação judaica no mundo.

A participação dos integrantes do Biná, o movimento surgido em Israel que até hoje une com maestria educação e ativismo social, em uma receita cujo resultado é a promoção do pluralismo, com base na cultura e nos valores judaicos, foi fundamental para agregar ainda mais valor ao simpósio.

Convicções institucionais à parte, o Eliezer revelou ali sua natureza agregadora, abrindo frentes de escuta e diálogo até com representantes de linhas educativas contrárias às premissas de trabalho da escola. A troca de experiência foi intensa. O evento, que contou com atividades para professores e alunos, foi considerado um resgate da linha de ensino da cultura judaica do Eliezer e influenciou tanto o intercâmbio da escola com suas congêneres do Sul do país como ações da Confederação Israelita do Brasil (Conib), nos anos seguintes.



AULA DE MÚSICA PARA TURMA DO INFANTIL, 2019.

No entanto, com a instalação do processo de fusão entre Eliezer Steinbarg e Max Nordau, a prioridade passou a ser o gerenciamento de aspectos estruturais e a rotina operacional da escola. Isso acabou por comprometer temporariamente a clareza com relação à (nova) identidade institucional e, conseqüentemente, a consistência do discurso. Como Thelma pontuou, após a fusão, em um primeiro momento, foi difícil para a escola compreender a própria persona — “Dizer o que era, o que pensava ou abraçava”.

União em torno da identidade da escola

O ajuste de todos esses pontos não foi tarefa fácil. Aconteceu graças à mobilização da equipe de gestão que, naquele início da segunda década dos anos 2000, tra-

belecido, o Eliezer precisou se ajustar em relação à legislação, para que pudessem ser atendidos os termos da LDB.

O Eliezer evitou trilhas fáceis e pesou bem necessidades, priorizando, em um primeiro momento, a atualização das tecnologias educacionais que estavam muito defasadas. Cumprido este passo, a escola passou, então, a gerenciar uma abordagem inteiramente nova para o estudo de línguas estrangeiras — inglês e hebraico —, não assumindo o perfil clássico de uma escola bilíngue, mas investindo na solidez de uma formação continuada e abrangente em idiomas. Somou-se a isso o amadurecimento do conceito de tecnologias criativas — presente até hoje na escola — e posterior adoção de soluções ancoradas no tripé mídias digitais, *maker* (espaço de solução de problemas, com currículo próprio de uma faculdade de design) e programação, visando o desenvolvimento de atividades complementares no contexto da escolarização básica. Os efeitos dessas ações foram potencializados com discussão e implementação de um currículo voltado ao desenvolvimento de competências socioemocionais (*soft skills*), gerando na escola uma movimentação profícua em torno das habilidades comportamentais dos alunos.

O caminho foi longo até que as muitas novidades se consolidassem. Em 2013, no momento de sua entrada no Eliezer, Thelma Polon calculou em cinco anos o período necessário para uma transformação consistente e que pudesse contemplar uma meta prioritária: a reversão da evasão de alunos. Logo na sequência, o objetivo era o de retomada do crescimento, mas orientado por um diálogo franco com as famílias, com um posicionamento claro sobre a orientação teórico-epistemológica que a escola estava assumindo, visando o redesenho do projeto pedagógico.

Responsabilidade conjunta

A transformação veio com a reconquista da confiança das famílias, em relações transparentes e não burocráticas, com amplo espaço de escuta. “Nada melhor do que o encontro de família e escola para pensar a educação de crianças e jovens”, destacou a diretora, afirmando que tamanha responsabilidade — a formação de indivíduos para o mundo — é para ser dividida e não conduzida unilateralmente.



APRESENTAÇÃO NO FEST, NOSSO SHOW DE TALENTOS, 2015.

No momento da celebração das sete décadas de atividades, há um empenho particular para que essa visão esteja espelhada em cada passo dado pela escola. Com o propósito de medir os efeitos dessa empreitada, há alguns anos o Eliezer realiza uma pesquisa de maturidade institucional que, na versão mais recente, foi feita exclusivamente com as famílias dos alunos. O objetivo é verificar a percepção de coerência entre as intenções pedagógico-institucionais anunciadas sob a ótica dos atores que estão na ponta do processo, isto é, alunos, familiares e professores.

“A gente está na reta do crescimento, com a seta apontada para cima”, avaliou o diretor administrativo, Bruno Gottlieb, ao ponderar sobre o status atual do Eliezer e as bases sustentáveis de seus avanços. Ex-aluno, pai de atuais alunas do Eliezer, filho de pais muito atuantes na comunidade escolar (Marina e Raul Gottlieb, um dos ex-presidentes



DE PAI PARA FILHO

Mais de duas décadas depois de presidir a Diretoria de Pais (1996-1999) do Eliezer ao lado de Debora Bogorotty, Raul Gottlieb viu o filho Bruno entrar para o time de profissionais da escola e integrar a equipe que responde, atualmente, por um importante momento de modernização da instituição.

Ainda que de forma diferente, Raul viveu uma experiência semelhante de transformação do Eliezer. “Quando decidi me candidatar, em 1996, comentei sobre essa decisão com meu analista na época, pai de aluno da escola também, e ele disse que a escola judaica era acolhedora, mas que isso não era compatível com eficiência. E eu discordava dele totalmente”, contou Raul, ponderando que, na sua gestão, procurou trabalhar para combinar essas duas facetas, com forte apoio à Direção liderada por Dora Fraifeld no empoderamento do corpo docente. Isso sacudiu positivamente as estruturas da escola, levando a um substancial crescimento do número de alunos e a uma mudança na dinâmica pedagógica.

Ao lado de Raul na entrevista, Debora afirmou que foram anos de trabalho duro, mas muito gratificantes em função de todas as conquistas celebradas. A dupla, que, nos depoimentos para este livro, enalteceu o valor do trabalho voluntário e a influência positiva para os filhos, ajudou a colocar as contas da escola em ordem, lá naqueles idos do final dos anos 1990, com a adoção de medidas organizacionais simples. Com campanhas de antecipação de compra de material escolar, não só fez um bom caixa, como ajudou a garantir conforto e economia para as famílias da escola. Apoiando um simulado para o vestibular, que uniu colégios dos bairros de Botafogo, Laranjeiras e Flamengo, os dois motivaram novas parcerias visando o bom desempenho dos alunos do Eliezer.

Olhando retrospectivamente, é possível observar que Raul e Bruno têm em comum o mesmo compromisso com a continuidade, associando acolhimento e profissionalismo, afeto e resultados tangíveis.

da Diretoria de Pais), ele trabalha em sintonia fina com Thelma Polon, em uma parceria que tem se confirmado muito profícua em favor da escola.

No cargo desde 2018 e com um ponto de vista privilegiado, proporcionado pela intensa vivência do Eliezer em diversas dimensões e em períodos variados (mais de 25 anos de escola, somando o tempo de aluno), Bruno elencou, em testemunho para este livro, elementos bem objetivos para expressar o valor da atuação comunitária e a boa fase da escola, avisando logo que as entregas recentes — que contemplam obras físicas,

atualização dos estudos de campo, comunicação e uso de tecnologia, entre outras iniciativas — inspiram mais e mais trabalho pela frente.

Em relação ao fortalecimento institucional do Eliezer, o diretor foi taxativo ao mencionar a relevância do trabalho de consolidação da Rede de Ex-Alunos, hoje compreendida como uma comunidade escolar expandida. O plano pensado neste contexto está originalmente focado na reunião de pessoas que têm a escola em alta consideração e que, por esta razão, podem constituir, para ela, uma base de apoio constante. Base para assegurar a realização de ações diversas, incluindo a produção deste livro de 70 anos, que documenta e registra os passos da escola que segue garantindo afeto, apreço e outros valiosos legados para ex-alunos e familiares.

“Valorizando esta Rede de Ex-alunos e Amigos do Eliezer Max, consegue-se muito mais do que recursos financeiros, ainda que essa questão tenha sido considerada para garantir suporte aos nossos projetos.” O mais importante, para Bruno, é a aproximação efetiva com este grupo e a possibilidade de receber os fi-



A POTÊNCIA DA REDE DE EX-ALUNOS E AMIGOS



Em 2016, um projeto experimental foi lançado com o objetivo de captar fundos para o Eliezer Max, a partir da contribuição de ex-alunos e baseado no plano de fidelizar apoios em retribuição à escola. Com duração prevista de três meses, o projeto foi muito bem-sucedido — a meta de captação foi atendida já na primeira quinzena. Diante deste sucesso, o projeto se tornou oficial e definitivo a partir de 2017. Neste ano, como adiantou Evelyn Trope Plachta — gestora do projeto, com uma grande ligação afetiva com o Eliezer, por ser ex-aluna, mãe de ex-alunos e agora avó de aluna da escola —, foram empreendidas ações para a constituição da Rede. Os participantes contribuem mensalmente, com colaborações de valores diversos. Hoje, a Rede conta com aproximadamente uma centena de contribuintes. Os recursos são usados para cobertura de bolsas, no projeto “Adote um aluno”, e para atendimento das necessidades de inovação pedagógica — a compra de computadores, por exemplo. Via Rede, são obtidos apoios adicionais, como a doação de recursos para a realização de grandes obras na escola e para o incremento do fundo patrimonial do Eliezer. Além da parte financeira, há o braço de relacionamento da Rede, que trabalha para trazer os ex-alunos à escola, por meio de encontros de turma, o que reflete e ajuda na captação de novos alunos, dando real sentido à escola comunitária.



INAUGURAÇÃO DE PLACA COMEMORATIVA DAS OBRAS DE RENOVAÇÃO EM HOMENAGEM AOS EX-ALUNOS (PERÍODO DE 2018 A 2022). AO CENTRO, EVELYN TROPE PLACHTA, GESTORA DA REDE DE EX-ALUNOS E AMIGOS DO ELIEZER MAX. AO SEU LADO ESQUERDO: BORIS LERNER, BRUNO GOTTLIEB, DANIEL ORLEAN E FABIO BEILDECK. AO LADO DIREITO: HELIO SZWERTSZARF, LUIZ ORENSTEIN, SHEILA NAJBERG, LEILA ORENSTEIN E THELMA POLON, 2022.

Ihos dos ex-alunos, assegurando assim a continuidade do Eliezer Max e a perenidade da educação judaica de vanguarda e de qualidade.

Nos últimos cinco anos, com o apoio da Rede, foi promovida uma verdadeira revolução das instalações físicas da escola, com obras de grande impacto estrutural. Com base em um projeto extenso, realizado em diversas etapas e assinado pelo renomado arquiteto Ivo Mareines e equipe, vencedores de concorrência realizada pelo Eliezer Max, foram feitas a integração de áreas — incluída aqui a criação do Núcleo Pedagógico e também dos núcleos Administrativo e Operacional, em uma dinâmica muito benéfica para o dia a dia da escola — e a modernização dos espaços como laboratórios e quadras, além das salas de aula. “É preciso lembrar sempre que uma escola não se faz somente com salas de aula, o espaço comum e as salas especializadas são importantíssimos”, alertou Bruno.



NÚCLEO PEDAGÓGICO.

As melhorias mencionadas permitiram, entre outros benefícios, a ampliação da grade das atividades complementares oferecidas no contraturno, de naturezas cultural, acadêmica e esportiva. Entre essas atividades, Bruno pontuou que há o objetivo de estímulo à formação de times, para que a escola tenha representação em mais torneios esportivos e possa trabalhar a promoção institucional também neste campo. “Uma família que visita o Eliezer, em busca de uma escola para os filhos, encontra de tudo. Tem espaço físico de qualidade, tem um projeto pedagógico consistente, tem resultados no vestibular (sem neurotização em torno de resultados, como sempre diz Thelma) — os melhores entre as escolas judaicas do Brasil, ano após ano — e tem esporte!”.

Também em alta na atual gestão da Diretoria Profissional do Eliezer está a reestruturação dos estudos de campo, com destaque para o programa “Eliezer Max pela Vida”. Em 2023, a escola adotou uma abordagem que propõe uma imersão na sociedade israelense e o estudo de suas complexidades. Desta forma, o sionismo se confirma, em linha com a vertente da cultura judaica escolhida para ser trabalhada na escola, como um dos pilares da formação dos alunos.

Em termos de comunicação, houve uma mudança de paradigma na interação família-escola, a partir da adoção do Classapp, aplicativo que ganhou uma relevância



CAMPÃO.

imediate, revolucionando a forma como as famílias se relacionam com a escola. “Este tipo de recurso é garantia, ou pelo menos um excelente ponto de partida, para que os projetos múltiplos que a gente desenvolve possam ser realizados. Além do mais, foi pensado para que as comunicações permaneçam registradas e concentradas, o que favorece a gestão de informação, com as equipes da escola podendo conduzir com precisão ainda maior todo o processo de interlocução com as famílias dos cerca de 600 alunos atualmente matriculados no Eliezer”, comentou Bruno.

Esta base de alunos era de 450 alunos em 2018. O salto de crescimento observado nos últimos anos tem motivado avanços qualitativos de igual proporção, voltados à manutenção da excelência do projeto escolar. Contam pontos a favor dessa empreitada os ajustes institucionais recentes, apoiados na evolução digital e na renovação de conceitos



QUADRA POLIESPORTIVA DESCOBERTA E ELEVADOR.



PÁTIO CENTRAL.



SALA DE ARTES ESTHER MALCA ASTRACHAN.

9º ANO	75	100	72	75	95
C.HORÁRIA	200	100	120	80	80

Nome do Estabelecimento **ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA**



UM BOOM DE OBRAS

Para qualquer lado que se olhe lá está uma área renovada, uma reforma concluída. Esta tem sido a realidade do Eliezer nos últimos cinco anos. À visão de melhoria estrutural tem se somado uma preocupação com conforto, interatividade e partilha. A melhor expressão deste norte está no pátio central da escola, onde concentram-se as salas especializadas: Laboratórios Maker, Física, Química e Biologia, Colaboratório, Biblioteca e Sala de Artes. Amplas, com visibilidade 360 graus são um convite ao exercício da criatividade e do convívio.

Entre as muitas obras realizadas de 2018 a 2024, podemos destacar como as principais: modernização e ampliação do número de salas de aula, Makerspace, Colaboratório (espaço pedagógico multiuso), Cozinha Experimental, Núcleos Pedagógico, Administrativo e Operacional, restauro do Campão e seus vestiários, novas Sala de Artes e Sala de Dança e Teatro (com forro acústico e projeto de iluminação cênica), elevador para o Salão e o Campão, nova portaria, renovação do prédio da Educação Infantil em Laranjeiras, nivelamento de todo o pátio de Laranjeiras, renovação da cantina, novo lounge (com deque de madeira), quadra poliesportiva descoberta, reforma do solário em Ipanema, requalificação do sistema hidráulico de Laranjeiras e vestiários dos funcionários.

PORTUGUÊS	HEBRAICO	ESPAÑHOL	HEBRAICO	CULTURA JUDAICA	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	EDUCAÇÃO FÍSICA	ESTUDOS SOCIAIS	HISTÓRIA	GEOGRAFIA
-----------	----------	----------	----------	-----------------	--------------------	-----------------	-----------------	----------	-----------



SALA DE AULA.

e práticas de comunicação e marketing, como consequência de um processo de arejamento e (re)leitura da marca do Eliezer.

Ao dirigir esforços na direção deste movimento de *rebranding*, o Eliezer Max se repositona e espelha seu estágio de maturidade, de evolução, sinalizando os rumos da história que quer contar a partir de agora, no auge dos seus 70 anos. Todo esse trabalho está ancorado em um slogan — “O extraordinário de cada um” — ao qual foi possível chegar depois de um grande seminário interno para a revisão do entendimento dos valores e da missão da escola.



FOLDER INSTITUCIONAL CRIADO APÓS TRABALHO DE *REBRANDING*, 2018.

O Eliezer Max se distingue, portanto, em uma linha de trabalho única, inquieta, vigorosa, atuando com base em valores progressistas, especialmente importantes nos dias de hoje. É uma instituição que permite aos alunos ter os pés bem plantados na realidade, que os torna aptos, pela linha comunitária, a atuar em favor de questões absolutamente relevantes para o mundo contemporâneo.

Respeitando todas as visões educacionais, a escola tem se mantido íntegra na opção pelo ensino que se apoia no judaísmo, na cultura judaica e sua tradição humanista. Assim, faz história, não envelhece, não se deixa vencer pelo tempo. Ao contrário, faz dele um aliado para não descansar, para projetar-se sempre inovadora, pronta para os próximos desafios.



TURMA DA 6ª SÉRIE NA FRENTE DA SAUDOSA ÁRVORE (FLAMBOYANT), 1981.



LAPID

ELIEZER

Um Domingo

Mapa da Mi

O FUTURO HOJE

5

No humanismo judaico,
o humano cujos direitos devem ser
defendidos é, em primeiro plano,
o outro e não o eu. Não é o conceito
“humano” que está na base desse
humanismo, é o conceito “outro”.

Emmanuel Lévinas,
filósofo francês

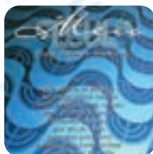
(“Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas”,
Emmanuel Lévinas, 2001, Editora: Civilização Brasileira)

LANÇAMENTO
DO FACEBOOK

2004



50 ANOS:
FESTA NO
CANEÇÃO



2004

PROJETO
ESCOLA DO
FUTURO



2007

VENDA DA
SEDE DA RUA
FRANCISCO
OTAVIANO



2013

O BRASIL É
SEDE DA COPA
DO MUNDO DE
FUTEBOL



2014

ASSINATURA
DO ACORDO DE
PARIS, TRATADO
MUNDIAL PARA
REDUÇÃO DO
AQUECIMENTO
GLOBAL



2015

Sempre que se fortalece em torno de sua missão ligada à educação, aprimorando o olhar dirigido ao outro e ao seu posicionamento no mundo, o Eliezer Max honra a própria história, com a coragem de não esmorecer diante da natureza de um projeto de formação vivo, em constante evolução.

Desembarcar no presente-futuro dos seus 70 anos, mantendo consistência em relação ao projeto original dos pioneiros, fundadores da escola, e também atenção às exigências da atualidade, tem sido, dia após dia, sinônimo de desafio e conquista.

Como escola, não se trata de acompanhar apenas o rumo dos ventos que envolvem o próprio avanço da educação ou o cumprimento de exigências de legislação. A estratégia, ao longo dos últimos anos, tem sido ir além, na direção de concretizar passos alinhados ao fato de o Eliezer ser uma escola judaica que cresce no exercício da cultura judaica, trabalhada no centro de seu projeto pedagógico.

Isso se dá por meio de uma cuidadosa costura que une os eixos estruturantes desta cultura — particularmente os que tratam de identidade,

comunidade, pertencimento, ética e alteridade — ao projeto pedagógico, com impacto direto sobre a base curricular que é desenvolvida na escola.

No período compreendido pela última década, a escola focou em uma notável transformação. Isso valeu para a parte estrutural, com melhorias gerais de instalações, mas alcançou de modo mais amplo o projeto pedagógico. Professoras e coordenadoras com mais tempo de trabalho na escola, integrantes do grupo que soma 40 anos de dedicação ao Eliezer, atestam que as mudanças exigiram um esforço de adaptação para aprimorar a realidade e a eficiência das salas de aula. Mas, a despeito do trabalho demandado nesta direção, frisam que esse processo qualificou a escola para desempenhar seu papel com competência ainda maior.

Direto da sala de aula

“Compartilhamos uma inquietude permanente. Aqui na escola, vivemos uma busca constante pelo novo, pelo conhecimento. Somos desafiados e movidos por isso. O português, a matemática, de algum modo, vão chegar aos alunos. Mas nossa preocupação vai além. Não se pode ficar parado diante da responsabilidade ou da missão de formar pessoas, seres realmente humanos, cidadãos”, disse a coordenadora adjunta do Fundamental I, Virgínia Basile, que entrou no Eliezer em 1984, e acaba de completar 40 anos de escola.

O reconhecimento conferido a essa postura, segundo ela, se dá no momento em que ex-alunos retornam à escola para matricular os filhos. Para ela, eles retornam porque confiam. Porque querem proporcionar aos filhos a experiência escolar que tiveram. “Muitas vezes, esbarro com alguns deles e digo ‘você foi aluno’. Eles se espantam com o fato de serem lembrados, mas não há como esquecer. Se a gente olhar para o centro do rosto, a gente vê a criança que foi aluna desta escola.”

A coordenadora adjunta do Infantil, Sandra Nunes, elevou o tom da emoção ao completar a informação da colega e dizer que o coração é impactado ainda mais fortemente quando alguns ex-alunos chegam para se juntar à equipe do Eliezer Max. “São os ex-alunos que voltam para trabalhar na escola e isso traz muito vigor, muita alegria para todos nós.







SALA DE AULA DO FUNDAMENTAL I, 2003.

Eu, pessoalmente, fico sempre emocionada ao tê-los como colegas de trabalho, de aprender com adultos que, anos atrás, quando crianças e alunos da escola, carreguei no colo.”

Sandra não hesitou para cravar que a grande marca da sala de aula do Eliezer é o afeto. E fez questão de salientar que não se referia ao substantivo (ou não apenas a ele), mas ao sentido ativo da palavra, ao movimento de afetar em várias direções, a partir da sala de aula, na rica dinâmica professor-aluno que acaba por impactar todo o ecossistema da escola. “A sala de aula do Eliezer afeta a gente diariamente, incita a curiosidade, as descobertas”, disse.

Ao lado da amiga Sandra, durante a entrevista para este livro, a professora do Infantil, Leia Aizman, ex-aluna do Eliezer, com um histórico de vínculo amplo com a

escola, fruto das relações de vários de seus familiares, filhos inclusive, destacou que a “vontade de fazer mais, de fazer dar certo” é a força motriz que faz chegar aos alunos o conhecimento de qualidade, claro, mas também que estimula nas crianças a confiança e a segurança, no caminho do aprendizado. Leia observou que o fato de os professores vestirem tanto a camisa inspira os alunos a fazerem o mesmo, cultivando assim um enorme apreço pela escola.

“Aqui é a minha casa. Trago para cá meus estudos e minhas conquistas para compartilhar. Apesar de estar há muitos anos no Eliezer, não vejo mesmice por aqui. Todo ano tem uma novidade, você vive em desenvolvimento, aprendendo, crescendo, conhecendo pessoas.”

A professora Claudia Urman, do Fundamental I, seguindo o mesmo raciocínio, definiu o Eliezer Max como um lar e disse se sentir abraçada pela escola. Ex-aluna do Eliezer, ela começou a trabalhar no Max Nordau aos 16 anos. Com a fusão, em 2001, retornou à sua escola de origem. “Aqui, tenho crescido como pessoa. Fui acolhida em todos os momentos da vida. Esta é uma escola que caminha com a gente!”

As professoras com mais tempo de casa foram fundamentais no período da fusão e na condução das adaptações que derivaram deste momento. Com união, blindaram crianças e famílias dos efeitos de um tempo de indefinições e ajustes. Ouvi-las é ter a dimensão do quanto se empenharam para a manutenção da essência da escola, é testemunhar a resiliência diante dos processos de mudança e aprender sobre esperança e confiança no amadurecimento do projeto educacional.

Docentes na resistência

Quando muitos desafios foram colocados diante do Eliezer Max, elas optaram por não soltar as mãos, colocando em prática uma receita de resistência, com trabalho e dedicação redobrados, especialmente no apoio aos alunos e na condução das rotinas escolares. Hoje, a cada lembrança dos entraves enfrentados corresponde uma emoção incontida e a certeza de que todas têm no Eliezer um real projeto de vida.

Elaine Carlos Pinto, professora de matemática do Fundamental II, tem na docência uma espécie de legado materno. Filha da Morá Adélia, antiga professora de música do Eliezer, ela frisa esse aspecto das boas memórias alimentarem um presente de muita disposição para atualizações e novos aprendizados, sempre necessários diante da realidade de mudanças aceleradas em todo o mundo, especialmente nas esferas tecnológica e comportamental.

Neste contexto, professoras e coordenadoras somam vozes para confirmar a relevância dos investimentos feitos pelo Eliezer Max para o aprimoramento do corpo docente, com estímulo aos projetos de capacitação e aperfeiçoamento, tanto em âmbito interno — no que se refere à formação que acontece dentro da escola — como externo — em cursos de especialização, pós-graduação etc.

Quando mantém um olhar atento e crítico sobre a qualificação da equipe, a escola mira a excelência do time, tornando-o apto a navegar na tal modernidade, sem correr o risco de deixar caducar o ambiente escolar, particularmente o das salas de aula. Simultaneamente, apropria-se desta visão para aprimorar seu desempenho à luz de um conceito tão caro à comunidade judaica, o *tikun olam*. Isto é, a formação de indivíduos melhores e mais completos para atuação no mundo, preparados a partir de uma visão de abraço às diferenças, ou seja, de alteridade, e de reconhecimento da relevância do espírito comunitário, da construção social conjunta.

Valores em alta

Como comentou Virgínia, com valores sólidos como pano de fundo, dá-se o movimento de absorção de mudanças na direção do que há de mais novo e moderno em torno da educação. Isso ocorre, no entanto, sem que haja perda de identidade ou comprometimento do que distingue o Eliezer como uma escola judaica, que mantém suas portas abertas a toda a sociedade. “Todos podem entrar na nossa sucá”, disse, referindo-se à estrutura em forma de cabana que, na tradição judaica, é erguida para a festa de Sucot.

Para Marcia Mermelstein, coordenadora da Educação Infantil das duas unidades do Eliezer Max (Laranjeiras e Ipanema), a escola, em sua conformação atual, tem linhas filosófica e pedagógica claras, apresentando unicidade e coerência no alinhamento entre projeto pedagógico e cultura judaica.

Ex-aluna do Scholem Aleichem, mãe de ex-alunos do Eliezer, que definiu como “a escola da minha vida, do meu coração”, a coordenadora destacou que sempre existiram desafios a serem superados, mas acredita que a escola tem uma marca consolidada. “Vivemos uma premissa que é muito judaica, a do estudo contínuo. Esta é uma escola que estuda. Há um investimento maciço na formação continuada da equipe e, sob esse ponto de vista, a Direção Pedagógica tem responsabilidade absolutamente central. A equipe não se acomoda. Vejo a escola como uma ‘metamorfose ambulante’ [como na música de Raul Seixas], uma instituição que dialoga com suas raízes, lá de 1954, que aprecia o percurso cumprido até aqui e que acena sorridente para o futuro.”

Thelma Polon, diretora pedagógica, que, em depoimento para este livro, trouxe muitas reflexões sobre as mais recentes etapas constituidoras do Eliezer, frisou que tal consolidação foi possível principalmente graças à disposição — e ao trabalho dirigido — de trazer a cultura judaica para o centro da cena escolar. Como forma de contextualizar esta afirmação, ela elencou medidas que, em especial a partir de 2013, favoreceram a clareza de concepção pedagógica e as práticas pensadas para beneficiar a construção de um ciclo virtuoso para a escola.

Na verdade, 2013 foi um ano inaugural neste sentido, com muitos encontros e reuniões, e destaque para o Seminário Estratégico — no contexto do qual foi tomada, por exemplo, a decisão de abrir uma nova unidade da escola, em Ipanema —, e para as edições do Seminário Interno da Equipe de Gestão.

Para o primeiro, que contou com a participação da Diretoria de Pais, Thelma recorreu às contribuições de Henry London — executivo de uma multinacional, pai de alunos e voluntário à época — e seu apoio para estruturar um plano de ação. No Seminário Interno, as pautas centrais foram o judaísmo na escola — o que seria necessário fazer para trazê-lo ao centro do projeto pedagógico? — e a discussão da própria concepção pedagógica do Eliezer.

“Nesses ambientes de debate, falar em construtivismo gerava resistência. Era um conceito identificado com o *laissez faire*, uma escola que não valorizava o saber, o conhecimento. Aos poucos, fomos quebrando barreiras, mudando essa visão. Para isso, foi fundamental recuperar o conteúdo do Hora’a Mutemet. Usado, anteriormente, por profissionais da escola que participaram de um curso em Israel, este material nos permitiu puxar um fio de ouro para nortear o caminho. Ali, estava a mais genuína expressão das pedagogias ativas. E elas eram aplicadas em escolas de Israel”, explicou Thelma, observando que, por meio daqueles elementos, foi possível chegar a um terreno firme e seguro para o trabalho no construtivismo sociointeracionista. Diante de um caminho traçado, com práticas novas que já ganhavam corpo, a etapa subsequente consistiu em comprometer as famílias com este novo cenário, firmando a questão da identidade da escola.

Como um fato puxa outro, com um estudo motivando mais alguns logo adiante, estabeleceu-se uma dinâmica nova na escola: uma vigorosa engrenagem de mudança começou a rodar. A decisão pela abertura de uma nova unidade do Eliezer Max levou, por exemplo, à preparação de uma justificativa para o projeto pedagógico. “Já em parceria com a Marcia Mermelstein, a gente partiu para a escrita de um projeto de Educação Infantil, totalmente pautado em uma perspectiva construtivista sociointeracionista”, recordou Thelma.

Cumpriram-se etapas fundamentais para que a escola, ao revisar a si mesma, pavimentasse caminho para avançar com segurança e propósito. Todos os grupos foram envolvidos nesta espécie de acultramento para os novos tempos. Até ali, trabalhava-se com uma lista de conteúdos distribuídos entre as diversas séries. Era um tempo no qual já se falava na mudança curricular e na necessidade de contemplar não apenas os conteúdos conceituais, mas aquilo que, em uma perspectiva mais contemporânea, pode ser definido como habilidade ou competência. A escola se dispôs, então, a retomar aspectos já presentes no seu DNA Eliezer, mas que precisavam ser atualizados e reforçados.

Em relação à cultura judaica, por exemplo, a comunidade escolar se reuniu para organizar o pensamento, averiguando o que era feito pelo Eliezer Max e valia ser mantido, o que era feito e deveria ser descontinuado e o que era importante começar a fazer. Este

debate que se deu no âmbito da cultura judaica foi muito inspirador para pensar o currículo da escola como um todo.

Desta forma, o Eliezer pôde chegar aos eixos estruturantes, como identidade, comunidade, pertencimento, ética e alteridade, que foram transformados na base do currículo da escola, passando a ser desenvolvidos de forma específica em cada série, com nuances de profundidade adequadas ao nível de maturidade dos alunos.

Os passos seguintes, com base nesse conjunto de premissas pedagógicas claramente assumidas, foram voltados à revisão dos materiais de apoio, aprimoramento do sistema de avaliação e política de inclusão da escola. Mais adiante, foi fundamental a afirmação de uma filosofia de ensino que abria ao aluno a possibilidade de ser brilhante a partir de seus maiores talentos, na perspectiva do “extraordinário de cada um”, ainda que eles estivessem inteiramente relacionados com habilidades em matérias curriculares tradicionais. Daí o esforço dirigido à construção dos “itinerários formativos” que contemplam vivências distintas em áreas como publicidade, empreendedo-



CONSTRUTIVISMO EM POUCAS PALAVRAS

O olhar constante às linhas definidoras do construtivismo é um exercício que permite ao Eliezer manter-se no eixo essencial de seu propósito educativo. A metodologia tem em Jean Piaget – biólogo e psicólogo suíço, que viveu entre 1896 e 1980 – seu principal teórico e, em linhas gerais, pode-se dizer que reúne um conjunto de princípios epistemológicos que explica como nós, seres humanos, aprendemos.

Ao longo dos anos, o Eliezer se pauta por tal metodologia, exercitando a evolução do seu modelo pedagógico e assegurando, assim, o fortalecimento institucional, com respeito às suas origens.

É importante ressaltar que uma vez apresentado por Piaget, o construtivismo despertou o interesse de muitos outros estudiosos ao redor do mundo, que passaram a oferecer contribuições para ampliar sua abordagem na prática educativa, como aquela de viés sociointeracionista, preconizada por Lev Vygotsky. De origem judaica (Bielorrússia, 1896-1934), psicólogo e pesquisador das relações entre pensamento, linguagem e aprendizagem, Vygotsky foi pioneiro na concepção de que o desenvolvimento intelectual das crianças é estruturado a partir das suas interações sociais.

(a) Manoel Rezende
Presidente da Diretoria
Circular
de Pais
Rio de Janeiro, 8



PARQUINHO DO INFANTIL.

rismo, iniciação científica, entre outras, fazendo crescer o leque de formação, com mais oportunidades para o desenvolvimento dos alunos.

Mudança espacial e inovação

Com esse percurso devidamente cumprido, era hora de ver a mudança estrutural ou arquitetônica da escola afetar o projeto pedagógico ou vice-versa. “Tudo foi acontecendo de forma muito articulada, com uma renovação espacial que passou a nos constituir muito profundamente, fazendo-nos pensar em inovação”, disse Thelma. Ela cita a constituição do Núcleo Pedagógico, em um espaço próprio, como um dos ganhos qualitativos desse processo, emendando que as melhorias físicas levaram à implementação de no-

vidades, com o início da transformação digital da escola e a adoção do tripé mencionado no capítulo 4: mídias digitais, *maker* e programação.

Foi neste contexto de reformulação de práticas e atualização de linhas de pensamento que a escola produziu a mais recente versão do seu Projeto Político Pedagógico (PPP), conforme descrito no Capítulo 4. O presente estágio de maturidade vem sendo consolidado a partir de um planejamento rigoroso e de um esforço continuado de melhoria. É desta forma que o Eliezer chega aos 70 anos e quer ir ainda mais longe ou muito mais longe do que talvez imaginassem os pioneiros, quando se pensava em seu alcance como instituição de educação, mas também em seu impacto social e no compromisso com o enfrentamento dos desafios que marcam o cotidiano em cada canto do planeta.

Renovação e respeito ao passado

O atual presidente da Diretoria de Pais, Daniel Orlean, resumiu os últimos dez anos do Eliezer usando, em sua en-



RITO DE PASSAGEM

Da mesma forma que recorreu ao Hora'a Mutemet, o Eliezer também buscou na experiência do Biná, movimento já mencionado neste livro, elementos para trabalhar de forma inovadora a questão da cultura judaica no que se refere aos ritos. Desta forma, com suporte acadêmico qualificado, foi adotado, por exemplo, o Bnei Maavar (rito de passagem) para alunos do 7º ano. Por meio deste projeto, são trabalhados os objetivos de encontrar e conhecer diversas culturas presentes na sociedade brasileira; de aprofundar o conhecimento sobre o judaísmo; de realizar uma ação social protagonizada pela turma durante o ano. Orientados pelos valores alteridade, comunidade e responsabilidade, os alunos cumprem uma jornada de amadurecimento, cruzando as fronteiras da infância para reconhecerem-se ainda mais fortes e presentes no seu papel de estudantes, com função comunitária de alta relevância.

Eliezer Steinberg, para a
nossa sede na Rua
Asssembleia Geral é m
às 20:30 h. e em 2º
a seguinte ordem do
1. Relatório da Diret
2. Eleição da nova h
Final para o biê
3. Assuntos Gerais.



MACABÍADA NACIONAL, SÃO PAULO, 2022.

trevista para este livro comemorativo, a palavra renovação por diversas vezes, mas sempre como resultado do respeito a uma bagagem histórica, à tradição e ao trabalho daqueles que, em anos passados, empenharam esforços para que a escola se mantivesse em sua missão essencial. “É muito claro que, nesta última década, vivemos essa pegada de um ciclo de renovação, mas com respeito à essência da escola, pluralista, humanista”, declarou.

Com mandato iniciado em 2021, Daniel reiterou a importância de liderar pensando prioritariamente nas melhores decisões para o Eliezer Max, deixando claro o conjunto de valores da escola. Partidário da profissionalização, defendeu que a escola precisa con-



MARCHA PELA VIDA, 2009.



ELIEZER MAX PELA VIDA, 2023.



MARCHA PELA VIDA, 2019.

No programa Marcha pela Vida, alunos do 2º ano do Ensino Médio visitam Polônia e Israel, para refletir sobre períodos de intolerância e pensar caminhos para a paz. O programa tem início com uma série de palestras anteriores sobre os temas de holocausto, desumanização e discriminação. No percurso da viagem, o trabalho pedagógico é planejado de forma que os alunos atravessem essa experiência com reflexão, aprendendo não só sobre as consequências trágicas da indiferença e da intolerância, mas, acima de tudo, sobre a possibilidade de agir afirmativamente para a construção da paz e da coexistência. Após a pandemia, a viagem foi adaptada para um mergulho na sociedade israelense, criando, a partir de então, a Viagem Eliezer Max pela Vida.

tar, cada vez mais, com a participação de pais que possam contribuir com o melhor de suas especialidades, elevando os níveis de excelência do Eliezer. Para ele, participar da comunidade escolar, como integrante da Diretoria de Pais, é sinônimo de trabalho duro e dedicado, e de disposição para pensar no outro, com boas chances de até colocar as questões particulares em segundo plano, a fim de que prevaleçam os interesses da escola e o cumprimento do projeto pedagógico.

Os 70 anos, na visão de Daniel, inspiram a continuidade das atualizações da escola, entre elas um aprimoramento da governança, como forma de fortalecer ainda mais o Eliezer Max e permitir seu desenvolvimento a longo prazo. Sobre resultados, ele é taxativo em relacioná-los ao fato de a escola valorizar talentos individuais e compreender que todos são importantes na construção de uma trilha exitosa. Isso vale para bons desempenhos no vestibular, para a manutenção da solidez do projeto pedagógico, para o comprometimento com a tradição e os valores judaicos. “Se a educação é praticada em uma base consistente, o resultado virá. Podemos manter o romantismo em relação à educação e tudo o que ela envolve, mas sem perder a conexão com a sustentabilidade financeira do nosso projeto, para que, daqui a 120 anos, nossos bisnetos possam viver a experiência única proporcionada por esta escola.”

Independentemente de idade ou dos anos já dedicados à escola, quem faz planos para o Eliezer pensa grande e longe. A comunidade ligada à instituição está impregnada por um sentimento de pertencimento alimentado em si mesmo, renovado constantemente pelas gerações que chegam e ajudam a multiplicar a vida nas salas de aula e em todos os espaços por onde pulsa o compromisso com a formação de indivíduos completos e confiantes. Educar é permanecer, persistir, durar. Foi assim no passado, é assim no momento presente e todo o empenho está dedicado à garantia do melhor e maior futuro possível para o Eliezer.



CELEBRAÇÃO DE IOM HAATZMAUT, 2022.

Ser escola e fazer uma escola em pleno século XXI é um ofício dos mais complexos que requer esforço cotidiano. O Eliezer Max segue convicto neste exercício, ancorado em sua história sólida — permeada pela tradição judaica e cheia de lances emocionantes — e atento à atualização da linguagem formativa, para que possa assegurar eficácia ainda maior à sua missão, ampliando a relevância entre alunos e fazendo a diferença entre todos os integrantes da comunidade que mobiliza, acolhe e expande.

...nciávamos muito quando éramos
mos, e hoje sempre pais de crianças
mesma vertente da poder agir com
ode adulta. É nós, em primeiro, já
é verdade, mas com a plena cons-
s limitações de nossas dúvidas de
rissos, da realidade da luta pelo
er a plena consciência de que o
de não teremos a possibilidade de
os nossos sonhos de constância e
tribém com o propósito afim de
hos possam ser reais e não
que os pais também são e
os, com os professores e a família

...se como Judah e com
sim, se dos ricos e dos pobres
... e a criança
... e na celebração
de qualidade. Eliezer é
espiritual e com a noção de que
cidade e o poder de expressão e
mente e que não se trata de instrumentos
e de ação, mas de por favor
O Eliezer não é um não, não
Eliezer é um não, não é a escolha de
sion para que os filhos possam, quando
Pais que os filhos possam ajudar
seus filhos e poderem. Como é a
leira. Como seres humanos



LAPÍD

TURMA DO PRIMÁRIO, 1972.

A em hebraico. É um símbolo da nossa existência. Em meio a
vezes parece que vai apagar-se, mas eis que ressurge ardente
seu brilho. Presença e continuidade dos valores do judaísmo.



A HISTÓRIA QUE FICA

Certa vez, o Mestre Chassídico Reb Zusha veio até seus seguidores com lágrimas nos olhos. Eles perguntaram a ele: “Zusha, qual é o problema?”.

E ele lhes contou sobre sua visão: “Aprendi a pergunta que um dia os anjos me farão sobre a minha vida. Eles não me perguntarão: ‘Por que você não era um Moisés, tirando seu povo da escravidão ou por que você não foi um Josué, conduzindo seu povo para a terra prometida?’”.

Reb Zusha suspirou: “Eles vão me dizer: ‘Zusha, por que você não foi Zusha?’”.

Conto Chassídico

NOVA SEDE NA
RUA SADDOK
DE SÁ



NOVO IMPULSO
À TECNOLOGIA:
ELIEZER MAX
ENTRANDO NA
ERA GOOGLE



REALIZAÇÃO
DOS JOGOS
OLÍMPICOS NO
RIO DE JANEIRO

2016

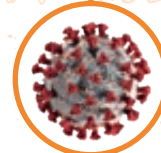


criação da
REDE DE
EX-ALUNOS
E AMIGOS DO
ELIEZER MAX



OMS
DECLARA
PANDEMIA DA
COVID-19

2020



A ESCOLA
CELEBRA SEUS
70 ANOS!



2024

2015

2016

2017

Setenta anos e a clara impressão de que é apenas o começo. Muito mais ainda está por vir! Cada palavra dita a respeito do Eliezer Steinbarg, do Max Nordau ou do Eliezer Max foi pronunciada com cuidado e atenção, para que a história relatada neste livro fosse a mais fiel possível aos acontecimentos, honrando, assim, todas as gerações que se dedicaram à construção de uma escola única no rol das instituições de ensino judaico.

Entre os entrevistados para esta publicação, nenhum escapou da emoção de voltar no tempo e reconhecer os esforços feitos em favor de um projeto comunitário de educação. Foram colhidos mais de 20 depoimentos, um número longe do ideal e mais distante ainda do conjunto total de milhares de pessoas que fizeram por onde gravar alguma marca ou que se deixaram impactar pela escola.

Olhos apertados, suspiros longos, demonstrações de alegria e preocupação. Uns expansivos, outros mais retraídos. Muitos falaram dos pais e dos filhos. A maioria mencionou a escola como referência, eixo original de posturas criativas e confiança diante da vida. Vários a definiram como inspiração para o voluntariado e o trabalho de construção conjunta voltado à formação de crianças e jovens.



À medida que os relatos se somaram, o livro caminhou, a escola cresceu. Pela voz da comunidade que a constituiu, renovou-se, rejuvenesceu. Viu o futuro despontar. Por isso, o Eliezer Max se apresenta agora como um jovem de 70 anos, pronto para o próximo desafio, do mesmo modo que uma vez estiveram os pioneiros que trabalharam para torná-lo realidade.

No momento em que se conclui este registro histórico, algumas das muitas mensagens recebidas pelo Eliezer em celebração aos seus 70 anos serão reunidas para fechar este livro. Desta forma, espera-se sinalizar o caminho, motivar aqueles que virão mais adiante e que certamente, fazendo a roda da história girar, recorrerão a estas páginas para acender uma luz guia na direção de novas conquistas.

O Eliezer Max grava aqui seu agradecimento que, apesar de pouco caber nas palavras, pretende ser um abraço largo e demorado dirigido aos professores, funcionários, membros de equipe de gestão, alunos e familiares que contribuíram para que a escola pudesse chegar aos 70 anos em pleno vigor e pronta para escrever novas páginas de uma trajetória de compromisso com a tradição judaica, segura de sua missão, confiante no futuro.

“O Eliezer foi fundamental na minha formação como pessoa humanista, crítica e sensível.”

Lize Goldemberg Milech

“A educação judaica no Eliezer Max busca fortalecer a identidade judaica e o sentimento de pertencimento ao povo judeu. Desde o início da escolaridade, cada projeto é pensado de maneira que seja relevante para a vida dos alunos, sempre bastante integrados com as diversas áreas do conhecimento, recorrendo ao Tanach e outras fontes judaicas como recursos primários, visando a formação ética e responsável, diante da qual os educandos possam construir sua individualidade comprometida com o senso comunitário e coletivo.”

Silvia (Bilba) Grinstein, Coordenadora de Cultura Judaica da Educação Infantil e Fundamental I

“Curioso como, desde muito cedo, eu reconheci meus amigos da escola como família. Assim como seus pais e mães. São laços afetivos que carregamos até hoje. São encontros que esse espaço possibilitou e que, de alguma forma, a gente sabia que seria pra vida.”

Felipe Haiut

“Lembro-me da primeira vez que entrei no Eliezer, em Laranjeiras, que foi também o meu primeiro dia de aula na escola nova... Por acaso, eu estava mudando de escola vinda do Max Nordau, e que atualmente estão unidos e formam a mesma escola. Lembro-me de chegar um pouco mais tarde, não sei se era algo programado, mas subi as escadarias para a sala e me lembro nitidamente da recepção calorosa e do rosto de amigos queridos (que permanecem até hoje na minha vida) me dando as boas-vindas. A escola, pra mim, sempre foi e sempre será assim, acolhedora, carinhosa, abraçando todos os seus membros. Que prazer ter os meus filhos hoje vivendo essa mesma experiência tão feliz que eu vivi. Parabéns, Eliezer Max, minha escola da infância, a escola dos meus filhos, e que espero que seja a escola dos meus netos também!”

Ruth Berman

“O Eliezer foi a base para que eu me tornasse a pessoa e profissional que sou hoje. O Eliezer é pra vida.”

Simone Levy

“Fui aluna da escola desde o maternal até o fim do 2º grau, desde o final dos anos 1980 até 2003. Foram anos maravilhosos nessa escola que faz parte da minha formação como pessoa e foi onde fiz amizades que seguem comigo até hoje. Lembro-me da Dona Liuba como coordenadora, Dora e Shirlei recebendo os alunos na entrada da escola por anos, aulas de História do Alexandre Valuzuela, Dina na coordenação, Goreth e seu Renato, inspetores, muito carinho por toda a equipe. E hoje é uma emoção ver meus filhos construírem seus caminhos ali, com os valores judaicos do Eliezer Max.”

Lia Daylac

“Eliezer pra mim é sinônimo de casa.
Onde estudei, trabalhei como professora de
música e eduquei meus três filhos.”

Lucia Morelenbaum

“Estudei a minha vida inteira no Liessin e no ORT, ambientes judaicos, dos quais tenho muito carinho e gratidão. Minha esposa, a Fernanda Krajcer, estudou no Eliezer e, em 2015, me levou para assistir à proposta da escola em um dos encontros para possíveis futuros pais de alunos. Foi amor à primeira vista. Nunca vou me esquecer das palavras cirúrgicas da direção sobre inclusão, diversidade, o norte pedagógico da instituição para as artes e questões atuais, como sustentabilidade. Conversamos também sobre a forma leve e, ao mesmo tempo, muito intensa que o judaísmo é transmitido neste ambiente escolar. Na semana seguinte, matriculamos os nossos filhos, o Vinicius e, em seguida, a Beatriz. Tudo o que eu ouvi da direção se tornou realidade. Eu não tenho dúvidas que a prole não poderia estar em um lugar melhor. Com muito orgulho, há alguns anos, também faço parte do grupo de pessoas que realizam trabalhos voluntários para escola. Parabéns, Eliezer Max!”

Alessandro Goldbach

“A escola Eliezer fez parte da minha vida e formação, foi onde fiz amizades que duram a vida toda. De geração em geração, todas histórias acumuladas e compartilhadas. Hoje meu filho está na mesma escola, como uma continuidade. Tudo diferente, diverso e, por outro lado, a mesma tradição: aprendizado da cultura judaica e da vida em sociedade.”

Lilian Koifman

“Lembrar-me do Eliezer é algo que passa por todos os sentidos. Desde o bolo de jujuba dos aniversariantes do mês, o cheiro das tintas da sala de artes, o toque quente da pedreira na hora do recreio, as músicas judaicas embalando os ouvidos e a visão maravilhosa do brilho nos olhos de cada um que acreditava e acredita que ali é o melhor começo que alguém pode ter em sua formação. Sensação de amor e pertencimento.”

Andreia Niskier Ghelman

“Como uma metáfora do Talmud, o objetivo do Eliezer Max é tornar cada aluno e aluna mais um comentarista do judaísmo. Isso não significa apenas apropriar-se de um saber, mas de estar comprometido com sua comunidade, ter responsabilidade para com o outro, (re)criando o mundo com as lentes que o judaísmo nos proporciona.”

Paulo Miragaya, Coordenador de Cultura Judaica do Fundamental II e Ensino Médio

“O Eliezer é uma escola onde floresce amor. Onde cultivamos amizades para a vida e futuros diversos.”

Ana Clara Nigri de Souza Aguiar Miranda

“O Eliezer me traz muitas lembranças boas, mas acho a mais marcante quando cheguei aos 6 anos na escola, vinda de outra.

Eu vestia um vestido amarelo com rendas, e uma professora me recebeu me mostrando o relógio de madeira, a minha sala e logo a minha turma chegou de alguma outra aula (não lembro). Fui acolhida com carinho, mas fiz neste momento uma amizade muito grande que durou até minha adolescência. Os vínculos de amizade que se formaram ao longo dos anos foram fortes e até hoje mantenho contato com pessoas muito queridas. Crescemos, mas ainda somos as crianças de ontem! Minha escola do coração!”

Elizabeth Fishmann Wasserman

“O maior legado foi o ensino humanizado e o olhar ao próximo! Aprendi mais do que lições de como passar no vestibular, aprendi a importância das amizades que construí ao longo da minha permanência na escola e que fazem parte da minha vida até hoje.”

Claudia Jurberg

“Estudei desde o Pré-Maternal até me formar pra ingressar na UFRJ. Mas, sem dúvida, a maior riqueza que eu levo da escola são as amizades. Onde eu pude crescer e evoluir junto com as minhas primeiras e eternas amigas, e com a certeza hoje que temos os mesmos ideais de laços, tradição e comunidade.”

Nicolle Sender

“Minhas lembranças do Eliezer são adoráveis. Me lembro de ter sido imensamente feliz tanto no Jardim de Infância quanto nos primeiros anos do que na época ainda se chamava Primário. O fato de ter saído cedo da escola foi de alguma maneira recompensado quando minhas filhas entraram no Eliezer e pude reviver, como pai de alunas, todos os ideais da escola, com sua ênfase não só aos aspectos acadêmicos, mas também na formação de seus alunos como seres inseridos num mundo, capazes de crítica — e autocrítica —, de pensar coletivamente, formando jovens capazes de explorar todos os seus potenciais, além de cidadãos conscientes.”

Isio Ghelman

“São muitas as lembranças da nossa escola! Na 7ª série, nossa turma fez um mural de fotos de todos bebês e, na época, brincamos de polícia e ladrão, elástico... Nossa formatura foi linda, cantamos “O sabiá”, participei do Coro e cantamos no Theatro Municipal sob regência do maestro Morelenbaum. Lembro-me do uniforme do Jardim de Infância, vestidinho xadrez, sapato preto, bolos de aniversário do mês coberto com jujuba e provas de simulado para o vestibular no salão.”

Luciana Burlá Cukierman

“De inúmeras lembranças marcantes, boas e ruins, escolho das mais afetuosas: Dora Fraifeld e Shirlei Kohl representavam força e doçura, firmeza e acolhimento, responsabilidade e afetividade, tudo ao mesmo tempo. Criança, adolescente, não fazia ideia do peso de ser diretora e vice-diretora de uma instituição. Diariamente, ambas estavam lá, nos recebendo antes das sete da manhã, com sorrisos e afagos. Eu não fazia ideia do quanto isto era terapêutico! E muito importante como representatividade feminina. Isto contribuiu positivamente na formação da minha personalidade, sem dúvidas.”

Michele Krimer

“O Eliezer Max não só me formou academicamente, mas como ser humano. Hoje tenho certeza de que, se não fosse a escola na qual estudei, meu pensamento crítico não seria o mesmo. Tenho muito orgulho de ser Eliezer Max e carrego comigo os ensinamentos e valores por onde vou.”

Julia Lerner

“Eu tenho a sensação de que nasci dentro do Eliezer. Acho que tem a ver com o fato de ter sido aqui que vivi diferentes formas de ‘nascimento’ — as primeiras e verdadeiras amizades, os primeiros amores, as primeiras relações conflituosas e os deslumbramentos com novos saberes. Acredito que, na nossa escola, as crianças são aceitas e respeitadas em suas individualidades, são educadas para o diálogo e para a paz, aprendem a valorizar a diversidade e a respeitar incondicionalmente toda forma de vida. Que privilégio o meu de ter esse lugar, onde ancorei meu coração pelas infinitas memórias; onde meu corpo pulsa por meio do meu trabalho e de onde eu consigo ter um olhar mais esperançoso para a humanidade.”

Samantha Schreier

“Vivi anos muito felizes quando era aluna do Eliezer. Enquanto eu crescia dentro da escola, não podia dimensionar o impacto que a instituição tem, não só na minha vida, mas também na manutenção da continuidade da comunidade judaica na diáspora. Hoje, vejo minhas filhas dando os primeiros passos nesse caminho que já trilhei. E, enquanto me emociono revivendo as memórias que elas trazem pra casa, me percebo fazendo parte de algo muito maior. Que possamos levar adiante o legado Eliezer Max por muitas outras décadas. Le’chaim!”

Livia Salomão London

“Um dia, o Max Nordau foi casa para mim. Uma casa com fundações sólidas, que me deixaram lembranças profundas. As lembranças ficaram adormecidas por um tempo, mas tive a chance de me reconectar com elas quando meus filhos entraram para o Eliezer Max. Uma música que ouvi um deles cantar numa apresentação — que eu não escutava há pelo menos trinta anos — me lembrou na hora da criança que um dia eu fui, e de como a experiência escolar marcou minha identidade. Hoje o Eliezer Max é casa também para eles.

Uma casa com fundações sólidas e muitas, muitas janelas.”

Debora Fleck

“Fui imensamente feliz nessa escola e fico ainda mais feliz de ter meus filhos fazendo parte dessa história!”

Mariana Ades Saboni

“Além do ensino e todo o aprendizado que tive ao longo de minha infância e adolescência, o Eliezer foi o lugar onde eu aprendi o verdadeiro significado de comunidade, de amizade e da importância da perpetuação das tradições e valores judaicos. Hoje, por meio da minha filha, posso afirmar que, 30 anos depois, essa amada escola segue com seus mesmos princípios. Que venham outros 70 anos de muitas alegrias e conquistas! Viva o Eliezer Max!”

Daniel Reznik

“O Eliezer foi uma ótima escola para meus dois filhos desde o maternal. Ótimo ensino, visão humanista e formação judaica e universal atualizada, além de amigos para a vida! Vida longa e próspera para o Eliezer!”

Silvia Vaisburd

“Minha ligação com o Eliezer Max veio a partir da decisão de matricular nosso Gabriel na escola em 2001. Com isso, comecei a frequentar a escola como pai. Logo em seguida, como pai da Luli. O cuidado com meus filhos, as festas judaicas, as diversas atividades, os novos amigos foram me seduzindo de tal forma, que assim que apareceu um convite do querido Michel Ventura, então presidente da escola, para fazer parte da Diretoria, não resisti. Virei diretor de patrimônio e permaneci nessa função durante 12 anos. Nesse período, a escola virou a segunda casa de meus filhos e a minha também. A escola em movimento havia me conquistado.”

Marcelo Zukin

“Cheguei ao Eliezer para trabalhar e meus filhos ainda não estavam estudando na escola. Entrei no salão e havia um seder de Pessach... todas as crianças de branco cantando... uma alegria, uma emoção, a sensação de pertencimento, de comunidade! Naquele momento, eu e Toninho (o pai) decidimos que queríamos complementar a educação dos nossos filhos com a convivência, valores e ética que dialogassem com o que acreditávamos! Isso nos fez mudar para perto da escola e ter a alegria deles estudarem no Eliezer. Resumo: meus filhos foram muito felizes na escola. São duas pessoas incríveis, éticos e fazem o que gostam. Ainda tenho um neto fruto do encontro do Gabi com Tamar que estudaram juntos aí... o que mais preciso dizer?”

Beth Zalcman

“Eu, como filha, sobrinha e neta de professores e funcionários da escola, vivia um pouco os bastidores, o trabalho que dava para deixar tudo sempre lindo e pronto para os alunos e essa ambiguidade de posição me trouxe um sentido muito grande de valorização e respeito com o trabalho que é feito por aqueles que me cercam.”

Natalie Przechacki

Entrevistados (em ordem alfabética)

ADRIANA S. SAUL ZEBULUN:	Ex-aluna, mãe de ex-alunos, ex-membro da Diretoria de Pais, ex-diretora administrativa.
BRUNO GOTTLIEB:	Ex-aluno, pai de alunas, ex-membro da Diretoria de Pais, atual diretor administrativo do Eliezer Max.
CLAUDIA URMAN:	Ex-aluna, atual professora do Fundamental I.
DANIEL ORLEAN:	Pai de alunos, atual presidente da Diretoria de Pais.
DEBORA BOGOROTTY:	Mãe de ex-alunos, ex-vice-presidente da Diretoria de Pais do Eliezer Steinbarg.
ELAINE CARLOS PINTO:	Mãe de ex-alunos, atual professora de Fundamental II.
EVELYN TROPE PLACHTA:	Ex-aluna, mãe de ex-alunos, avó de aluna, atual gestora da Rede de Ex-alunos e Amigos Eliezer Max.
FABIO BEILDECK:	Ex-aluno, pai de alunos, ex-presidente da Diretoria de Pais, atual membro da Diretoria de Pais.
HELIO SZWERTSZARF:	Pai de ex-alunas e atual presidente do Conselho do IIBCE.
ISRAEL TABAK:	Filho de Lerer Tabak, pai de ex-alunos e avô de aluno.
LEIA AIZMAN:	Ex-aluna, mãe de ex-alunos, atual professora da Educação Infantil.
LUIZ ORENSTEIN:	Ex-aluno do Eliezer Steinbarg, grande apoiador do projeto da escola.
MARCIA MERMELSTEIN:	Mãe de ex-alunos, avó de alunos, atual coordenadora pedagógica da Educação Infantil.

MARCOS LAHTERMAHER:	Pai de ex-alunos, avô de alunos, ex-presidente do IIBCE, atual conselheiro do IIBCE.
MICHEL VENTURA:	Ex-aluno Max Nordau, pai de ex-alunos Eliezer Steinbarg / Eliezer Max e ex-presidente da Diretoria de Pais do Eliezer Max.
MONIQUE GHELMAN BITTER:	Ex-aluna do Eliezer Steinbarg, mãe de alunos, ex-diretora administrativa, atual gestora de relacionamento e captação de alunos.
PAULO LERNER:	Ex-aluno do Eliezer Steinbarg, pai de alunos, membro do Conselho da mantenedora (IIBCE), bisneto de Tuli Lerner, um dos fundadores do Eliezer Steinbarg.
RAUL GOTTLIEB:	Pai de ex-alunos, avô de alunos e ex-presidente da Diretoria de Pais do Eliezer Steinbarg.
RICARDO GORODOVITS:	Pai de ex-alunos Eliezer Steinbarg / Eliezer Max e ex-membro da Diretoria de Pais do Eliezer Steinbarg e do Max Nordau.
RUBEM FERMAN:	Pai de ex-alunas e ex-presidente da Diretoria de Pais do Eliezer Max.
SANDRA NUNES:	Atual coordenadora adjunta da Educação Infantil.
SHEILA NAJBERG:	Ex-aluna do Max Nordau, grande apoiadora do projeto da escola.
SHIRLEI KOHL:	Mãe de ex-alunos, avó de aluna, ex-professora e ex-diretora pedagógica.
THELMA POLON:	Atual diretora pedagógica.
VICTOR DWECK:	Ex-aluno, pai de alunos, membro do Conselho da mantenedora (IIBCE).
VIRGINIA BASILE:	Atual coordenadora adjunta do Fundamental I.

PALAVRAS FINAIS

por Marcelo Weisz Brassay

“Meu pai queria que a criança fosse criança e tivesse tempo para brincar. Que pisasse na areia e se sujasse. Que jogasse com liberdade e autonomia. Era um parquinho orgânico e ecológico: casa da árvore de madeira com escorregador, balanço de pneus e casinha de boneca de alvenaria.”



ALUNOS DO C.A, EM 1981, NO PARQUINHO INFANTIL DESENHADO POR NICOLAS WEISZ BRASSAY, DIRETOR DE OBRAS, DIRETORIA DE PAIS DO ELIEZER.

DA AREIA DO DESERTO DO EGITO, de nossos antepassados e Moisés, até o parquinho do Eliezer onde nossas crianças aprendem brincando a pisar no chão de areia fina e a subir no Trem alegre da vida. Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar, já dizia Paulo Freire.

Só uma educação vinda do amor e alimentadora de sonhos pode ser transformadora.

Hoje é um momento especial em que queremos prestar homenagem e reverência ao caminho do Eliezer nesses últimos 70 anos de obra educativa e cultural. Um caminho de sonhos e amor, mas também de dificuldades e superações. Um caminho que fazemos juntos há gerações. E espero que nele juntos sigamos, com muito empenho e dedicação e com a importante participação de cada um de nós nesta fantástica obra comunitária.

Esse vínculo ancestral, de tradição e amor, é o que nós temos com o Eliezer. Vínculo de gratidão eterna e admiração, de respeito, por sua obra educadora e transformadora, que temos a honra hoje de comemorar: celebrando o passado, vivendo o presente e planejando o futuro.

Honrar o passado e construir o futuro. Um futuro melhor, mais generoso. De esperança, amor e sonhos!

Essa é a nossa missão e desejo profundo.

Mazel Tov , Eliezer!

Bis 120 ! Parabéns Eliezer 70 anos!

Marcelo Weisz Brassay



DORA E NICOLAS WEISZ BRASSAY, COMO REIS DA PÉRSIA, NA PEÇA DE TEATRO DOS PAIS, COMEMORATIVA DO 25º ANIVERSÁRIO DO ELIEZER.

ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA ELIEZER STEINBARG MAX NORDAU

Entidade Mantenedora Instituto Israelita Brasileiro de Cultura e Educação
Rua das Laranjeiras, 411 - Laranjeiras - Tel.: 258-8700 - Rio de Janeiro - RJ



membr

RECIBO Nº 211 de 08/02/87 - D.O. 1º-02-1980
E.E. 7-351 de 29-05/2007 - D.O. 27-05-2007

ANEXOS

PRESIDENTES DA DIRETORIA DE PAIS	
1954 - 1956	Manoel Chaseliov e Sra. Aida Kamenetzky - Mais tarde eleitos diretores honorários
1956 - 1957	Pedro Kullock
7/1957 - 1958	Bertholdo Pirim
1959	Jorge Jurkiewicz
1960	Bertholdo Pirim
1961	Fábio Becker
1962	Adolfo Chvaicer
1963 - 07/1964	Salomão Goldenstein
7/1964 - 1965	Fábio Becker
1966 - 1967	José Kaufman
1968 - 10/1969	Chaim Szwertszarf
10/1969 - 10/1970	Fábio Becker
19/10/1970 - 1971	Iancel Ghelman
1972 - 1974	Fábio Becker
20/11/1974 - 1980	Fortuné Maurice Perpignan
1981 - 1983	Jo Dweck
1984 - 1985	Mario Manela
1986 - 1987	Israel Jacob Paskin
1988 - 1994	Helio Szwertszarf
1995 - 1998	Raul Cesar Gottlieb
1999 - 2002	Marcio Reznik
2003 - 2006	Michel Ventura
2007 - 2009	Hélio Schechtman, Isaac Jarlicht e Jacques Musafir
2010 - 2011	Hélio Schechtman e Jacques Musafir
2011 - 2016	Rubem Ferman
5/2016 - 2021	Fabio Beildeck
2022 - 2024	Daniel Orlean

PRESIDENTES DO CONSELHO DO IIBCE

Ata de 13/07/1946	Pinheiro Guerstein
Ata de Fundação 6/9/1946 - 4/1957	Tuli Lerner
23/04/1957 - 7/7/1958	Bernardo Cornet
7/7/1958 - 5/6/1962	Tobias Kaczelnik
5/6/1962 - 28/6/1965	Paschoal Davidovich
28/6/1965 - 13/9/1967	Ieuda Ciornai
13/9/1967 - 16/6/1975	Jorge Jurkiewicz
16/6/1975 - 1977	Tobias Kaczelnik
14/3/1978 - 7/1981	Fabio Becker
25/8/1981 - 5/1986	Fortuné Maurice Perpignan
6/8/1986 - 1989	Marcos Lahtermaher
13/3/1990 - 1993	Tulio Grinberg
26/4/1994 - 1995	Gilson Fernando Hochman
14/12/1995 - 2024	Helio Szwertzarf

DIREÇÃO PROFISSIONAL	
1954 - 1970	Pejsach Tabak – Diretor Geral
1971 - 1975	Sol Garson Passi – Diretora Geral
1975 - 1984	Regina Averbug – Diretora Geral
1975 - 1985	Dora Fraifeld – Direção Administrativa
1975 - 1985	Lenita Jaolino Alves Pinto – Vice-Diretora Administrativa
1985 - 2005	Dora Fraifeld – Diretora Geral
1985 - 1994	Lenita Jaolino Alves Pinto – Diretora Administrativa
1985 - 2005	Shirlei Kohl – Vice-Diretora Pedagógica
2006 - 2009	Adriana Saul Zebulun – Diretora Administrativa
2006 - 2010	Shirlei Kohl – Diretora Geral
2011 - 2012	Ruth Dweck – Diretora Administrativa
2011 - 2012	Helena Finkelsztain / Lilian Feingold / Celso Garbarz – Diretoria Pedagógica
2012 - 2017	Monique Ghelman Bitter – Diretora Administrativa
2013 - atual	Thelma Polon – Diretora Pedagógica
2018 - atual	Bruno Gottlieb – Diretor Administrativo

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao querido Marcelo Weisz Brassay, pelo apoio para a realização deste livro.

AGRADECIMENTOS

A todos que participaram enviando fotos, objetos, lembranças e depoimentos.

Aos apoiadores das comemorações dos 70 anos:

Eliane e Daniel Tabak

Família Bitter

Família Gorberg Valdetaro

Família Mario Fleck

Felipe, Shana, Eva, Gabriel e Maya Cohen

Jaime e Marcia Spilberg e família

Lachter Imobiliária

Lize Goldemberg Milech

Marcelo Astrachan e família

Marina e Raul Gottlieb

Miriam e Arnaldo Gorin; Daniel; Leonardo; Marcelo e Flavia Gorin e família

Nelson Rozental e família

Silene e Moises Balassiano

Sylvia e Bruno Szwarc

CRÉDITOS

COMISSÃO EDITORIAL

Adriana Saul Zebulun, Bruno Gottlieb, Carolina Mann de Oliveira, Daniel Orlean,
Debora Fleck, Denise Dweck, Evelyn Trope Plachta, Fabio Beildeck,
Juliana Pereira de Faria, Marcia Mermelstein e Thelma Polon.

EXPEDIENTE:

Coordenação Editorial: Bruno Gottlieb e Evelyn Trope Plachta

Produção Executiva: mapa lab

Consultoria Editorial: LERCONNECTA

Texto e entrevistas: Silvia Marta Vieira

Pesquisa: Rosemary Zuanetti e Carolina Mann de Oliveira

Design de capa e miolo: Sérgio Campante

Revisão: Marcella Sarubi

Impressão e acabamento: Grafitto Gráfica

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

E42e Eliezer Max (Escola).

Eliezer Max : 70 anos / Eliezer Max. – Rio de Janeiro :
Eliezer Max, 2024.

160 p. : il. ; 28 cm.

ISBN 978-65-86367-74-4

1. Eliezer Max (Escola) 2. Escolas judaicas 3. Cultura
judaica I. Título.

CDD 371.02 (Edição 20)

Bibliotecária: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963

Esta obra foi produzida no outono de 2024.
O miolo foi impresso em papel couché fosco 150 g/m²
usando as fontes Prometo Sans, Gibson e Chronicle text.

